



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

JEAN SOUZA DOS ANJOS

AMOR, FESTA, DEVOÇÃO: a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas

REDENÇÃO E FORTALEZA / CE

2019

JEAN SOUZA DOS ANJOS

AMOR, FESTA, DEVOÇÃO: a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Ceará e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jânia Perla Diógenes de Aquino

REDENÇÃO E FORTALEZA / CE

2019

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Anjos, Jean Souza dos.

A619a

Amor, festa, devoção: a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas /
Jean Souza dos Anjos. - Redenção, 2020.
156f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado Acadêmico em Antropologia,
Mestrado em Antropologia, Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2020.

Orientador: Profa. Dra. Jânia Perla Diógenes de Aquino.

1. Umbanda. 2. Pombagira. 3. Ritual. 4. Antropologia visual.
I. Título

CE/UF/BSP

CDD 299.672

JEAN SOUZA DOS ANJOS

AMOR, FESTA, DEVOÇÃO: a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Ceará e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovada em: 20 / 08 / 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Jânia Perla Diógenes de Aquino (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Antonio George Lopes Paulino
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Joalice Santos Conceição
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)

À minha mãe, Luzia Lucia Souza dos Anjos.

Em memória de meu pai, Raimundo Nonato dos Anjos.

Em memória de minhas avós, Maria Amélia de Sousa e Estellita Marinho dos Santos.

À Moça.

AGRADECIMENTOS

À espiritualidade.

Ao Pai Valdo de Yansã, pela generosidade extrema.

À Melissa Reis, pelo cuidado e atenção.

À comunidade da Cabana do Preto Velho da Mata Escura, por me permitir estar junto, produzindo conhecimento.

À Maria Alves Rodrigues e minha Família de Santo, por me apoiarem.

À professora Jânia Perla Diógenes de Aquino, pela orientação e escuta.

Ao professor George Paulino e à professora Joanice Conceição, pela generosidade em aceitarem meu convite para participar da banca de dissertação.

À professora Violeta Holanda pela leitura e contribuição na banca de qualificação deste trabalho.

Ao Thadeu Dias, pela planta baixa do terreiro que deixou este trabalho muito mais elegante.

Ao João Gabriel, pela arte do cartaz que ficou absolutamente linda.

À Liduina Rocha, pela presença de força e segurança.

À Gisa Carvalho, pelo francês e pela torcida sentida de perto.

À Fernanda Meireles, por continuar transformando tudo em outras coisas.

À Eliete Rodrigues, Isabel Forte, Allan Ratts, Samaisa dos Anjos, Cecília Leite e Lucy Helia, porque eu sei onde estão e sempre posso encontrá-las.

Às queridas Simone Simões, Glória Diógenes, Sandra Petit, Cristina Maria, Alba Carvalho, Danyelle Nilin, Susana Abrantes, Kelma de Iemanjá, Iana Soares – e ao querido Leonardo Sá, pelas aprendizagens pela e na vida.

À Janainna Pereira, Marília Oliveira, Emi Teixeira, Alessandra Masullo, Kelma de Iemanjá, Fabiana Nascimento, Maria Helenita, Izabel Accioly, Suiany Silva, Breno Taveira, Barbara Monte, Luciana Monte e Zuleika Câmara, pela permanência nos dias difíceis.

Aos amigos Marcos Levi, Germano Santos e Mario Luis. Vocês foram incríveis!

Aos meus amigos e amigas que não desistem de mim, apesar de mim.

Esta dissertação não teria sido possível sem o apoio financeiro da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico (FUNCAP).

*"Sou um homem, sou um bicho, sou uma mulher
Sou a mesa e as cadeiras deste cabaré
Sou o seu amor profundo, sou o seu lugar no mundo
Sou a febre que lhe queima, mas você não deixa
Sou a sua voz que grita, mas você não aceita
O ouvido que lhe escuta quando as vozes se ocultam
Nos bares, nas camas, nos lares, na lama.
Sou o novo, sou o antigo, sou o que não tem tempo
O que sempre esteve vivo, mas nem sempre atento
O que nunca lhe fez falta, o que lhe atormenta e mata.
Sou o certo, sou o errado, sou o que divide
O que não tem duas partes, na verdade existe
Oferece a outra face, mas não esquece o que lhe fazem.
Nos bares, na lama, nos lares, na cama.
Sou o novo, sou o antigo, sou o que não tem tempo
O que sempre esteve vivo.
Sou o certo, sou o errado, sou o que divide
O que não tem duas partes, na verdade existe.
E não esquece o que lhe fazem
Nos bares, na lama, nos lares, na lama
Na lama, na cama, na cama"*

Mal Necessário

(Mauro Kwitko)



Imagem 1: Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas - Foto/JeanDosAnjos, 2018

RESUMO

Este trabalho é uma narrativa etnográfica visual resultado de uma pesquisa sobre a Festa da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas na Cabana do Preto Velho da Mata Escura, terreiro de Umbanda localizado no bairro Bom Jardim, em Fortaleza, Ceará. A festa é o elemento central da pesquisa que também é norteadada por questões da religião, corpo e imagem. A narrativa visual é composta por imagens produzidas pelo autor e são reveladoras de mapas de compreensão para o exercício de uma antropologia visual. O texto é uma descrição das sete giras, do cortejo, da matança e da Festa da Rainha, evidenciando suas complexidades e tensões no universo religioso e cultural da comunidade de terreiro. O trabalho propõe um olhar relacional entre escrita, imagem e poética colaborando com o conhecimento da antropologia visual e da religião no Brasil.

Palavras-chave: Umbanda. Pombagira. Festa. Imagem.

ABSTRACT

Love, Party, Devotion: Pombagira Queen Sete Encruzilhadas

This work is a visual ethnographic narrative resulting from an research about The Party of Pombagira Queen of Seven Crossroads at Cabana do Preto Velho da Mata Escura, an umbanda yard located in Bom Jardim neighborhood, in Fortaleza, Ceará state. The party is the central element of this research which is also composed by religion, body and image matters. This visual narrative is made of images produced by the author and reveals comprehension maps to the exercise of the visual anthropology. The text brings the description of seven giras, of the procession, the sacrifices and the Queen Party, highlightening its complexities and tensions within the religious and cultural universe of this yard community. This research proposes a link between writing, image and poetics adding contribution to visual anthropology and religion knowledge in Brazil.

Key-words: Umbanda. Pombagira. Party. Image.

RÉSUMÉ

Amour, fête et dévotion: Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas

Ce travail est une narration ethnographique visuelle résultant d'une recherche sur la Festa da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas dans la Cabana do Preto Velho da Mata Escura, dans la cour d'Ombanda située dans le quartier de Bom Jardim à Fortaleza, Ceará. La fête est l'élément central de la recherche, elle-même guidée par des questions de religion, de corps et d'image. Le récit visuel est composé d'images produites par l'auteur et révèle des cartes de compréhension pour l'exercice d'une anthropologie visuelle. Le texte est une description des sept tours, de la procession, de la tuer et de la Festa da Rainha, soulignant leur complexité et leurs tensions dans l'univers religieux et culturel de la communauté. Le travail propose un regard relationnel entre l'écriture, l'image et la poétique collaborant en tant que connaissance de l'anthropologie visuelle et de la religion au Brésil.

Mots-clés: Ombanda. Pombagira. Fête. Image.

LISTA DE IMAGENS

Imagem	Página
Imagem 01 - Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas.....	08
Imagem 02 - Altar - Festa da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas.....	14
Imagem 03 - Francisco da Maria Padilha - O cambone mais antigo do Terreiro.....	18
Imagem 04 - Mãe Aparecida, a Ekedí da casa, com a Rainha Pombagira.....	22
Imagem 05 - Gira, trabalho, macumba, feitiço, pensamento.....	25
Imagem 06 - Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas.....	29
Imagem 07 - Frente do Terreiro no dia da Festa da Rainha.....	34
Imagem 08 - Rota Cidade 2000 - Bom Jardim.....	36
Imagem 09 - Mapa Bom Jardim.....	36
Imagem 10 - Planta baixa da Cabana do Preto Velho da Mata Escura.....	39
Imagem 11 - Rainha Pombagira de frente para a imagem de Exu Tranca-Rua.....	40
Imagem 12 - Sete Encruzilhadas gargalha com a sua força de mulher.....	43
Imagem 13 - Afirmação do pensamento.....	45
Imagem 14 - Rainha do Amor.....	48
Imagem 15 - Força do símbolo.....	50
Imagem 16 - As pipocas, depois do ritual de limpeza, são varridas e descartadas....	54
Imagem 17 - Ponto riscado.....	58
Imagem 18 - Preta Velha abençoa Walber Lopes.....	63
Imagem 19 - Dona Maria Padilha.....	69
Imagem 20 - Exu fuma, Exu come.....	73
Imagem 21 - A Rainha Pombagira lava os pés do seu povo com alfazema.....	75

Imagem 22 - Senhora das Encruzilhadas.....	80
Imagem 23 - O ovo como o símbolo do renascimento.....	81
Imagem 24 - Macumba, força do pensamento.....	82
Imagem 25 - Trabalho.....	85
Imagem 26 - Seu Zé Pilintra.....	86
Imagem 27 - Sacrifício.....	90
Imagem 28 - Um beijo para o Exu-Mulher.....	92
Imagem 29 - Amor.....	93
Imagem 30 - Pombagira sara e cura.....	96
Imagem 31 - Rainha Pombagira e seus cambones.....	98
Imagem 32 - Fé, esperança e caridade. Força entre mundos.....	100
Imagem 33 - Maria Padilha da Estrada.....	105
Imagem 34 - Reunião para organização da Festa da Rainha Pombagira.....	106
Imagem 35 - Cemitério da Parangaba.....	110
Imagem 36 - Exu vai ao mar.....	111
Imagem 37 - Encruzilhada, morada da Rainha Pombagira.....	111
Imagem 38 - Pombagira dá prosperidade.....	112
Imagem 39 - Ebó.....	112
Imagem 40 - Cortejo da Pombagira em Fortaleza.....	113
Imagem 41 - Cabaré.....	114
Imagem 42 - Fatura. Mercado São Sebastião.....	115
Imagem 43 - A força da alegria e da ancestralidade na Umbanda.....	116
Imagem 44 - Tambores ancestrais.....	116
Imagem 45 - Matança.....	118

Imagem 46 - Fundamento.....	120
Imagem 47 - A Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas renasce.....	124
Imagem 48 - Incenso de limpeza.....	125
Imagem 49 - Exu Duas Cabeças.....	127
Imagem 50 - Festa da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas.....	129
Imagem 51 - Rainha da Umbanda.....	132
Imagem 52 - Maria Padilha.....	133
Imagem 53 - A Rainha e Melissa Reis, sua cambone.....	134
Imagem 54 - Melissa Reis, a Moça da Taça.....	137
Imagem 55 - Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas.....	142
Imagem 56 - Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas.....	144

SUMÁRIO

1	NA GIRA DA ETNOGRAFIA.....	14
2	NAS ENCRUZILHADAS DA EXISTÊNCIA - UMA DESCRIÇÃO.....	29
3	ELA É MULHER! - A FESTA DA RAINHA.....	125
4	CAMINHOS ABERTOS, VENCENDO GUERRAS.....	143
5	REFERÊNCIAS.....	147

1 - NA GIRA DA ETNOGRAFIA¹

*"Iansã comanda os ventos
e a força dos elementos
na ponta do seu florim.
É uma menina bonita
quando o céu se precipita.
Sempre o princípio e o fim"*

(Caetano Veloso /Gilberto Gil)

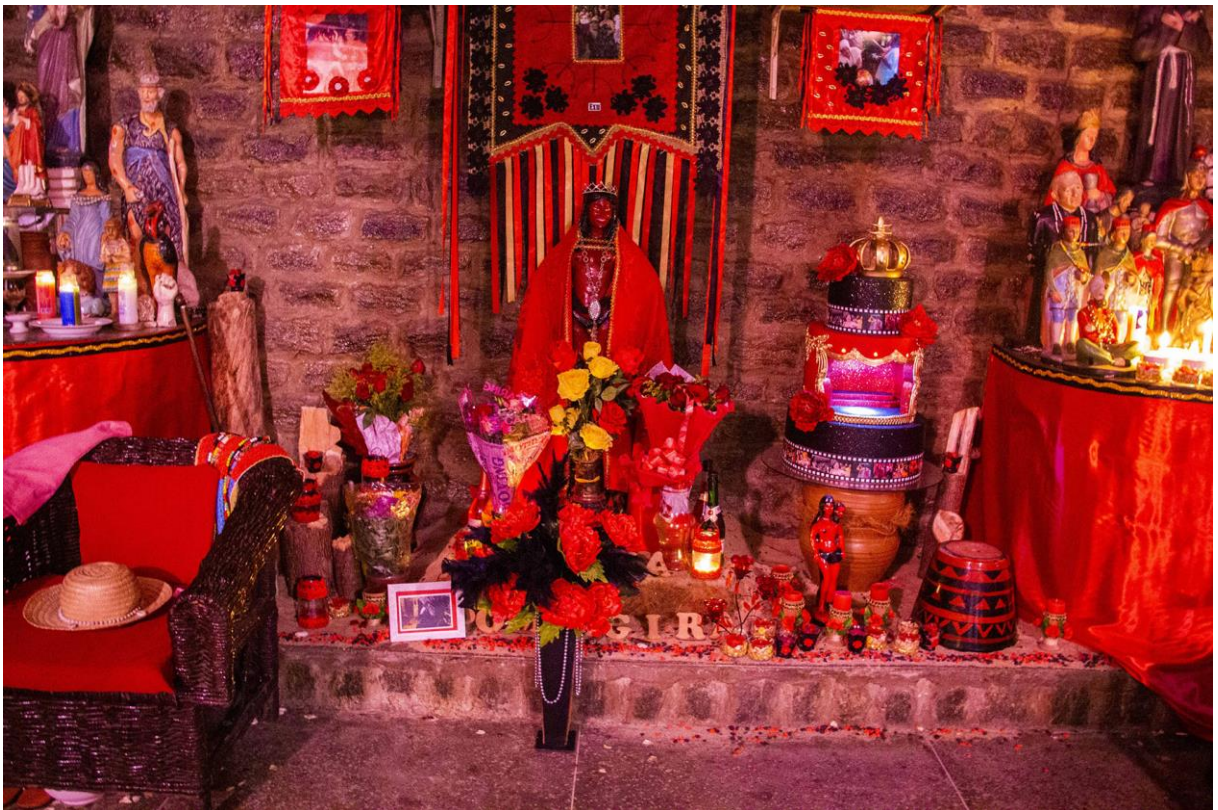


Imagem 2: Altar - Festa da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas - Foto/JeanDosAnjos, 2018

Uma Rainha que dança, bebe, fuma e gargalha. Uma Rainha que, também, serve aos seus súditos. Uma mulher que preza pela liberdade e mantém seu poder para proteger aqueles e aquelas que nela têm fé e devoção. A mulher do amor, da alegria, da caridade e da esperança. A entidade do preto e do vermelho. A dona do seu corpo que não nega sua sexualidade e seus desejos. A Moça que não teme as encruzilhadas da noite escura. Aquela que vê no sangue a vida, no vento a mudança, na terra a criação, na água a força e no fogo a purificação. Seu corpo é festa e guerra. Este trabalho é uma narrativa etnográfica e imagética

¹Girar, na Umbanda do Ceará, é trabalhar. Dizer “vou para a gira”, significa dizer “vou para a baia”. A palavra “baia” tem o sentido de “trabaia”, trabalha. Esta dissertação é um trabalho de macumba, uma gira. Uma narrativa etnográfica macumbeira.

sobre a Festa da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas da Cabana do Preto Velho da Mata Escura, terreiro de Umbanda e Candomblé² localizado no bairro Bom Jardim, em Fortaleza, Ceará.

Comecei a construir a relação com a comunidade da Cabana do Preto Velho da Mata Escura em 2009 quando lá estive pela primeira vez para fazer uma entrevista sobre Umbanda. Voltei em 2013 e participei da Festa da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas. Nunca mais deixei de participar dessa grandiosa festa e de fotografá-la. A Festa da Rainha sempre me deixou muito impressionado pela beleza, riqueza e organização. Daí comecei a observá-la sistematicamente tentando entender seus elementos e como ela era vivida pela comunidade.

Desde a minha inserção no terreiro para a pesquisa venho tentando compreender aspectos e traços culturais ligados a questões da religiosidade da Umbanda e a produção de sentidos e significados do evento em si. Neste sentido, este trabalho é delimitado pela construção de conhecimentos e saberes relacionados à festa como fenômeno da vida humana.

Minha relação com o terreiro tem tomado proporções que foge do ambiente da pesquisa. Construí uma relação de afeto com grande parte dos que fazem a comunidade e hoje eles e elas não podem ser chamados/as somente de interlocutores. A confiança que o povo do terreiro deposita em mim é, de certa forma, dada a partir das devolutivas que fui oferecendo da pesquisa.

As fotografias que produzi durante todo o tempo de pesquisa foram sendo devolvidas para a comunidade e isso foi gerando conversas, reflexões e conhecimento sobre o que estava sendo desenvolvido. Em 2016 fui premiado no Salão de Abril³ com o ensaio fotográfico *Ela é bonita, Ela é mulher* com imagens da festa de 2015. O significado desse prêmio foi muito impactante para a minha relação com a comunidade porque ela começou a perceber os usos e deslocamentos que a minha produção imagética poderia reverberar tanto para ela, como para a sociedade em geral. De certa forma estávamos, juntos, saindo do privado para o público. Em 2017 apresentei minha monografia dentro do terreiro. *A Festa da Moça: Notas sobre a Festa de Dona Pombagira* (Anjos, 2017) teve uma grande repercussão

²Em Fortaleza, trabalhar no mesmo terreiro com Umbanda e Candomblé já foi “mal visto” pela comunidade tanto da Umbanda como do Candomblé. Atualmente essa tensão, me parece, está amenizando.

³Lançado em 1943, como iniciativa da Secretaria de Cultura da União Estadual dos Estudantes (UEE), o Salão de Abril foi encampado em seguida por artistas que atuavam na cidade nos anos 1940. Foi assim que, a partir da segunda edição do Salão, em 1946, a Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP) assumiu a sua realização, tornando-se a entidade responsável por sua continuidade até 1958. Faziam parte da SCAP artistas como Antônio Bandeira, Aldemir Martins, Barrica, o suíço Jean Pierre Chabloz, o jovem Estrigas, a sua futura mulher Nice Estrigas, Sérvulo Esmeraldo e, mais tarde, Dona Heloisa Juaçaba e muitos outros artistas que vieram em suas edições até os dias atuais. Ver mais em <http://www.salaodeabril.com.br/> Acesso em: 09 Ago. 2019.

tanto no terreiro como no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC). E assim, restituindo o que fui “tomando” do terreiro, a relação foi se solidificando. Hoje posso dizer que sou “de dentro” da casa.

Criar laços com a pesquisa pode demorar anos. Penso que nesses seis anos de pesquisa na Cabana do Preto Velho da Mata Escura esses laços têm se consolidado. E, também, com terreiros dos filhos e filhas do Pai Valdo de Iansã, zelador da Cabana. Tenho caminhado com liberdade segurando a câmera fotográfica em todas as festas de Umbanda do terreiro. Digo isso porque nas festas de Candomblé da casa não é permitido fotografar. O Ilê Asé Ojú Oyá⁴ fica no mesmo espaço, mas os preceitos, como tinha que ser, são completamente diferentes. Neste caso, o Candomblé é subordinado a um Ilê de Salvador, na Bahia.

“Pai Valdo, posso fotografar isso?”, pergunto sempre. “Pode”, ele responde imediatamente. Pai Valdo sabe que a fotografia que produzo não será divulgada ou usada sem passar pelo crivo dele. E tem coisas que não precisa perguntar. O meu bom senso me responde sem necessidade de consulta ao terreiro. Tenho dividido as fotografias com a comunidade. Imprimo e dou. E aproveito para conversar sobre alguma coisa importante do dia em que a imagem foi feita. A fotografia nos aproxima e produz diálogos importantes para a pesquisa.

Outra coisa que me aproxima da comunidade é o fato de eu ser, também, umbandista. Fui iniciado há alguns anos por Mãe Eliane da Cabocla Jurema que mantém terreiro no bairro Jóquei Clube. Embora não tenha feito o desenvolvimento na religião, conheço algumas práticas desde criança, pois minha Tia Dedé, irmã de meu pai era umbandista e eu convivi com o terreiro dela no bairro Cidade dos Funcionários. O mundo mágico religioso também fazia parte da vida da minha avó materna, Maria Amélia, que era rezadeira e estava sempre praticando a caridade para quem a procurava. Perto da casa de minha avó materna, na Praia de Iracema, tinha o terreiro de Dona Odete que, nos meses de outubro, fretava ônibus para a Festa de São Francisco das Chagas de Canindé onde íamos, eu e minha mãe, encontrar meu pai que tinha ido à cidade da fé a pé. Minha vida é marcada pela religiosidade popular e isso tem a ver com a razão de ser desta pesquisa.

De fato, o universo religioso tem centralidade na minha existência. Seja pela minha mediunidade na Umbanda, seja pela minha afetividade e devoção pelos caboclos, exus, orixás, santos e santas católicas, seja pela minha atividade na prática da ioga, ou seja, pela minha fé na humanidade, a religião (ou as religiões) é alicerce para os dias difíceis de se viver.

⁴ O Terreiro mantém um sítio na internet com informações sobre suas atividades. Disponível em <http://ileasejuoyace.blogspot.com/> Acesso em: 09 Ago. 2019.

De algum modo sinto que a minha pesquisa é conectada com tudo isso e a produção de saberes que realizo faz parte de uma caminhada existencial, epistemológica e política.

Existencial porque estou falando das minhas vivências em terreiros desde o barracão da casa da minha tia, passando pela Festa de Iemanjá na Praia do Futuro até chegar ao Bom Jardim. É uma história que perpassa a minha vida e a vida de minha família. De todo modo, vem de memórias ancestrais e bate na memória da minha pele. Esta pesquisa diz de mim e do olhar que lanço ao mundo.

Epistemológica porque quer gerar conhecimento antropológico. Refiro-me especificamente às disciplinas de antropologia da religião e antropologia visual. É consensual que os estudos na área de antropologia da religião têm tido cada dia mais relevância no mundo contemporâneo onde o fato religioso tem, cada vez mais, se destacado e se juntado às questões políticas e ideológicas. E a produção de imagens que este trabalho revela pode dar mapas de compreensão⁵ para a formação do pensamento acadêmico. Assim, podemos também pensar com as imagens e refletir sobre o mundo que elas nos oferecem.

Política porque estou falando de corpo de mulher, festa de mulher, resistência de mulher. O feminicídio no Ceará cresceu mais de 400% em 2018⁶ e Fortaleza se consolidou como uma das cidades mais violentas do mundo. Também estou tratando de terreiro de Umbanda da periferia de Fortaleza. Estou refletindo sobre o Bom Jardim, bairro de IDH muito baixo e que faz sua resistência com cultura e assistência social. Por fim, falo de uma religião historicamente colocada à margem por uma sociedade marcadamente racista.

Justamente pela questão dos ataques à Umbanda e outras religiosidades afro-ameríndias este trabalho preza pela utilização da ética⁷ e do bom senso. Portanto, os segredos sagrados ancestrais que se realizam nas cerimônias não são revelados. As imagens que compõem a narrativa visual foram escolhidas de forma que visibilizem uma etnografia visual, mas que não banalizem o mundo espiritual do terreiro.

Por fim, preciso dizer que este texto é livremente inspirando no livro *Oritamejí: o antropólogo na encruzilhada*, de Julio Braga (2000). A construção desta pesquisa é imbricada

⁵ As imagens visuais parecem conter não somente mensagens, mas também os mapas necessários para compreender essas mensagens. No momento em que se realiza um tipo particular de investimento na imagem, o contexto da comunicação adquire um significado cada vez maior. O resultado é um tipo diferente de imagem, que depende da especificidade cultural e da história local. (Burnet, 1995, p. 300 apud Feldman-Bianco; Leite, 1998, p. 12)

⁶ Ver o artigo de Dillyane de Sousa Ribeiro: As meninas e a necropolítica no Ceará. Disponível em: <http://cedecaceara.org.br/site/index.php/tag/feminicidio/> Acesso em 20 Jul. 2019.

⁷ Utilizo o Código de Ética do Antropólogo e Antropóloga, da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Disponível em: <http://www.portal.abant.org.br/codigo-de-etica/> Acesso em: 20 Jul. 2019.

com a minha trajetória pessoal que, muitas vezes é conflitante, pois exige uma constante reflexão entre a racionalidade, a mística, a mágica e o fazer antropológico.

O texto é dividido em quatro partes. Na primeira parte, contextualizo a pesquisa e referencio as opções metodológicas do trabalho. Na segunda parte, faço uma breve introdução à história da Umbanda e falo sobre o terreiro onde realizo a pesquisa. Descrevo as sete giras da Pombagira, o cortejo e a matança que antecedem a festa. A terceira parte é dedicada à Festa da Rainha e uma breve narrativa da trajetória de vida de Melissa Reis, sua cambone⁸. Na quarta parte realizo comentários sobre a pesquisa.

...



Imagem 3: Francisco da Maria Padilha - O Cambone mais antigo do Terreiro. Foto/JeanDosAnjos, 2018

Este trabalho tem uma diversidade de metodologias que foi se construindo ao longo do tempo. Acredito que uma pesquisa não precise de um só método e que o método deva estar pronto. O método acontece no realizar da pesquisa.

Assim, nesta pesquisa estou bebendo de muitas fontes tentando achar os caminhos de tecer a Antropologia, as Ciências Sociais e Humanas. E posso dizer que o caminhar tem suas alegrias, mas também suas angústias.

⁸Cambone ou cambono: auxiliar do sacerdote ou dos médiuns incorporados na umbanda. (Silva, 2005, p. 136)

Desde que li *Ser afetado*, de Jeanne Favret-Saada (2005), sinto que minha realidade de pesquisa se aproxima daquilo que essa autora assume como método. Mas uma metodologia não é simples de se relatar. Favret-Saada tem um campo de pesquisa de dez anos, eu estou com cinco anos. Esquematar o método é um dos maiores desafios.

No sentido empregado por Diógenes (1998, p. 61), minha metodologia é uma colcha de retalhos. Ela foi construída no decorrer da pesquisa, nessa costura das diversas escolhas que fiz. Talvez porque aplicada à pesquisa qualitativa, ela é, além de interpretativa e reflexiva, multimetódica (Gialdino, 2006, p. 29).

Este texto é tecido como parte de uma experiência, tanto da experiência de pesquisa bibliográfica, como da experiência de campo. Ambas estão imbricadas à construção da pesquisa. Nada é apartado porque entendo que não pode ser. Todas as leituras feitas, todas as idas ao Bom Jardim estão aqui junto com este texto e são, em si, parte de um processo de feitura deste trabalho. É meu desejo que o/a leitor/a se perceba parte dessa construção, entendendo, desde o princípio, a gênese desta pesquisa e os caminhos percorridos até aqui.

Perceber algo não é apenas ter uma ideia a respeito, mas lidar com isso de alguma forma. A influência epistemológica de Merleau-Ponty (2011) ficará clara ao leitor. A epistemologia da minha pesquisa parte da referência ao filósofo francês, passa por Lévinas (2009) e Buber (2001) até chegar a Bachelard (2009).

A fenomenologia é

O estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que possa compreender o homem e o mundo de outra maneira a partir de sua “facticidade”. É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre “ali”, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar esse contato ingênuo com o mundo para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. É a ambição de uma filosofia que seja uma “ciência exata”, mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo “vivididos” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 01).

Merleau-Ponty indica que a fenomenologia é, também, a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é. Essa epistemologia me inspira para uma prática antropológica em que a experiência é central na pesquisa e na construção dos métodos.

Não trato essência como dado primeiro, mas um itinerário da minha experiência com o terreiro. A presença inalienável do terreiro no mundo, o contato dele com o mundo a partir das suas festas e o fato de sua existência antes do meu esforço de compreendê-lo é o que chamo de essência de sua memória que realizo em mim. Desta forma, trato o corpo das festas como corpos presenças de sua essência. Pensando com Merleau-Ponty (2012) trato das

coisas visíveis (a matéria) e das coisas invisíveis (a magia) produzindo outros corpos ora presentes, ora ausentes, existentes no mundo. A reflexão conduzida com imagens produz memórias individuais e coletivas que geram percepções e experiências sobre sentidos de existências. Os corpos fotografados revelam o mundo vivido da comunidade do terreiro.

Lévinas e Buber são filósofos que dedicaram seus estudos às questões da alteridade e do encontro. Para Lévinas (2009), é no rosto do Outro que a filosofia acontece. No rosto do Outro a justiça e a caridade aparecem a partir da responsabilidade. Sou responsável pelo outro e pela afirmação de sua dignidade. A questão da responsabilidade pelo Outro, no pensamento de Lévinas, é fundamental. Buber, como diz Newton Aquiles Von Zuben, tradutor do livro *Eu e Tu*, tem seu pensamento antropológico como um marco essencial dentro das ciências humanas e da filosofia. A questão da relação e do diálogo no pensamento de Buber (2001) me interpela e instiga na minha pesquisa e na produção de um saber antropológico. Para o filósofo judeu, a relação de reciprocidade entre o Eu e o Tu é sagrada e exige doação. Coisificar o Tu, isto é, transformar o Tu em Isso, é negar o sentido relacional que inspira confiança nas relações do homem com o Outro, com a natureza e com Deus. Neste sentido, o pensamento de Buber, que é dialógico, indica uma ordem simbólica no mundo onde os encontros se revelam como vinculadores de experiências existenciais.

Bachelard (2009) tem forte influência neste trabalho. Primeiro, porque nada aqui é definitivo. Segundo, porque eu estou tratando de uma experiência temporal, ou seja, é uma experiência em aberto que poderá se desdobrar em outras experiências. Faço uso de intuições, sonhos e visões do mundo, porque estou tratando de descobertas do pensamento e os conceitos que aqui surgem são reflexos dessas descobertas. Mas aqui nada é novidade, embora, ao mesmo tempo, seja. Tudo neste trabalho é simples, porque contém relatos da minha experiência na pesquisa de campo; mas também é complexo, porque há uma vontade de entendimento e interpretação do mundo. Do mundo que eu recortei para narrar aqui.

A produção de imagens estará referenciada por Barbosa (2016) Novaes (2015), Samain (2012) e Feldman-Bianco (1998), entre outras. Imagens não são só imagens, imagens são mapas de compreensão e formam oceanos de conhecimento. As imagens produzidas comunicam, investem, especificam e são capazes de criar uma nova ordem. As imagens produzidas para esta pesquisa têm esta intenção: fomentar o conhecimento na Antropologia e na cultura investindo nos saberes compreensivos que as imagens nos dão.

A fotografia cita e não traduz ou informa. A fotografia utilizada como potência narrativa traz em si a complexidade da evocação de uma experiência humana (Barbosa, 2016). Adotar a fotografia como um instrumento metodológico na pesquisa etnográfica significa dar

forma às vozes e olhares daqueles que contribuem para o relato etnográfico (Copque, 2011, p. 150). A fotografia, como a própria Rainha Pombagira, é uma aparição. A fotografia, como a Pombagira, é viva.

Comecei a perceber que, de fato, as minhas práticas fotográficas poderiam ser alinhadas às pesquisas e à produção de saberes e conhecimentos. Lendo um artigo da Prof.^a Dr.^a Simone Simões Ferreira Soares (2001), entendi o quanto a fotografia pode ser útil na Antropologia e nas Ciências Sociais, inclusive reforçando a cooperação entre pesquisador e pesquisado, fomentando a Antropologia Compartilhada e a Antropologia da Restituição⁹ (Vale, 2014).

Por fim, utilizo a metodologia de Kofes (2001) para narrar a vida de Melissa Reis à luz da Antropologia com sua tessitura de significados apreendidos durante a pesquisa. A narrativa de Kofes compreende intuições que desvelam camadas da pesquisa. As experiências fluem produzindo diálogos entre pesquisador e pesquisado. Como a autora, tratarei de pessoas, personagens, atos, fatos, lugares e tempos. Entre contextos e tramas. Recortes temporais recolhidos no percurso da pesquisa.

Na conjugação de diversos métodos, busquei realizar a aplicação de um modelo artesanal de ciência. Estou pensando com Howard Becker (1999, p. 12): “prefiro um modelo artesanal de ciência, no qual cada trabalhador produz as teorias e os métodos necessários para o trabalho que está sendo feito”.

Mas não dispense o trabalho de campo sistemático, com a coleta presencial dos dados, que envolve vasculhar todos os lugares do terreiro, a fim de reconhecer grupos, discursos, dinâmicas de interação, características arquitetônicas e outros elementos que surjam com o tempo, através da domesticação teórica do olhar (Cardoso de Oliveira, 2006, p. 19).

⁹A pesquisa colaborativa e a restituição de dados etnográficos constituem dois processos que emergiram em resposta às exigências éticas e políticas do processo de pesquisa, na esteira dos debates teóricos sobre a crise da representação em antropologia (CLIFFORD e MARCUS, 1986). O método colaborativo tornou-se uma condição incontornável da antropologia acadêmica e aplicada. Ele tem contribuído de forma decisiva para a multiplicação de projetos de restituição de dados etnográficos, auxiliado pelo acesso crescente às tecnologias da informação e da comunicação. Esse processo, essencialmente dialógico e participativo, que envolve estratégias discursivas de identificação de problemáticas de pesquisas e a devolução de achados etnográficos (vistos como “objetos de saber”) na forma de textos, imagens, sons ou vídeos numéricos, constituem o interesse central de uma antropologia da restituição (DE LARGY HEALY, 2011). Na França, o trabalho de Françoise Zonaben (1994), *De l’objet de la restitution en anthropologie* é considerado como um dos textos fundadores dessa discussão, seguido pelo trabalho de Bertrand Bergier (2000), *Repères pour une restitution des résultats de la recherche en sciences sociales. Intérêts et limites*. No Brasil, o empenho na construção de uma antropologia colaborativa e da restituição tem sido uma marca nos trabalhos vinculados à antropologia visual. (Vale, 2014, p. 163)

As entrevistas foram realizadas com o uso de gravador de celular. Tenho buscado nas entrevistas histórias de vida que vão se entrelaçando com história do terreiro e a relação com a Rainha Pombagira.

...



Imagem 4: Mãe Aparecida, a Ekedí da casa com a Rainha Pombagira. Foto/JeanDosAnjos, 2018

A construção das narrativas deste trabalho visa, como ensina Paul Ricoeur (1994), compreender a experiência humana em um caráter temporal dentro da história. Ter uma pré-compreensão do mundo é tornar possível reconhecer acontecimentos e ações por meio dos seus traços estruturais, simbólicos e temporais. Além de dominar os elementos da realidade, a narrativa acresce traços discursivos de modo que ela se diferencie de qualquer frase de efeito e ação. Nesse modo de operar é que se abre a composição poética. Media-se com uma tessitura a ficção, a configuração, a composição e o agenciamento dos fatos extraíndo uma história plural e heterogênea que o autor chama de concordante-discordante.

Por fim, o fundamental lugar do leitor na interseção entre o mundo dele e mundo do texto apoiado pelas suas referências de mundo e assumindo sua condição de sujeito. Ricoeur (1994) chama esse caminho de atividade mimética e enfatiza que ele é circular e espiral. É um caminho infinito que faz o pensamento e a reflexão passar muitas vezes pelo mesmo ponto, mas numa atitude diferente. Este é o círculo hermenêutico entre a narrativa e o tempo, o círculo de compreensão do mundo. Compreender as narrativas a partir de Paul Ricoeur é entender que este trabalho está situado em tempo histórico e é permeado pelas minhas subjetividades perante a comunidade pesquisada. A reflexão não está pronta. Ela se movimentará várias vezes a partir da leitura de cada um, cada uma. A narrativa, como o vento, um movimento.

Inspiro-me profundamente na obra de Hubert Fichte, *Etnopoesia: Antropologia poética das religiões afro-americanas*, de 1980, e traduzida no Brasil em 1987. O autor alemão, nascido em 1935, exerce a sua escrita com liberdade e fome de experiência e conhecimento levando-o a ser chamado de "etnólogo poeta" ou "poeta etnólogo" em sua empreitada científica no mundo das culturas negras. Wolfgang Bader informa que, depois da estreia literária com o volume de contos *Partida para Turku*, em 1965, em que ensaia seus temas e estilo,

Fichte começa a trabalhar seu verdadeiro universo literário. No começo vem a recordação autobiográfica, que extrai o tempo vivido do passado articulando-se como camada de um Eu - como se o autor tivesse de percorrer mais uma vez, por escrito, a sua vida, para apossar-se dela. Para isso, Fichte expressa-se através de protagonistas ficcionais, cuja história é elaborada em forma de narrativa, da infância até o presente, até que por fim se diluam no Eu-do-Autor e sejam logo reconhecíveis como "manifestação literária das diversas camadas de pele de uma existência". Nessa fase, a escrita recordante passa à simultaneidade de vida e escrita: a vida preenche a escrita, a escrita esboça a vida, vida e escrita lutam entre si, por um estilo. Para Fichte, escrever é expor-se a uma realidade estranha, e esta vai das existências marginais na sociedade alemã às religiosidades afro-americanas. (BADER, 1987, p.10)

A autenticidade de Fichte (1987) e a coragem de enfrentamento de mundo em suas obras colocam-no como um não contador e descritor tradicional. É um arqueólogo da linguagem, que junta seu material na forma adequada como um artesão (Bader, 1987, p. 19). Sua condição de marginal permite-lhe tornar-se presente em si os espaços de seu passado conhecido, até dissolver-se nos espaços do presente estrangeiro.

Com isso, não se lida com espaço no sentido de uma escrita realista: na obra de Fichte mal se encontra descrições ou representações detalhadas que participem ao leitor como tudo se parece de verdade. O espaço se transforma muito antes numa organização social, é dissolvido nos sentimentos e comportamentos daqueles que vivem nele e mimeticamente elaborado como pura construção verbal literária. (Idem, p. 18-19)

Seu caráter questionador o faz perguntar por que o etnólogo rejeita suas possibilidades estéticas ou por que os trabalhos científicos têm de ser mais completos que o assunto de que tratam (Fichte, 1987, p. 36). Minha aproximação com Fichte torna meu trabalho mais poético e estético sem abrir mão do rigor ético, político e científico. Minha intenção é que o leitor e a leitora sintam prazer em ler as duas narrativas, escrita e fotográfica, que se inter cruzam nesta dissertação, entendendo que o saber antropológico é o alicerce que a sustenta.

As narrativas imagéticas desta dissertação são construídas sob forte influência dos estudos e práticas etnográficas das professoras Cornélia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha, ambas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). As narrativas fotográficas produzidas por Fernanda Rechenberg, Jéssica Hiroko de Oliveira e Olavo Ramalho Marques como recursos metodológicos possibilitaram aos pesquisadores explorar a estética do grupo pesquisado e as diversas camadas do tempo impressas nas coisas. Estes momentos foram nomeados por um dos autores como “encontros imagéticos” (Oliveira, 2013, 93).

Nosso desafio é o de uma comunicação experimental que traga ao plano do conhecimento as imagens da vida em sociedade em seu questionamento de representações verossímeis. Aqui subjaz a crise da própria retórica da escrita científica em sua predominância, em detrimento da escuta e do olhar sensíveis. Novas linguagens reconhecem e proclamam a polissemia de narrativas escritas, sonoras, visuais, onde a transmissão de conhecimento retoma um lugar deveras singular. A musicalidade, as fotografias, os vídeos, os filmes, a poesia, as oficinas de arte, etc., constituem suportes ricos de reciprocidades de conhecimento. Como bem diz a etnomusicóloga e documentarista vietnamita, Trinh Minh-HA, precisamos parar de pensar a "arte" e a "vida" como dualidades que pertençam a pólos mutuamente exclusivos. As novas tecnologias e oferecem igualmente como campos de trocas de aprendizados e produção científica, como podemos ver nas pesquisas divulgadas a partir de hipertextos, visando à circulação de ideias, para além das fronteiras acadêmicas. Novas problemáticas autorais acompanham esta interlocução cognitiva. Sentir-se provocado, incomodado, deslocado de estéticas convencionais, é sem dúvida ampliar trocas e experiências de viver socialmente. É, também, refletir sobre as práticas de construir pequenos gestos cotidianos, movendo temporalidades

concretizadas em trajetórias humanas, experiências e práticas concretas, como já preconizava Marcel Mauss. Nosso compromisso é ético nos processos sociais que não nos pertencem, mas dos quais podemos participar tomando a palavra, como indicam os autores deste livro. Um modo de nos implicarmos com a imagem, o imaginário, o sonho e a esperança de continuar instigando o conhecimento, desfazendo representações definitivas e ousando durar na incerteza e na descontinuidade. (MARTINS; ECKERT; NOVAES, 2005, p. 10)

O meu compromisso com a comunidade da Cabana do Preto Velho da Mata Escura é ético e estético. As narrativas imagéticas que construo aqui dão conta da experiência de vida do terreiro, dos traços culturais da comunidade e do movimento político que a Umbanda tensiona no mundo. As fotografias escolhidas para compor a narrativa fazem parte de um olhar etnográfico treinado para dar conta da experiência da realidade sem abrir mão do plano estético e poético.

O leitor e a leitora deste trabalho devem encontrar nas brechas, entre as palavras e as imagens, a energia da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas, as alegrias e tensões da comunidade da Cabana do Preto Velho da Mata Escura e as práticas de resistência da Umbanda no Brasil.



Imagem 5: Gira, trabalho, macumba, feitiço, pensamento - Foto/JeanDosAnjos, 2018.

...

Ser afetado, de Favret-Saada (2005) é o texto norteador para o entendimento da metodologia desta pesquisa. Assim como a antropóloga, com seus tremores nas mãos e um brilho diferente no olhar (Goldman, 2005), fui enfeitado pela Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas. Esse feitiço diz respeito a minha condição mediúnica que coloca meu corpo nos limites da pesquisa e na condição de antropólogo. Lidar com o campo e o mundo extraordinário da Umbanda me levou a profundidades nunca idas. Uma experiência corporal de autoconhecimento cheia de tensões e angústias.

Não sou um observador participante, muito menos um participante que observa. Sou outra coisa. Uma coisa que ainda não sei bem o que é. A pesquisa que realizo passa pelo meu corpo. E não é por acaso que quando a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas chega sinto um arrepio que começa dos pés e segue até a cabeça. Eu sei, ela não é uma representação, ela está presente. A magia acontece e o meu mundo se conecta com o mundo invisível. O mistério, porque é mistério, não pode ser revelado. Entretanto, há tanta beleza no mistério.

E há tantos riscos nesta pesquisa. “Você já foi chamado de doido no meio da rua?”, me pergunta o Pai Valdo. “Já, Pai Valdo”, respondo. “Pois é...”, ele sempre deixando as coisas no ar. “Pois é o quê, Pai Valdo?”, insisto que ele me explique. “Meu filho, essas coisas que você faz... Você está aqui... A sua magia... O modo como você olha o mundo... As pessoas não acham normal”, ele conclui sobre mim. Eu fico me perguntando o que significa tudo isso e o sentido de tudo isso. E vejo, como Favret-Saada, o risco da pesquisa se perder.

Como se vê, quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identificar-se com o ponto de vista nativo, nem aproveitar-se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível. (2005, p.160)

O desafio do meu trabalho é a produção de conhecimento a partir de uma relação profunda que envolve coisas que não são ditas, mas sentidas. Sentimentos intensos nas percepções dos corpos sutis. Corpo de mulher em festa. Perfume na barra do vestido. Incensos. O passo da dança, os pés e mãos que levantam ao alto. Os tambores que ecoam pelos corpos. O balançar do quadril que leva a uma viagem. “Você trouxe seu vestido?”, me pergunta Pai Valdo no meio de uma roda de conversas antes da gira. Todos e todas começam a rir. “Não Pai Valdo, não trouxe”, respondo tentando não ficar embaraçado. “Pois é bom trazer porque quando ela chegar na sua cabeça você tem que estar preparado”, diz ele debochando e rindo de mim.

Pai Valdo não tem dúvida de que serei Pai de Santo um dia. Fico comovido, mas não sei lidar com essa previsão. “Do destino ninguém se livra”, dizem os antigos. Eu sei disso, mas ainda há tanta coisa que pretendo fazer da minha vida. O destino do rio é o mar, por mais caminhos tortuosos que existam.

Como os poemas e as hipóteses, as etnografias só podem ser julgadas depois que alguém as cria (Geertz, 2018). A citação de Clifford Geertz na conclusão da obra *O Antropólogo e sua Magia*, de Vagner Gonçalves da Silva (2006), me dá a dimensão de que as experiências etnográficas entre o terreiro e eu são construídas neste texto como o resultado particular das minhas percepções sobre o diálogo que me propus realizar.

Reconstruir o universo de uma pesquisa etnográfica (em toda a sua riqueza de dimensões, detalhes, descobertas, caminhos possíveis, decisões, arrependimentos, intuições, insights etc.) e a complexidade dos diálogos entre academia e terreiro não é, de fato, uma tarefa simples, e reproduzir, num texto de dimensões reduzidas, estes processos, ainda menos. (SILVA, 2006, p. 182)

Penso sobre os caminhos epistemológicos desta pesquisa a partir do corpo do pesquisador, do meu corpo. Talvez isso possa ser chamado de etnografia pessoal, mas não desejo que essa experiência seja narcísica. Fazer antropologia com o corpo não é, necessariamente, uma experiência de si, mas uma experiência de encontro com o corpo do outro. É uma experiência de diálogo, ou seja, de alteridade.

A experiência dialógica me é a cara. Ora, se Favret-Saada (2005) se deixa ser afetada pela feitiçaria, ela deixa seu próprio corpo a mercê do outro. Leio esse outro como o corpo da pesquisa. E mais, Favret-Saada não coisifica sua pesquisa. Então a pesquisa é corpo a corpo ou, corpo com corpo.

No meu caso a Pombagira anda comigo e eu me deixo “enfeitiçar” pela sua magia. Mas fico me perguntando: o que a Pombagira quer de mim? Onde eu estou exatamente dentro desta pesquisa? O que posso oferecer à Pombagira? Como me exponho nesta pesquisa? E ainda seguindo o pensamento de Favret-Saada (2005) vivo intensamente essa experiência da pesquisa sem querer compreendê-la quando, por qualquer motivo, não há como compreender.

Deste modo, sem a compreensão, me parece que todo o projeto de pesquisa se desfaz e tudo perde o sentido. Mas talvez seja aí que eu possa construir, ajudado pelo pensamento da autora, um pensamento das sutilezas e das delicadezas baseado no meu trabalho de campo, em uma bibliografia antropológica pertinente e em uma leitura poética, estética e política sobre o mundo. Conceituo minha pesquisa por essas afetações.

A magia da Rainha Pombagira não é visível. Será que é dizível? Como posso traduzi-la se não posso compreendê-la? Goldman (2005) lembra que a metodologia de Favret-Saada

Não se trata de apresentar as pessoas e suas ações (inclusive o que elas dizem e, às vezes, até mesmo o que elas supostamente pensam) como um antigo naturalista descrevia, sobre um mesmo plano, fauna, flora e geografia. Mas não se trata, tampouco – após condenar essa primeira modalidade de descrição como empirista, ingênua ou autoritária, na medida em que se arroga o direito de representar o outro –, de voltar-se para dentro, opondo uma suposta transparência do sujeito para si mesmo à opacidade do mundo dos outros. Ao transitar do cientificismo para algo como um certo tipo de autobiografia, o gênero etnográfico não parece ter avançado muito: “que um etnógrafo aceite ser afetado não implica que se identifique com o ponto de vista indígena, nem que aproveite a experiência de campo para excitar seu narcisismo”. (GOLDMAN, 2005, p. 150-151)

Entendo que a questão da representação do outro cai por terra com a autora e assume-se uma epistemologia / metodologia onde a relação assume a construção do saber etnográfico / antropológico. A conceituação do trabalho pode revelar que a etnografia afeta a magia tanto quanto o contrário. É a relação que provoca essas tensões.

Minha pesquisa assume, até aqui, o caráter da não representação do outro. Assumo o desafio de agenciar os afetos no meu trabalho. Assumo o desafio de um trabalho afetivo, afetado, político e da restituição (Vale, 2014). E assumo, evidentemente, que o trabalho não é definitivo.

2 - NAS ENCRUZILHADAS DA EXISTÊNCIA - UMA DESCRIÇÃO

*“Deu meia-noite, a lua se escondeu,
lá na encruzilhada, dando a sua gargalhada, Pombagira apareceu.”
(Ponto de Pombagira – Domínio Público)*



Imagem 6: Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

A Umbanda é uma religião construída no cenário da complexa formação da sociedade brasileira. Para entender e explicar a Umbanda é preciso tocar nas profundas raízes do Brasil desde a invasão do povo europeu, o genocídio indígena e a escravidão africana. O encontro de vários sistemas de crenças não foi e não é um movimento romântico, mas sim um sistema de negociações onde o poder e a política estão sempre dando, ou tentando dar, as cartas beneficiando os detentores da ordem vigente nas hierarquias políticas e econômicas.

Encontra-se na história da Umbanda os mesmos componentes que contribuíram para a formação do povo brasileiro, que nasceu de um encontro singular das culturas ameríndias, europeias e africanas. Nesta inter-relação, marcada por movimentos de dominação e de resistência, repercutiram também no plano religioso as imposições, contradições e aproximações inerentes ao processo colonizatório. Na umbanda encontramos resquícios de culto à natureza deificada dos gentios, das soluções mágicas que permeavam o catolicismo professado pelos colonizadores, do culto aos antepassados dos negros bantos que, por sua vez, aproximava-se da estrutura do espiritismo. Desta última, a umbanda herdou também os adeptos entediados com a excessiva erudição das sessões doutrinárias que ofereceram, em contrapartida, o tom racional às práticas rituais a fim de livrar a nova religião do estigma de seita fetichista. Nesta perspectiva, a macumba vai saltar das senzalas para os porões da

casa grande e, de lá, para os salões do espaço urbano: não mais como macumba - "coisa de negro e de gente ignorante" -, mas como umbanda, uma religião brasileira. (OLIVEIRA, 2008, p. 138-139)

A umbanda nasce com ideais nacionalistas buscando reinterpretar valores da excludente sociedade brasileira e reinventando a ligação pacífica entre as três raças que conviviam no país. O processo de bricolagem (Lévi-Strauss, 1989) (Certeau, 2014) (Derrida, 1971) dos valores dominantes da igreja católica e do espiritismo kardecista se abriram aos jeitos mais populares de viver a religiosidade e a espiritualidade por cultos de possessão. Entretanto é preciso entender que esse processo não é uniforme no país. Cada região foi desenvolvendo seus próprios modos de crenças e suas experiências religiosas. A Umbanda é, na verdade, muitas umbandas.

De todo modo, o culto de possessão provoca medo e preconceito, principalmente quando ele é associado a expressões religiosas que vieram da África negra e/ou da pajelança indígena. Birman (1985, p.10) nos lembra que o fenômeno da possessão enfrenta dois sistemas de pensamento pertencentes a instituições poderosas em nosso país: o pensamento produzido pela Igreja Católica e o pensamento médico psiquiátrico. É bem importante lembrar que, até pouco tempo, pessoas que desenvolviam o transe eram consideradas loucas ou endemoniadas pelo Estado, pela igreja e/ou pela sociedade brasileira.

Ortiz (1999, p. 31) revela que historiadores e sociólogos consideram o ano de 1930, data da tomada do poder por Getúlio Vargas como sendo o limite entre duas fases distintas da história brasileira. A era Vargas é símbolo do rompimento com o passado que trazia características coloniais e foi renovando o país para um novo modelo político e uma nova ordem social. É nesse contexto que a Umbanda nasce: fruto de mudanças sociais que se efetuam numa direção determinada. A complexidade da formação da Umbanda se deve ao movimento de urbanização e industrialização do Brasil, de uma sociedade com o duplo movimento de embranquecimento e empretecimento. Embranquecimento quando se dá o movimento de entrada do catolicismo e o espiritismo no universo afro-brasileiro e o empretecimento quando as elites do espiritismo recebem as crenças afro-brasileiras em seu seio para a prática da caridade. De forma complexa, cheia de contradições doutrinárias e organizacionais, a Umbanda se consolida como uma realidade; sua meta atual é a de ser reconhecida plenamente pelo Estado e pela sociedade brasileira (Ortiz, 1999, p. 45).

Silva (2005, p. 110) afirma que é muito difícil dizer com precisão em que momento começaram a baixar nas sessões espíritas kardecistas as entidades dos cultos afros. Entretanto, convencionou-se no Brasil que a Umbanda nasceu no Centro Espírita Nossa

Senhora da Piedade, em Niterói-RJ. A literatura Umbandista (Rivas Neto, 2007, p.154) (Saraceni, 2008, p. 27) (Peixoto, 2008, p. 15) diz que o Caboclo Sete Encruzilhadas fundou a Umbanda em 15 de novembro de 1908 quando incorporou no médium Zélio Fernandino de Moraes, um jovem de 17 anos que se preparava para ingressar na carreira militar. Mas, como bem diz Silva,

Reconstituir o processo histórico de formação das religiões afro-brasileiras não é, contudo, uma tarefa fácil. Primeiro, porque sendo religiões originárias de segmentos marginalizados em nossa sociedade (como negros, índios e pobres em geral) e perseguidas durante muito tempo, há poucos documentos ou registros históricos sobre elas. E, entre esses, os mais frequentes são os produzidos pelos órgãos ou instituições que combateram essas religiões e as apresentaram de forma preconceituosa ou pouco esclarecedora de suas reais características. É o caso dos autos da Visitação do Santo Ofício da Inquisição, nos quais estão registrados os processos de julgamento de muitos adeptos dos cultos afro-brasileiros que foram perseguidos (sob a acusação de praticarem "bruxaria") pela Igreja católica no Brasil colonial. Ou, então, dos "boletins de ocorrência" feitos pela polícia para relatar a invasão de terreiros e a prisão de seus membros, sob a acusação de praticarem curandeirismo, charlatanismo, etc. (SILVA, 2005, p. 11-12)

Pordeus Jr. (2011) lembra da notícia veiculada no Correio do Ceará em 20 de janeiro de 1961 onde, na seção policial aparece

"Presa a Macumbeira 'Mãe Tutu'. Agentes da Delegacia de Ordem Social prenderam hoje pela madrugada, no Bairro KM 8, quando estava em plena função, a macumbeira Antônia Cosmo Gonzaga, mas conhecida como 'Mãe Tutu' e que há vários anos vem cultuando o baixo espiritismo. No terreiro de 'Mãe Tutu' vários adeptos assistiam a função e os policiais apreenderam farto material usado dos trabalhos de bruxaria. na foto, a macumbeira aparece entre os santos, caboclos, cruzeiros e enfeites do altar do 'terreiro'". (PORDEUS JR. 2011, p. 23)

Os/as pesquisadores/as de Umbanda e tradições afro-ameríndias sabem que as pesquisas sobre as práticas dessas religiões devem ser começadas nas páginas policiais, único local onde poderiam aparecer essas populações tão perseguidas pelo Estado. No Ceará, a virada da Umbanda se deve à federalização dela por Mãe Júlia Barbosa Condante, nascida em Portugal e iniciada no Rio de Janeiro. A Federação Cearense Espírita de Umbanda São Jorge Guerreiro foi uma afronta ao poder policial em 1948. Mãe Júlia enfrentou o Cel. Cordeiro Neto, chefe de polícia, que fechou várias vezes o seu terreiro até que a umbandista conseguiu, com muita luta, os meios legais para mantê-lo aberto.

A memória social e coletiva do Ceará tem sido registrada em obras marcantes que indicam a presença da cultura indígena e africana no estado. A reconstituição da memória coletiva (Halbwachs, 2003) para as populações indígenas, quilombolas e de terreiro é relevante, pois permite que relacionemos questões substanciais como identidade e tradição do povo cearense. Duas importantes publicações do Museu do Ceará são referências: *Negros no Ceará: história, memória e etnicidade*, organizado por Cristina Rodrigues Holanda (2009) e

Traços étnicos: espacialidades e culturas negras e indígenas, de Alex Ratts (2009). Destaco na primeira publicação o artigo de Cleudo Pinheiro de Andrade Junior, *Estratégias de preservação dos cultos afro-religiosos ou o negro cearense e o jeito camaleão de dizer sua fé*, onde ele revela caminhos de resistência dos terreiros do Ceará e faz uma explanação sobre as práticas no Estado. O artigo *Negros e índios no Ceará: os povos invisíveis*, de Alex Ratts, traz reflexões importantes da pesquisa desenvolvida em Almofala, em Itarema-CE e Conceição dos Caetanos, em Tururu-CE.

As pesquisas sobre a maternidade simbólica exercida por mães de santo em Fortaleza e região metropolitana, de Cantuário (2009); sobre a vida de D. Valkíria, mãe de santo no Pirambu, bairro de Fortaleza, de Silva (2009); sobre a análise dos significados presentes nos pontos cantados e riscados nos rituais religiosos da Umbanda de Fortaleza, de Pereira (2012); sobre conhecimentos e práticas ancestrais afro-brasileiras na saúde mental, de Otaviano (2013); sobre o estigma no convívio com o HIV/Aids em terreiros de Umbanda na cidade de Fortaleza, de Holanda (2013); sobre os ogãs e energias espirituais em rituais de umbanda, no Abassá de Omolu e Ilê de Iansã, terreiro situado no bairro Joaquim Távora, em Fortaleza, de Almeida (2015); sobre o uso do álcool no ritual em terreiro de Umbanda no bairro Antonio Bezerra, em Fortaleza, de Gomes (2014); sobre os estudos da arquitetura de altares de terreiro de Umbanda em Caucaia e Fortaleza, de Araújo (2015); sobre a Festa de Iemanjá e o direito à cidade, de Pereira (2016); sobre Mãe Iara e a Dona Maria Padilha no Centro de Umbanda Rei Dragão do Mar, no bairro Jatobá, em Fortaleza, de Cavalcante (2018); sobre a diversidade da Umbanda em Fortaleza, de Nivartan Gabriel¹⁰ (2018); entre outras, são referências acadêmicas importantes sobre os estudos de Umbanda no Ceará.

As pesquisas que mencionei são, quase todas, realizadas em torno da presença de Mães de Santo da Umbanda como Mãe Constância, Mãe Taquinha, Mãe Iara, Mãe Valkíria, Mãe Valdívia, Mãe Ginja. Esse fato demonstra o protagonismo de mulheres em torno de terreiros de Umbanda em Fortaleza e região metropolitana. O importante documentário *Mãe de Santo, teu nome é Zimá*, de Lilia Moema Santana, realizado em 2013, é um mergulho no universo dos ritos da Umbanda através do cotidiano do terreiro Ogum Megê da Mãe de Santo Zimá Ferreira da Silva¹¹.

¹⁰O escritor e jornalista Nivartan Gabriel produziu o Livro-reportagem "As Vozes da Umbanda: a Umbanda pela voz dos umbandistas", como produto de um trabalho de conclusão de curso. Disponível em: <http://nivartangabriel.blogspot.com/p/livros-do-autor.html> Acesso em: 07 Ago. 2019.

¹¹Aos 7 anos de idade, na casa de seu Avô Gastão, de quem Zimá herdou sua corrente de guias espirituais, recebeu pela primeira vez seu Orixá. O fato causou um enorme desconforto na família. Aos 14 anos Zimá começa a frequentar o terreiro "Rei do Cangaço" de Zé Alberto, considerado um dos maiores umbandista do Brasil, que anos mais tarde se torna seu Pai de Santo. Mesmo com pouca idade e experiência Mãe Zimá

A Umbanda no Ceará tem uma forte representatividade e presença política nas associações. A principal é a União Espírita Cearense de Umbanda (UECUM), presidida pela Mãe de Santo Tecla Sá Oliveira. A UECUM é localizada na Rua Castro e Silva, 920 - Centro e é a principal organizadora da Festa de Iemanjá na Praia do Futuro. O Centro Cultural de Umbanda Rainha da Justiça, localizado na Rua Doutor Amadeo Sá, 242 - Jardim Guanabara, do Pai Raimundinho Dente de Ouro e a Associação Cultural Afro-brasileira Pai Luiz de Aruanda, localizada na Rua Medelin, 2914 - Bom Jardim, do Pai Neto Tranca Rua são organizadores principais da Festa de Iemanjá na Praia de Iracema. A Festa de Iemanjá foi registrada como Patrimônio Cultural Imaterial de Fortaleza no ano de 2017¹².

...

A Cabana do Preto Velho da Mata Escura fica localizada na Rua Itu, 730 – Bairro Bom Jardim, na Regional V de Fortaleza.

De acordo com o ranking dos bairros segundo o índice de vulnerabilidade, os cinco bairros que compõem o Grande Bom Jardim encontram-se entre os 12 mais vulneráveis de Fortaleza (Bom Jardim – 4º; Siqueira – 6º; Canidezinho -10º; Granja Lisboa - 11º e Granja Portugal -12º). Em termos populacionais, esse território (GBJ) engloba 8,33% da população de Fortaleza e 38% da população da área administrativa V (SER V). Esta área é a maior da cidade e concentra os piores indicadores sociais e econômicos. Observando o perfil da população, o território do GBJ possui um grande contingente populacional de pessoas na faixa etária de 0 a 29, em torno de 120.957 habitantes. A expressão proporcional desse número é a representação de que 60% da população total do Grande Bom Jardim é jovem (0 a 29 anos), sendo que, do total dessa população, 58% tem entre 0 e 17 anos, faixa de cobertura das garantias do Estatuto da Criança e do Adolescente. (Ver em <http://ccbj.redelivre.org.br/grande-bom-jardim-territorio-e-contexto-social/> Acesso em 08 dez 2018)

Os índices alarmantes revelados acima mostram que o bairro não é bem assistido pelo Estado. Mapurunga (2015) escreveu sobre o Bom Jardim dentro da Coleção Pajeú em uma realização da Secretaria de Cultura de Fortaleza (SECULTFOR). Por meio de histórias de vida o autor conta a história do bairro. O Bom Jardim se inventou com muita gente do interior do Estado que foi se juntando na década de 1960 na área rural de Fortaleza que começou a ser dividida e vendida em lotes por um empreendimento imobiliário.

Nas minhas pesquisas em terreiros de Umbanda no Bom Jardim percebi que muitas pessoas da Umbanda são provenientes das serras de Pacatuba e Maranguape, inclusive

aceita a responsabilidade de preservar a cultura de seus ancestrais. Ver mais no site do documentário. Disponível em: <http://www.maezima.com.br/home.html> Acesso em: 01 Ago. 2019.

¹²Fui responsável pela coordenação da pesquisa. Festa de Iemanjá é reconhecida como Patrimônio Cultural. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/festa-de-iemanja-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-1.1828586> Acesso em: 01 Ago. 2019.

algumas mantem espaços nas serras para fazerem trabalhos espirituais. O Bom Jardim é considerado pela comunidade de terreiro de Fortaleza como o Codó do Maranhão¹³ da cidade. Isso porque há no bairro uma imensa quantidade de terreiros de Umbanda.



Imagem 7: Frente do Terreiro no dia da Festa da Rainha. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

A presença do Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS), da rede de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável (DLIS), do Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ), entres outros centros de desenvolvimento, cultura e arte, coloca o Bom Jardim como um grande polo cultural da cidade desmistificando o apelo insistente de um local de violência e tristeza. Não estou desconsiderando as tensões no bairro, apenas quero mostrar que o Bom Jardim não é um lugar de morte, mas é um lugar pleno de vida e luta.

Olho para o Bom Jardim como um espaço de memória ancestral da cidade. Um centro de riqueza de cultura afro-ameríndia que deve ser respeitado e aproveitado por toda a comunidade fortalezense. As práticas de resistência cultural no bairro demonstram que a força do povo indígena e negro da cidade está cada vez mais consolidada, pois é realizado um contínuo movimento de transformação por meio da luta pela alegria e ação comunitária.

¹³Ver a tese *Cidade Relicário: Uma etnografia sobre terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão)*, de Martina Ahlert (2013). Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/13742> Acesso em: 02 Ago. 2019.

A resistência, a memória ancestral e a relação comunitária são comentadas por Sandra Petit (2015) trazendo, justamente, a musicalidade e a dança como fundamentais para as práticas de resistências culturais e religiosas.

Para o negro e a negra afrodiáspóricos, a dança foi importante para resistir no e ao cativeiro. Como afirma Pereira (2005), os laços de sociabilidade e de solidariedade envolvidos nessas práticas culturais estéticas foram tão importantes quanto os quilombos e as rebeliões para a sobrevivência de negras e negros. A religiosidade que se manifestava através da musicalidade e da dança foi fundamental para a sua preservação. O culto aos antepassados, que é algo primordial para a cosmovisão africana, vem, portanto, acontecendo até hoje por meio das danças e festividades que ritualizam esse laço, frequentemente sob o manto do catolicismo, com nomes e reverências aos santos, predominantemente negros, como acontecia nas Irmandades de Nossa Senhora do Rosário. Pereira chama de "tempo forte" a vivência desses rituais que permitem restabelecer o elo perdido, e negado, com a África, mesmo sob a aparência católica. (PETIT, 2015, p. 95)

O Bom Jardim, por meio de suas práticas culturais de resistência e, apesar da relação de subalternidade que o Estado e a mídia querem estabelecer, é um palco de formação de conhecimento ancestral fomentado pelos terreiros de Umbanda e Candomblé que dominam a cena resistindo às investidas perversas de igrejas neopentecostais e outras formas de violência. A música e a dança promovidas pelo Povo de Santo são o "tempo forte" do jardim que só pode (r)existir se for bom.

Da minha casa, na Cidade 2000, para o Bom Jardim são 22km. Gasto cerca de 50 minutos de carro para chegar ao terreiro e volto para casa, quase sempre, meia-noite. Apesar do estigma propagado pela imprensa de que o Bom Jardim é considerado "perigoso", nunca me ocorreu nenhum incidente nesses anos de pesquisa. De ônibus é preciso passar por dois terminais, do Papicu e do Siqueira, e demora quase duas horas para chegar. O mapa (Figura 8) mostra que atravesso toda a cidade para realizar o deslocamento até o terreiro.

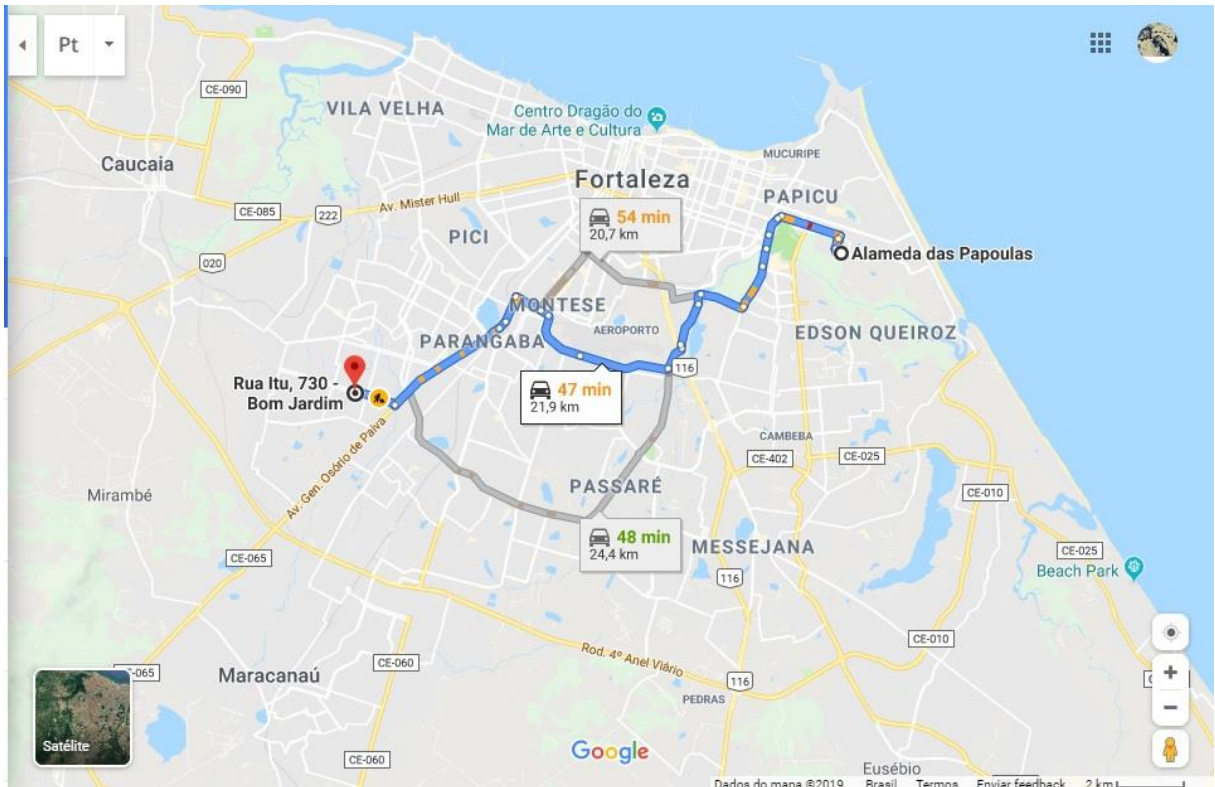


Imagem 8: Rota Cidade 2000 – Bom Jardim. Print retirado do Google Maps em 02 de agosto de 2019

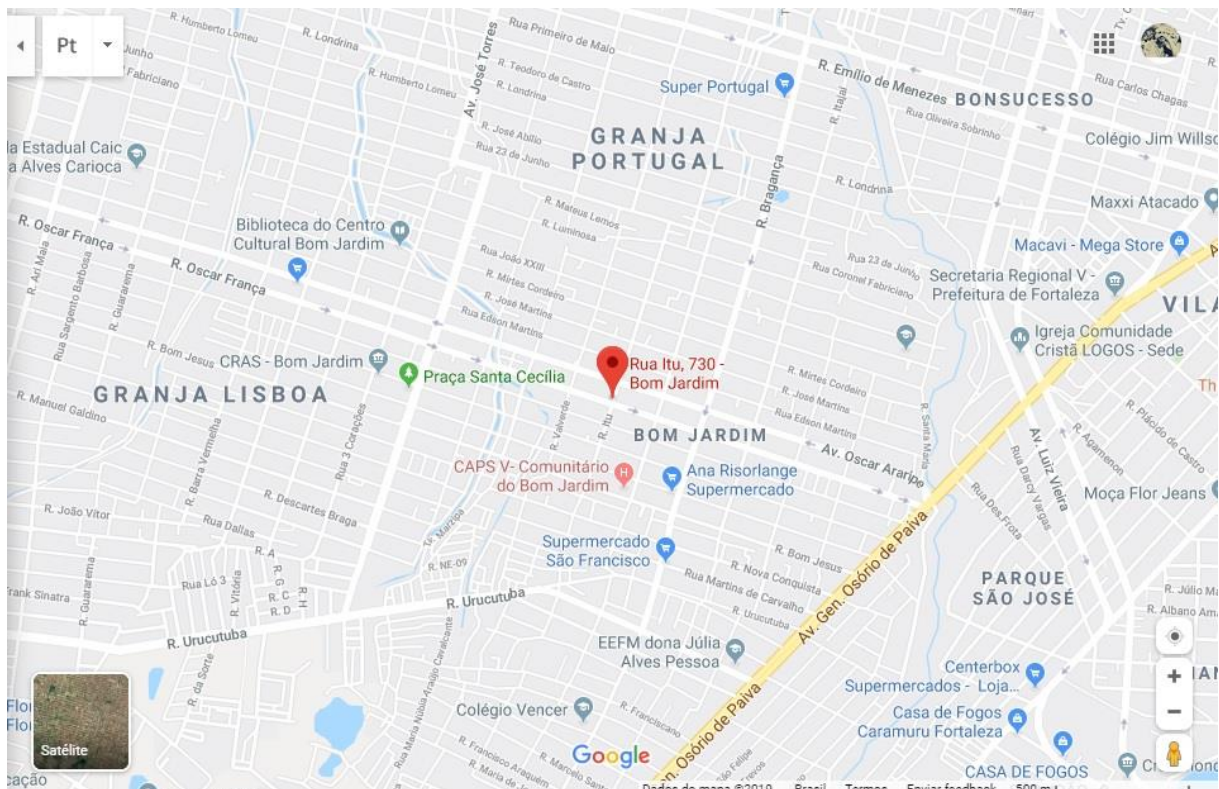


Imagem 9: Mapa Bom Jardim. Print retirado do Google Maps em 02 de agosto de 2019.

O terreiro foi fundado em 1984 por José Lopes de Maria, o Pai Valdo de Yansã. Ele pode, também, ser conhecido como o Babalorixá Valdo de Oyá, pela parte do Candomblé. O terreiro também é o Ilé Asé Ojú Oyá - a Casa dos Olhos de Yansã, pois funciona tanto para Umbanda como para o Candomblé, sendo com calendários e ritos distintos. Pai Valdo nasceu em 23 de janeiro de 1966, filho de Luiz Osvaldo de Maria e Maria Lopes de Maria. Morava na Parangaba com os avós maternos que eram tradicionalmente católicos. A mãe e o pai entraram na Umbanda, primeiro para tratar de problemas de alcoolismo do pai, e depois continuaram como adeptos.

No colégio, com colegas, chegou a uma casa de Umbanda no bairro João XXIII onde passou a frequentá-lo sem o apoio da família que não queria que o adolescente entrasse para o caminho do Santo. Mas Pai Valdo foi sendo chamado e atendeu o pedido dos Orixás e Caboclos. Em 1979, fez o santo primeiro no Candomblé com Mãe Aninha. Aos 13 anos era atraído pelo som dos atabaques. Em 28 de julho de 1979 Pai Jacó, um Preto Velho, disse a ele: "Quem é do samba tem que sambar", e o abraçou. Pai Valdo sentiu como se estivesse na areia da praia e ela fosse sumindo dos pés, como quando a maré está voltando. Sentiu, também os ouvidos cheios de água. Foi fazer o desenvolvimento escondido. Começou o desenvolvimento em 15 de junho de 1980 e em 15 de setembro do mesmo ano recebeu o Preto Velho da Mata Escura e em 1984 a entidade ordenou que abrisse a casa. Pai Valdo não queria. Ele queria estudar e ser jogador de vôlei, professor de educação física. Mas entendeu que dali para frente estava uma nova trajetória para o seu destino.

A abertura do terreiro aconteceu em 10 de agosto de 1984. O Preto Velho fez a bandeira do terreiro significando que Umbanda é liberdade. Liberdade da fé e liberdade do culto. Foi o Preto Velho que determinou os trabalhos na terça-feira e no sábado. Na Umbanda, Pai Valdo é da linhagem da Mãe Antonia do Pai Genio, do Mucuripe. Chico Coriolino era filho da Mãe Antonia. Maria Aldeide Felix de Andrade, a Mãe de Santo Aldeide do Viramundo iniciou Pai Valdo.

Um dia sua Mãe de Santo lhe disse "Na sua casa o fundo vai ser a frente e a frente vai ser o fundo". A casa dele seria de Yansã e ela completou: "Meu filho, Yansã é o vento. Você já viu vento ter paradeiro?". A casa começou na Rua Valdemar Paz e só depois foi para a Rua Itu. Tudo o que aconteceu os caboclos e caboclas disseram ao Pai de Santo como uma vez a Tapuia disse "Meu pai, tu vai ter uma casa tão grande". Ele sempre teve fé nas palavras das entidades. Pai Valdo passou vinte anos ao lado da Mãe de Santo, Aninha, e só depois do falecimento dela passou para a mão de Mãe Rita no ano de 2000. Mãe Aparecida, sua ekedi, foi feita em 1989, a primeira de todas. O primeiro barco foi em 1992.

Em 1985, o terreiro da Rua Valdemar Paz era muito pequeno. Pai Valdo se mudou para o bairro Conjunto Ceará em 1986. A mudança não deu certo e Pai Valdo sofreu com perseguições da vizinhança. Foi levado à delegacia em camburão da polícia, preso e processado. Na justiça provou que nada devia à sociedade sendo julgado inocente. Daí entendeu, após consultar sua Mãe de Santo, que teria que voltar ao Bom Jardim onde abriu o terreiro na Rua Itu em 27 de abril de 1987.

Em 2003 Mãe Rita decidiu o nome do Candomblé. Coincidentemente, ela escolheu sua mesma digina no Angola, Ojú Oyá, que significa Olhos de Yansã. Assim, ela disse que ele era os olhos de Yansã para construir a casa dela.

Pai Valdo fez seu Exu em 1983, no dia de seu aniversário de 17 anos. Exu de Duas Cabeças e a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas tomaram de conta. Ele sempre teve amor a ela. Tinha o costume de botar rosa no portão do cemitério e nas encruzilhadas. A Pombagira passou a fazer consultas na Cabana. Em 1987, em novembro, aconteceu a primeira festa dela. Ela pediu uma saia simples. Foi no meio do tempo, pois o terreiro não tinha coberta. Dizem que foi uma festa marcante. Na década de 1990 a Pombagira estava em terra quase todo dia. Foi ela que ajudou Pai Valdo a construir o terreiro e, se hoje ele é o que é, deve muito a ela. A relação de Pai Valdo com a Rainha Pombagira é de muita fé e cumplicidade e isso explica muito do sucesso da festa e do terreiro que ele comanda.

O Babalorixá Valdo de Oyá foi iniciado no Candomblé, na Nação Angola, pela Yalorixá Ana Maria de Freitas cuja digina era Obá Odé Ofá e seu Terreiro situava-se em Itabuna, Bahia. Após a morte de Mãe Aninha, Pai Valdo de Oyá conheceu Mãe Rita Maria Montenegro Dolia, Yalorixá do Ilé Asé Ondoniré, na Bahia, onde o mesmo deu continuidade às obrigações do Candomblé, passando para a Nação Ketu. Pai Valdo de Oyá é licenciado em História e Pedagogia, com Pós-graduação em Psicopedagogia e Mestrado em Educação.

Hoje, o terreiro continua seu funcionamento às terças e sábados com giras de Umbanda e cerimônias de Candomblé abertas, mas com calendários distintos. Há dias que tem fila para o atendimento espiritual. O fluxo de filhos e filhas de santo da casa é muito grande durante todo o dia. Pai Valdo faz uma estimativa de que tem mais de 200 filhos/as de santo na Umbanda e no Candomblé. As festas no terreiro são sempre singulares e marcantes. Destaco a Festa de São Sebastião, em 20 de janeiro; Festa da Chiquita Preta do Maranhão, em março; Festa de São José de Ribamar, em 19 de março; Festa de Santa Bárbara, em 04 de dezembro e a Festa de Iemanjá, em 15 de agosto, que é realizada na Praia do Cumbuco, em

Caucaia, CE. No carnaval, a Cabana do Preto Velho da Mata Escura desfila em uma ala no Maracatu Rei de Paus¹⁴, na Av. Domingos Olímpio, Centro de Fortaleza.

O cotidiano do Pai de Santo é dividido entre as práticas no terreiro, incluindo o jogo de búzios, atendimento espiritual a pessoas da casa e clientes; a sala de aula, onde é professor de História na EEMF Professor Jociê Caminha de Menezes, no próprio bairro; e as consultas aos búzios na Casa Zé Pilintra, localizada na Av. Imperador, 293, Centro de Fortaleza, segundas e sextas, a tarde. No final de semana, quando pode, vai para o seu sítio, no interior do estado.

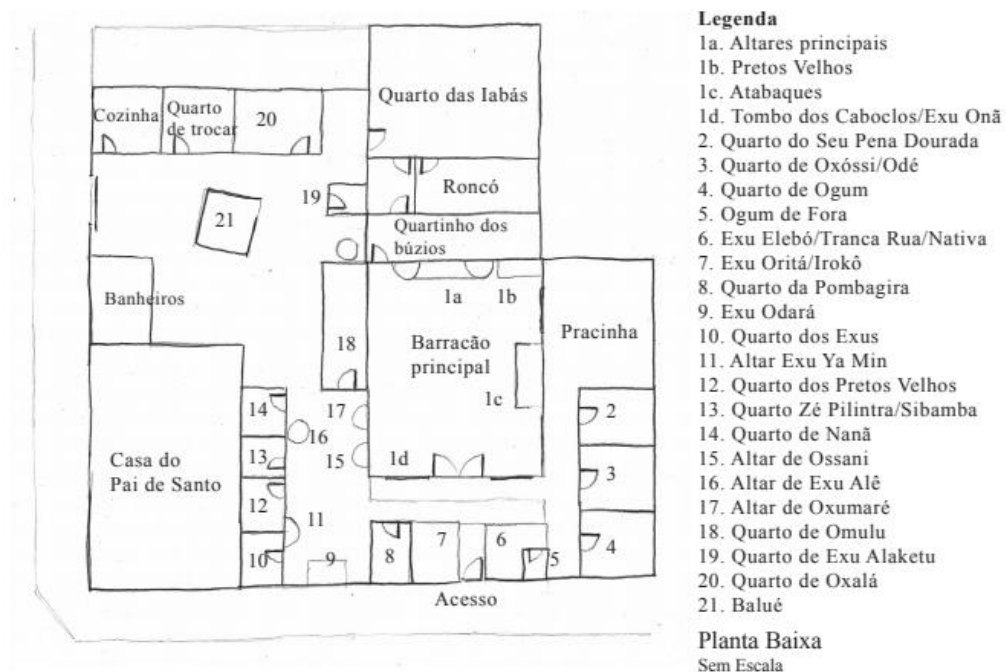


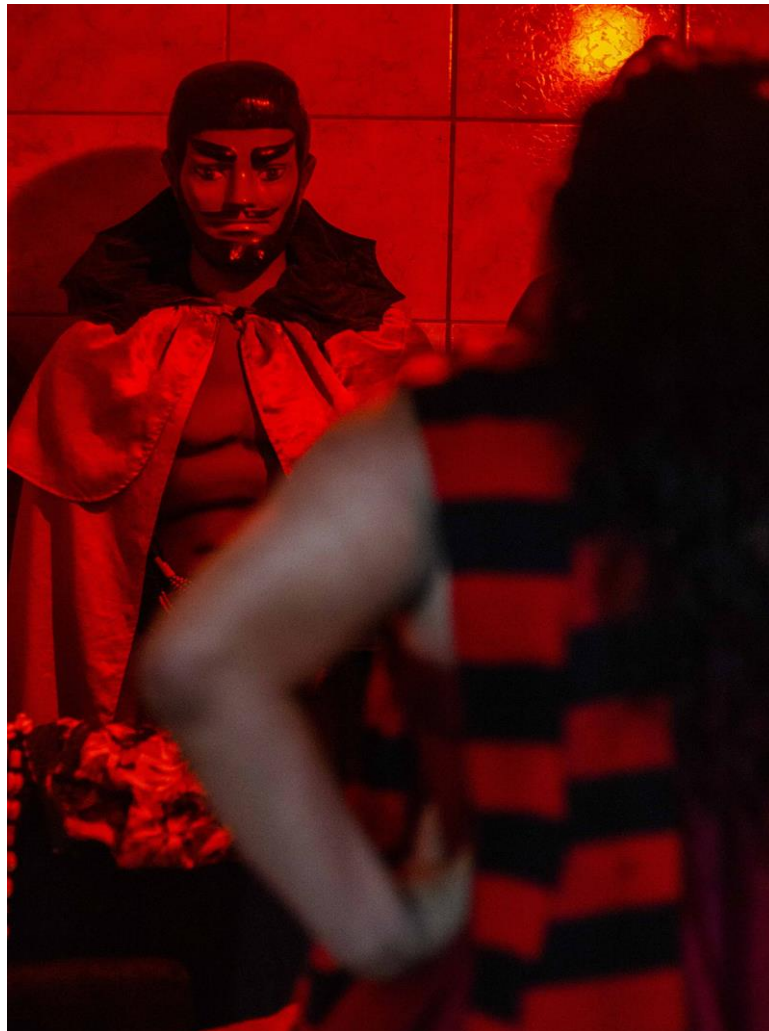
Imagem 10: Planta Baixa da Cabana do Preto Velho da Mata Escura feita gentilmente pelo Arquiteto Thadeu Dias

...

¹⁴Há uma ligação íntima entre o Maracatu cearense e a Umbanda e o Candomblé. Neste ano fotografei os desfiles na Av. Domingos Olímpio e presenciei Orixás, Caboclos, Pretos Velhos, Exus e, claro, a Pombagira. O Maracatu Rei de Paus foi etnografado por Laís Cordeiro de Oliveira (2019) resultando na dissertação de mestrado pelo PPGS da Universidade Estadual do Ceará (UECE), "Rei de Paus na Avenida de Novo!": Coprodução de Personagens, Objetos e Lugares no Maracatu Cearense. Disponível em: http://www.uece.br/ppgsociologia/index.php/arquivos/doc_view/846-?tmpl=component&format=raw Acesso em: 11 Ago. 2019.

Exus são abridores de caminhos e vivem nas porteiras. São, sobretudo, comunicadores de desejos entre humanos e deuses. A Pombagira é um Exu feminino como diz Silva.

No Brasil, Exu é também uma entidade masculina, porém a categoria dos Exus, sobretudo na umbanda, abriga inúmeras outras entidades, como baianos, ciganos, Zé Pilintra e Pombagira. Esta seria um trickster feminino que desafia a ordem patriarcal da sociedade brasileira por meio da não aceitação da subordinação da mulher aos papéis domésticos tradicionais de esposa e mãe. Embora ela possa também ser vista como mãe, é como “mulher da rua”, e não “da casa” que a Pombagira assume o estereótipo da prostituta. Nesse sentido, seu poder decorre do domínio que manifesta sobre o seu corpo e sua vontade, ainda que lhe custe uma reputação social estigmatizada. Ela se utiliza da diferença anatômica (pênis e vagina) associada ao sexo biológico (macho e fêmea) e aos papéis de gênero (masculino e feminino), para questionar por meio da jocosidade e da licenciosidade o poder social que instaura relações de dominação a partir destes marcadores sociais da diferença (2015, p. 78).



*Imagem 11: Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas de frente para a imagem de Exu Tranca-Rua.
Foto/JeanDosAnjos, 2018.*

A Pombagira¹⁵ é a mulher que, pela sua magia, seu deboche e sua gargalhada, enfrenta a sociedade que a recrimina e quer lhe intimidar. Pombagira não baixa sua cabeça e desobedece às leis dos homens que construíram uma sociedade machista, classista, misógina e preconceituosa. São esses homens que defendem a família tradicional, mas não abrem mão, por exemplo, de desfrutar seus prazeres com prostitutas e travestis. A Pombagira escancara uma sociedade hipócrita e perversa.

A Mulher das Encruzadas domina a sua sexualidade e recusa a histerização de seu corpo (Foucault, 1988, p. 115). Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias, diz Michel Foucault (1988, p. 14). A Pombagira recusa visíveis formas de histerização como a imagem negativa de "mulher nervosa" ou a integração do seu corpo fecundador regulado e assegurado dentro de um espaço familiar com a responsabilidade biológico-moral de parir e educar crianças. A Pombagira recusa a regulação compulsória de ser mãe.

Embora eu não venha a utilizar uma bibliografia que traga uma perspectiva decolonial, do ponto de vista de Spivak (2010, p. 85), se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade. Entretanto é preciso entender que a fala da Pombagira subverte a lógica da sociedade capitalista, pois o seu trabalho assume formas de conhecimento que não são reconhecidas dentro dos valores materiais dos modos de viver do sujeito moderno. Além do mais, a Pombagira remete a um modelo de mulher que não atende ao da fêmea reprodutiva. Veremos sobre isso mais à frente.

Nas encruzilhadas da existência nem sempre o que é certo aparece na sala de estar da família tradicional brasileira. O submundo, a rua, as esquinas, a noite, a morte e o sangue fazem parte do que está na sombra do mundo. A Pombagira não nega a noite e a morte, pelo contrário, a incorporação da Pombagira é a afirmação de que não se morre. A memória da mulher é celebrada no terreiro e seu corpo é festejado com dança, cantos, cigarro, bebida e muita alegria e resistência.

A Pombagira de quem eu trato neste trabalho é uma entidade de Umbanda. Na Cabana do Preto Velho da Mata Escura ela é um espírito de mulher que incorpora no médium para trabalhar, isto é, fazer caridade. A teologia umbandista revela traços da entidade.

Quanto às mulheres, as Pombagiras da Umbanda simbolizavam tudo o que lhes era negado pela sociedade machista, repressora e patriarcal do início do século XX no

¹⁵Augras (2009, p. 16) informa que Pombagira é um vocábulo genérico, já que, como os Exus, seu nome é legião e, de acordo com os adeptos, existiriam milhares de Pombagiras.

Brasil, onde à mulher estava reservado o papel de mãe, irmã, esposa e filha comportadíssimas... senão seriam expulsas de casa ou recolhidas a um convento. Mas, com as Pombagiras da Umbanda não tinha jeito, porque ou deixavam elas incorporarem em suas médiuns ou ninguém mais incorporava e ajudava os necessitados que iam às tendas de Umbanda. Só um ou outro dirigente ousava realizar sessões de trabalhos espirituais com as Pombagiras, e a maioria deles preferia fazer "giras fechadas" para a esquerda, para não "escandalizar" ninguém e para não atrair para o seu centro a polícia e os comentários ferinos sobre as "moças da rua". Só que essa não foi uma boa solução porque as línguas ferinas logo começaram a tagarelar e a espalhar que nessas giras fechadas rolava de tudo, inclusive sexo entre os seus participantes, criando um mal-estar muito grande, tanto dentro do círculo umbandista quanto fora dele. E, ainda que tais fuxicos fossem falsos e maledicentes, não teve mais conserto porque o "vaso de cristal" da religiosidade umbandista nascente havia se trincado, e as "moças da rua" já haviam sido estigmatizadas como espíritos de rameiras que incorporavam em médiuns mulheres para fumarem, beberem champagne, "gargalharem à solta", rebolarem seus quadris, balançarem seus seios de forma provocante e para atiçarem nos homens desejos libidinosos e inconfessáveis. Para quem não sabe, rameira era o nome dado às prostitutas e às "mulheres de programas" do nosso atual século XXI. O único jeito de amenizar o "prejuízo religioso" que elas haviam causado com suas "petulâncias" foi tentar explicar que não era nada disso, e sim, que as Pombagiras eram Exus femininos e, como todos sabem, Exu não é flor que se cheire, ainda que seja muito competente nos seus trabalhos de auxílio aos necessitados de socorro espirituais, certo? Como "mulher de Exu" ou como Exu feminino, ainda dava para deixar uma ou outra incorporar na gira deles, mas já submissas a eles, que ficaram encarregados de zelar pela moral e pelos bons costumes delas... E aí as giras de esquerda foram sendo abertas timidamente e, pouco a pouco e paralelamente, a sociedade estava passando por profundas transformações sociais, comportamentais e políticas, em que a poderosa Igreja Católica estava perdendo poder e cedendo à sociedade algumas liberdades religiosas. Quando os militares assumiram o poder nos anos 60 do século XX e logo entraram em choque com alguns setores do catolicismo arraigados na política, então diminuiu de forma acentuada a intensa perseguição da polícia sobre as tendas de Umbanda. Somando à liberdade conseguida no período da ditadura, vieram os movimentos feministas que explodiram na América do Norte e na Europa, que conseguiram muitas conquistas para as mulheres. A par desses acontecimentos, veio a explosão de revolta da juventude, com os Beatles e com Woodstock, que mudaram os padrões comportamentais dos jovens e as relações entre pais e filhos. Pombagira assistiu todos esses acontecimentos, que se passaram nos anos 1960 e 1970 e, entre um gole de champagne e uma baforada de cigarrilha, dava suas gargalhadas debochadas, e dizia isto: - É isso aí, mesmo! Mais transparência e menos hipocrisia. (SARACENI, 2017, p. 9-11)

A narrativa acima nos provoca várias reflexões religiosas, históricas e políticas. A importância da discussão sobre a condição da mulher na sociedade brasileira e os papéis que a elas eram reservados. Neste sentido, a realidade que o autor nos apresenta está próxima dos tempos atuais, onde o feminicídio explodiu no estado do Ceará. As mulheres estão sendo torturadas e mortas pela condição de serem mulheres. A insubordinação das Pombagiras nos terreiros, não deixando ninguém mais trabalhar até que elas pudessem entrar nas giras, demonstra as tensões e negociações para se existir até quando se está em outros mundos. O fato de as Pombagiras aceitarem ser submissas aos Exus revelando machismo e misoginia na Umbanda aproximando a religião à sociedade em todos os seus contextos e práticas culturais. O declínio da Igreja Católica e a presença da ditadura civil militar como abertura das práticas

umbandistas por meio das instalações das federações manifestando a grande contradição que é a sociedade brasileira em suas negociações para a sobrevivência das populações de minorias. Por fim, a Pombagira debochando de tudo, acima do tempo e do espaço, como a mulher transgressora que é.



Imagem 12: Sete Encruzilhadas gargalha com a sua força de mulher. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

Não quero perder a oportunidade de lembrar que a história das mulheres e suas práticas de resistências e insubordinações em todo o planeta nos interpela à compreensão dos modos de existência dentro das relações sociais desde a invenção do mundo. Ora, não percamos de vista as práticas de feitiçaria na Idade Média verificadas por Jules Michelet (1974) onde "para um feiticeiro, existem dez mil feiticeiras".

"A Natureza as fez feiticeiras." - É o gênio próprio à mulher e seu temperamento. Ela nasceu Fada. Pela volta da exaltação, ela é Sibila. Pelo amor, ela é Mágica. Pela fineza, sua malícia (muitas vezes fantástica e benfazeja), ela é Feiticeira, e faz a sorte ou, pelo menos, adormece, engana os males. (MICHELET, 1974, p.5)

A posição mediadora da feiticeira, sua dupla face e a ambiguidade de seu estatuto em relação ao sistema central de valores e em relação à dicotomia mundo superior/mundo inferior, é sublinhada pelo fato de invocar, ao mesmo tempo, santos e demônios para a realização de seus propósitos (Bethencourt, 2004, p. 37). E percebemos as práticas do sabá, onde bruxas e feiticeiras se reuniam em torno de banquetes, danças e orgias sexuais renunciando a fé cristã e se transformando em bichos, de um extremo a outro da Europa, na presença do diabo (Ginzburg, 2012, p. 9). Todas essas práticas chegaram ao nosso imaginário em narrativas tratando de mitos e ritos, mas tratando, também, de práticas de resistências de mulheres ante as práticas de exclusão social e morte.

Laura de Mello e Souza (2009), no importante livro *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*, nos ajuda a pensar na chegada dessas práticas de feitiçaria no Novo Mundo abrindo as portas de um novo tempo. As práticas de feitiçaria da Europa chegaram ao novo mundo e se misturaram com as práticas indígenas e, logo depois, com as práticas da África negra. Nunca mais fomos os mesmos. E nem poderíamos ser.

A construção da Pombagira na Umbanda, portanto, parece superar a origem em apenas uma religiosidade. Ela extrapola o imaginário das culturas Bantu-Brasileira-Ngamba, de onde vem Njila/Nzila ou Pambú Njila, o Senhor do Guardiã do Caminho; da cultura Angola de onde vem o Bombogira, temida e respeitada onde é cultuada; e da sociedade matriarcal secreta conhecida como Gelede, onde ela é derivada das Yamins (Saraceni, 2017, p. 16). Talvez a melhor solução seja pensar a construção da Pombagira como hibridizada (Canclini, 2006) assim como a própria Umbanda é. A Pombagira abrasileirada pode ser a Pomba, pássaro usado como correio, ou seja, aquele que é comunicação; e a gira, ou seja, o movimento, caminhada, deslocamento, dança, volta. Pombagira é mensageira e movimento.

A tese de doutorado de Mariana Leal de Barros (2010, p. 262) mostra que a Pombagira se revela chama da vida, de prazer, de força e calor. Ela não é somente a *femme fatale*, nem a prostituta de rua, nem a bruxa, nem a diaba. Mas é a sedução, a sexualidade

vivida sem espartilho, a brincadeira, a confiança, a responsabilização, o desejar, o encantar e a inteligência. A Pombagira é, acima de tudo, o acolhimento ao outro.



Imagem 13: Afirmação do pensamento. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

Na cultura brasileira, Pombagira tem lugar na música, nas novelas, no cinema, no teatro, na literatura.

Dona Pombagira, que tem um lugar muito especial nas religiões afro-brasileiras, pode também ser encontrada nos espaços não religiosos da cultura brasileira: nas

novelas de televisão, no cinema, na música popular, nas conversas do dia-a-dia. Por influência kardecista na umbanda, Pombagira é o espírito de uma mulher (e não o orixá) que em vida teria sido uma prostituta ou cortesã, mulher de baixos princípios morais, capaz de dominar os homens por suas proezas sexuais, amante do luxo, do dinheiro e de toda sorte de prazeres. (PRANDI, 2018, p. 01)

Lembro bem da telenovela *Carmem*, da extinta Rede Manchete onde a personagem principal, interpretada por Lucélia Santos, fazia um pacto de sangue com a Pombagira Cigana, interpretada por Neuza Borges. A novela¹⁶, escrita por Glória Perez em 1987, traz no enredo a estória de Carmem que, por ambição, pactua sua alma com a Pombagira Cigana para que essa lhe dê todos os homens que deseja e muita riqueza, além de destruir a vida do homem que ela odeia, mesmo apaixonada. Recentemente, em 2018, a telenovela *Segundo Sol*, da Rede Globo, trouxe novamente a Pombagira para a dramaturgia. Dessa vez as personagens Laureta, interpretada por Adriana Esteves e Karola, interpretada por Deborah Secco, mantinham relações com a Pombagira Sete Encruzilhadas. A cena em que Laureta faz uma oferenda, supostamente para a Pombagira, depois de ter assassinado uma pessoa causou polêmica entre a comunidade umbandista¹⁷. As duas produções, separadas por 31 anos, revelam a entidade como poderosa e perigosa.

Em Fortaleza, a cena teatral tem produzido obras com olhares para a Umbanda e as religiosidades tradicionais afro-ameríndias. Em *CorpoCatimbó*, Viana Junior criou e performou o desejo de ser Corpo-fumaça abrindo portais nas frestas encantadas da Jurema Sagrada, “incorporando” espirais energéticas das entidades próprias da sua ritualística, os mestres, mestras, caboclos, pretos velhos e exus. Viana Junior foi orientado por Pai Mesquita de Ogum, de Itapipoca, Ceará. O projeto foi dirigido por Benjamin Abras e Cátia Costa. *Nó*, dirigido e encenado por Edivaldo Batista, é um mergulho poético, cênico e experiencial nas manifestações ritualísticas de matrizes afro-brasileiras, tendo como enfoque elementos de ritos ligados a umbanda e a macumba, que constituem uma parte da memória cultural do País. O trabalho estabelece uma conversa com uma corporeidade oriunda de corpos em estado de festa/transe que se observa nos lugares de ritos: Pretos Velhos, Exus, Caboclas. O espetáculo conta ainda com Flávia Cavalcante e Marina Brizeno no elenco. Em ambos, a Pombagira tem presença garantida.

Não poderia esquecer o espetáculo *Graça*, dirigido por Andrea Bardawil e encenado por Graça Martins. A artista dança xote, côco e baião. E canta cantigas de roda entre

¹⁶ Para saber mais sobre o enredo da telenovela *Carmem*, acessar o wikipedia. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Carmem_\(telenovela\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Carmem_(telenovela)) Acesso em 07 Ago. 2019.

¹⁷ Após cena polêmica de ‘Segundo Sol’, internautas protestam e ator responde. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/blog/pop/segundo-sol-polemica-religiao/> Acesso em 07 Ago. 2019.

outras brincadeiras populares. Mas Graça vai à Espanha, terra de Maria Padilha, e traz o flamenco. *Graça* é um espetáculo de uma mulher, de várias mulheres que dançam e giram. Não tenho dúvidas, Graça, a mulher que dança com os cabelos é, também, uma Pombagira.

Nas encruzilhadas da existência as Pombagiras são muitas. Suas experiências na diversidade cultural são vastas. Para apreender essas experiências é necessário a abertura para a novidade e o desprendimento da rigidez. Vamos à nossa experiência etnográfica com a Rainha.

...



Imagem 14: Rainha do Amor. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

No dia 18 de outubro de 2018, quinta-feira, às 20h, deu-se início a primeira gira da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas. Cheguei na Cabana do Preto Velho da Mata Escura aproximadamente às 19h e já havia pessoas esperando a gira começar. Existia em mim uma mistura de sentimentos que iam da preocupação ao fascínio. Preocupação em fazer um bom trabalho de campo observando tudo sem perder nenhum detalhe. Fascínio por estar ali mais

uma vez adentrando no mundo da Umbanda e da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas com a missão de olhar, ouvir e escrever sobre ela.

Em 2017, por conta de problemas de saúde do meu pai, não pude estar em todas as giras e, naquele momento, pensava sobre ele e como tinha sido difícil todo esse período de pesquisa de campo. Ali, no terreiro, eu estava com o meu luto e a minha vontade de fazer o trabalho de campo. Tudo sempre muito intenso dentro de mim. A saudade do meu pai e a necessidade de realizar a minha pesquisa.

Nesse primeiro dia, Melissa Reis, a cambone da Pombagira, me deu de presente o livro *O guardião da meia-noite*, de Rubens Saraceni (2015). Melissa, uma das minhas principais interlocutoras nesta pesquisa, entendia que eu precisava, além de estar ali, me apropriar de leituras sobre o mundo dos Exus.

O livro que ganhei de Melissa não seria um livro que eu buscava para uma pesquisa antropológica, mas entendi que precisava me apropriar do presente que ela me deu. Entendi que precisava me descentralizar da antropologia e me envolver com a vida da comunidade da Cabana do Preto Velho da Mata e todas as suas nuances. A pesquisa entrelaça a minha vida com o terreiro e o presente ganho era um dado importante dessa relação conquistada.

O guardião da meia-noite é um livro de Pai Benedito de Aruanda psicografado por Saraceni (2015). Pai Benedito conta a história fantástica do Barão que se casou com uma moça que não era virgem e quis humilhá-la quando descobriu o fato logo após a noite de núpcias. A ira do Barão, personagem central do romance da literatura umbandista, leva-o à morte e ao sofrimento para, depois, despertá-lo em um processo de redenção espiritual tornando-o um espírito de luz: O Guardião da Meia-Noite. A leitura revela uma experiência humana singular dentro da espiritualidade umbandista e me despertou para perceber os modos de conhecimento da comunidade onde eu estava inserido para a pesquisa. O livro me deslocou para pensar a partir das leituras de mundo da própria comunidade.

Se o propósito da antropologia é estabelecer um diálogo da vida humana mesmo, (Ingold, 2019. p.19) então penso que ler o livro que Melissa Reis me presenteou é levar a minha pesquisa etnográfica a sério dialogando com o pensamento e a prática diversa da comunidade que se colocou diante de mim para ser sentida, significada e interpretada em uma experiência de pesquisa antropológica.

Ademais, como bem indica Roy Wagner (2012, p. 68), todo empreendimento antropológico situa-se numa encruzilhada. Posso escolher entre uma experiência aberta e de criatividade mútua e uma imposição de minhas próprias concepções da comunidade com

quem me relaciono. Opto pela experiência aberta onde a criatividade e a invenção prevalecem como qualidades salientes da cultura. Aqui, nesta pesquisa, mobilizo-me para uma experiência relacional rigorosa onde o acaso e o inesperado podem sempre chegar como os imponderáveis da vida real (Malinowski, 1978, p. 29).



Imagem 15: Força do símbolo. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

A primeira gira de uma sequência de sete foi uma grande surpresa para mim. Uma quantidade surpreendente de pessoas no terreiro fez com que eu comentasse com Melissa que aquela gira já parecia a própria grande festa. Ela concordou comigo. Antes de Dona Pombagira chegar contei cerca de oitenta pessoas dentro do terreiro. Ainda tinha pessoas do lado de fora.

A gira começou com os tradicionais ritos iniciais. As orações, a limpeza individual com o perfume, a limpeza com o defumador e a incorporação do Pai Valdo de Iansã que é sempre o primeiro a incorporar. São formadas duas fileiras, uma de frente para a outra, com homens de um lado e mulheres de outro. Para quem entra os homens ficam do lado direito e as mulheres do lado esquerdo. As mulheres trans e travestis ficam do lado direito junto com os homens, e, me parece que não há conflitos sobre este fato. Em entrevista, Pai Valdo me explicou que a religião observa o sexo biológico do(a) praticante e assim ele(a) deve se comportar dentro do terreiro. O centro do terreiro fica vazio para que os médiuns possam receber seus guias espirituais e evoluir com suas danças e pontos cantados.

No altar, à frente do quadro com a fotografia de Mãe Rita Maria Montenegro Dolia, Mãe de Santo do Candomblé de Pai Valdo, e abaixo da imagem de Iansã, estava a imagem da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas. A imagem da Pombagira estava vestida com uma roupa vermelha e tinha um turbante na cabeça. Além disso, trazia ornamentos como colares e guias. Estava belíssima chamando a atenção de quem entrava no barracão.

O Pai de Santo fez uma explicação sobre as giras

(...) o que é que você quer? O que é que você vai fazer? O que é que você anda atrás? E aí você vai fazer a sua vibração na hora do trabalho como o padre na igreja faz a novena, o pastor faz o culto... a Pombagira vai dar o despacho dela só que naquela hora você vai estar vibrando o seu pensamento no que você quer. Se você não faz isso ou não sabe fazer você está aqui à toa, perdendo seu tempo, suas novelas. E, além do mais, ter a noção às vezes do que eu quero porque eu não posso pedir à entidade o impossível. Ninguém ache que a entidade pode fazer o impossível. Até porque as vezes o que queremos são coisas totalmente absurdas. E outra coisa: você vê no processo do ano todo as giras de Exu. Começa o terreiro cheio. Quando termina tem duas, três pessoas. Quer dizer que essas pessoas não vieram para a gira. Elas não vieram... Elas não têm nenhum tipo de noção do que elas estão fazendo. Porque elas começam, falam com a Pombagira, elas vão embora e se a Pombagira quiser que vá tomar conta. A Pombagira não é empregada de ninguém! Ela não é empregada de ninguém, ela não tem obrigação de fazer nada para ninguém. Quem precisa dela somos nós, não é ela que precisa da gente, não. Aí às vezes as pessoas confundem as coisas e se atrapalham dentro da religião porque querem... Tanto a questão de achar que o caboclo tem a obrigação de fazer o que a gente quer... Outra: se o que eu quero será que é bom para mim? Além do mais, às vezes você quer mudar a natureza dos outros. E nós não somos fadinhas, embora bonitinhas, mas mesmo e nem usamos varinha de condão. Outra coisa: também é se você tem um objetivo, você vai participar de todas as giras. Ela vem para fazer a gira. Então já dizendo: se ela veio fazer a gira você tem que estar vibrando na sua gira. Então para quem não entra nesse molde é besteira estar aqui. Tem que saber, tem que ter fé, tem que fazer sua vibração para que ela pegue a sua vibração. É aquela coisa, você vê que dentro da Umbanda quem desmoraliza a Umbanda são os umbandistas. Você vê

que tem hora que você tem vontade de matar o povo... Eu, pelo menos, tenho. O povo vem para terreiros de macumba, agora inventaram de passar as toalhas de mesa na cintura. Pelo amor de deus! Quem é que vai para uma missa desse jeito? Quem é que vai para um culto? Aí vem de short e taca a toalha na cintura. Que diabo é aquilo? Eu ainda vou perguntar para o povo. Como é o nome desse vestimento dentro da macumba, dentro da Umbanda? É falta de vergonha. Por isso que dizem que eu sou estressado: porque eu digo que é falta de vergonha. Porque a pessoa não vem propriamente para uma religião, ela está ali com segundas intenções. Ou está com vergonha de estar ali porque quem vem, vem normal. Porque a pessoa tem que saber, pelo menos, o que ela está fazendo. É como também a questão, essa questão de tá "ah fizeram o feitiço pra mim, fizeram um trabalho pra mim com Exu fulano de tal...". Gente, uma entidade sua, que lhe pertence, ela não tem necessidade de lhe fazer o mal, ela não precisa disso. Por que uma entidade minha, seu Preto Velho ou a Pombagira vai receber uma vela para me fazer o mal? Só se ele for doido? Se a casa é dele, vai derrubar a casa dele? Vai quebrar a casa dele? Conversa é essa? Isso é coisa que não dá. As pessoas que usam desse pensamento, ela está denegrindo a imagem da religião, está denegrindo as entidades. Como é que eu quero que a minha religião seja respeitada se o meu próprio protetor me mata? Está fazendo trabalho para me matar a mando de outro. Uma coisa completamente sem noção. Então vejam se vocês tiram essa visão de dentro da religião. Além de que tudo tem que ter a bebida no meio. O caboclo usa a bebida como instrumento de trabalho, mas prestem atenção para aqueles que estão usando a religião, usando as entidades como meio de satisfazer o seu vício e que está numa coisa alopada e que a pessoa é alcoólatra. Aí ela usa a religião e usa o caboclo para poder matar o vício dela. Vamos prestar atenção nisso. Vamos andar com seriedade e com respeito dentro da religião. Pelo amor de Deus, o povo já taca o pau em cima da gente e os macumbeiros ainda vão fazer umas barbáries dessas de gente sem noção, nem tamanho. Basta você raciocinar que caboclo é um espírito. E ele como espírito não vai precisar de nada aqui da terra. Ele tem aquela questão de trabalhar... O exu, o caboclo, o preto velho... Eles trabalham com bebida, com fumo, com cigarro, sim. Mas para o processo de trabalho. Mas não para estarem virando a perna, eles não são alcoólatras e viciados. Aí, enquanto um quer derrubar a Umbanda o outro quer embranquecer a Umbanda. Aí agora esse negócio de caboclo trabalhar em mesa branca. Se fosse isso, deixava trabalhar em mesa branca. Como é que deixa fundar a religião para depois... A Umbanda vem com matriz africana e na África a oralidade é que pesa. A palavra é que tem valor. Então vamos fazer uma revisão das nossas cabeças. Eu sei que tem essas coisas de demônio... O demônio não é nosso! Quando o caboclo ou o exu fala demônio vá procurar saber por que ele usa essa metáfora na tua vida ou no ponto dele. Porque o demônio é cristão. Ele não é nosso. Ele é da Igreja Católica, dos protestantes, desse povo que tem esse Deus em dualidade. Não é nosso, não. Daí o povo fica se achando com muito poder. (...) (Pai Valdo de Iansã, outubro de 2018)

Pai Valdo incorporou uma entidade que tratou de fazer uma limpeza nas pessoas que estavam na gira. Dois grandes cestos com pipoca para que as pessoas se limpassem. Uma fila foi formada para que todos e todas realizassem a limpeza. A pipoca, conforme Pai Valdo, é capaz de limpar e proteger aquele/a que se utiliza dela. Os poderes da pipoca são conhecidos no meio da Umbanda e do Candomblé. Ruth Landes (1947, 1967) conta em sua etnografia clássica, *As Cidades das Mulheres*, que entre as oferendas de uma cerimônia especial há pipoca.

Luzia (...) sentou-se no banco, afastando as coxas como um potentado oriental e apoiando nelas os cotovelos. As saias ondulantes formaram um círculo imenso no chão. Começou a entoar os cantos e as velhas que estavam perto se levantaram e dançaram de pés descalços. Ela continuou a cantar e as velhas ergueram do chão as oferendas de dendê, cachaça e pipocas que deveriam comprar a boa vontade de Êxu,

compensando-o pela sua expulsão da casa. Ela cantou mais ainda e uma velha dançarina pegou as oferendas, uma por uma, e as foi despejando pela escadaria que subíamos de tarde; Êxu deveria ir atrás das oferendas. Observando-a, eu teria dito que Luzia não estava de modo algum interessada naquela rotina, pois a sua voz profunda e monótona puxava indolentemente as canções e os seus olhos tristonhos estavam fechados. Mas não posso afirmar, pois a haviam despertado de uma madorna e, afinal de contas, ela conhecia tão bem os seus deuses quanto a mãe, a tia e as irmãs antes dela. Quantas centenas de vezes cantara o padê, negociando com o dócil demônio para que deixasse em paz os deuses e carregasse o mal para as encruzilhadas? (LANDES, 1967. p. 51-52)

O importante relato de Landes acima nos revela que a pipoca está entre as oferendas para o Exu, enquanto na gira que relato a pipoca está entre os elementos de limpeza. Landes (1967, p. 52) conta que depois dessa cerimônia, voltando para casa, escorregou nos degraus onde as oferendas foram depositadas e torceu gravemente os tornozelos. Luzia disse à pesquisadora, em desespero, que todo o mal que deveria ser carregado pelo demônio foi transferido para ela. O tornozelo da pesquisadora foi benzido regularmente pelas mulheres do candomblé que chegaram à conclusão de que a pesquisadora tinha sido vítima de mau olhado. O fato é que o tornozelo de Landes só sarou muito depois dela ter deixado a Bahia.

Landes diz ter se acostumado a pensar nisso. Eu nunca deixei de pensar nisso. Por isso, nunca deixei de cumprir todos os rituais que organizei para mim desde a minha saída de casa até o terreiro e a volta para casa. Antes de sair de casa, sempre acendi uma vela no meu altar para os meus guias protetores me protegerem durante o percurso, o trabalho de campo, e a volta. E nunca saí do terreiro antes da gira terminar. Caso isso precisasse acontecer sempre pedi autorização e a benção do guia espiritual que estava em terra e do Pai ou Mãe de Santo que estava à frente dos trabalhos. Sempre procurei cumprir todos os protocolos espirituais do terreiro assim como sempre procurei me beneficiar nos rituais de cura que as giras proporcionam.

Depois que todos e todas se limpam com a pipoca¹⁸ algumas mulheres trataram de limpar o terreiro retirando as pipocas que estavam no chão. Com galhos de árvores cheios de folhas, as pipocas foram varridas em direção a porta do terreiro e colocadas em cestos para serem descartadas no lugar adequado.

Quase duas horas depois do começo dos trabalhos na Cabana a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas chegou na cabeça do Pai Valdo de Yansã. Preciso dizer que as giras na Cabana do Preto Velho da Mata Escura são demoradas. Ora, nesse dia foram mais de oitenta pessoas para primeiro cumprimentar a entidade, depois, realizar a limpeza. Tudo é feito com

¹⁸ Alguns rituais, como os ebós, permitem a passagem da doença do corpo da pessoa para o alimento. Caprara (1998) reflete sobre saúde e doença a partir de uma etnografia elaborada com o conceito de médico ferido representado no Candomblé pela divindade Omolu.

muita paciência e cada um/uma faz no seu tempo. É muito importante entendermos o tempo no mundo da Umbanda, pois as entidades que cuidam das pessoas, atendem cada um/uma de maneira individual e isso pode acontecer até o começo da madrugada.



Imagem 16: As pipocas, depois do ritual de limpeza, são varridas e descartadas. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

A Rainha Pombagira chega e seu grito é peculiar. Não há no terreiro quem não saiba que ela aportou em terra. A entidade que está na cabeça de Pai Valdo entra na casa da Rainha e logo ela vem. Melissa Reis já tem preparado tudo para a chegada da Moça. Na pequena casa está o seu vestido, seus acessórios, seu perfume, sua bebida, seu cigarro e tudo o mais que ela possa precisar. Se não tem, algo está errado e ela se aborrece. A Rainha Pombagira precisa ser bem servida e quem cuida dela precisa ser atento/a ao que ela pede, ao que ela quer. Melissa é atenta e é sua súdita mais eloquente quando a estrela da noite roda no barracão principal.

A personalidade da Pombagira é forte e não é diferente da personalidade de Pai Valdo. Ambos são exigentes na condução das cerimônias e tudo deve estar dentro das conformidades da religião e da tradição do terreiro. E não poderia ser diferente já que são mais de trinta anos que estão juntos. Marcio Goldman (1985) indica que essa relação é construída durante um longo processo de fixação da entidade durante os rituais. No caso da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas na cabeça de Pai Valdo de Yansã essa fixação é muito bem objetiva e estabilizada fazendo com que essa incorporação seja maravilhosa e única.

Coloco-me sempre à porta da casa da Rainha. Comunico-me com Melissa pelo olhar. Não podemos nos dispersar em nenhum momento. As exigências da Rainha devem ser atendidas. Ela quer a taça na mão e o cigarro na outra. Mais um cigarro para botar na boca do Exu. Mais um... mais um... Melissa acompanha a Rainha, acende seus cigarros e não deixa a taça sem bebida. A Pombagira se coloca no espaço do terreiro entre a entrada do barracão e o portão que dá para a rua. Lá ela põe a mão fechada sobre a testa e se concentra por alguns longos segundos. Tira a mão da testa e solta uma sonora gargalhada. Tento registrar o momento com uma fotografia, mas meu corpo treme. Estou implicado com o meu corpo naquele instante que é sempre único e transcendente.

Dentro do barracão as entidades estão evoluindo, cantando seus pontos e girando. Quando Dona Sete se coloca em frente a porta, a entidade que está girando, dentro do barracão, sabe que deve terminar rapidamente seu trabalho em terra para a dona da casa entrar. E assim acontece.

A Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas entra no barracão principal da Cabana do Preto Velho da Mata Escura. Ela emana poder e todos e todas se curvam perante a entidade que entra cantando, dançando, fumando, bebendo e dando sua gargalhada. Entro logo atrás da Pombagira fotografando-a e acompanhando todos os momentos. Logo que chega ao altar um rapaz dá a ela um ramallete de rosas vermelhas. A Pombagira recebe e o abraça. E canta o ponto:

Boa noite pra quem é da noite.
 Boa noite pra quem tá chegando.
 Boa noite pra moça bonita.
 Era ela que eu estava chamando.
 (Ponto de Pombagira)

A comunidade vibra e a mulher se espalha pelo terreiro saudando os atabaques, saudando o Exu Tranca-Rua e os outros exus. Vários outros pontos são cantados e vou sentindo toda a vibração em meu corpo. Nunca poderei afirmar que sou um pesquisador que tem a capacidade de se afastar daquilo que é pesquisado. Pelo contrário, me entrego de corpo à pesquisa e me relaciono com ela sem ressalvas e pudores. Toda a energia da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas passa por mim e eu estou inserido na corrente de energia que passa pelo terreiro.

Quando os pontos para a Pombagira cessam ela faz uma reflexão dizendo que aquela era a primeira gira de sete preparatórias para a grande festa. A entidade diz que as giras são de afirmação e que todos que estão ali devem se concentrar no que querem. Segundo a entidade, se há confiança e fé, tudo será alcançado. Dito isso pede suas coisas e vai para centro do terreiro onde Ihe é dado um pequeno banco onde ela se senta.

Ê Mojubá! Salve a força! Salve a fé! Salve Exu! Ê Mojubá! Boa noite pra todos aqui presentes! Aqui estamos todos enfrentando todo o problema, toda a dificuldade que cada um de vocês tem enfrentado, mas Pombagira digo hoje a noite a vocês: parabéns porque estão firmes e se estão aqui é porque estão com vontade de ficar. E se você está aqui é porque está com vontade de vencer. Se você está aqui é porque tem fé. Da sua maneira, do seu jeito, mas tem uma fé que é essa chama, essa energia que existe dentro de cada um de vocês, esse desejo de vencer, esse desejo de triunfar, é o que eu quero dentro das minhas sete giras. Eu sou uma mulher que gosta da liberdade, que gosta do triunfo, que gosto de lutar. Não gosto de viver acomodada, não gosto de não ter nada para eu lutar, porque eu só vou ter força quando eu sou capaz de acreditar que posso lutar por alguma coisa. Então não bote o teu problema, a tua causa, o teu amor, o teu desemprego, o teu desespero, na frente de ti. Bota a tua capacidade. Acredita em ti, que tu é capaz de vencer, que tu é capaz de triunfar. "Ah, Pombagira! É muito bom falar!". Claro, é bom falar, é bom acreditar e é bom fazer. Então duas coisas andam muito juntas, de mãos dadas, se agarrando e se beijando. Essas duas coisas, elas se chamam saber e poder. Porque se tu sabes o que tu quer, se tu sabes a quem recorrer, se tu sabes pedir... Tu tens o poder de vencer. Então vamos abrir... Já está aberta. Então eu quero, como já disse, esse espírito de energia de vencer. Porque se todos vocês estão aqui é porque querem alguma coisa, mesmo aquele que está perdido, sem saber o que quer ou se tá só para ver o Exu, ou se tá só para alguma coisa. Mas a tua força, a tua vontade, o teu caminho que te trouxe até aqui é porque dentro de você existe uma energia, existe algo que tu tá querendo, muitas vezes tu não sabes nem o que é. Agora eu peço a cada um: então quem tiver sua tocha segura na tua mão direita e peço, encarecidamente, que faça a sua vibração. Se não tiver, não se perturbe porque não é por conta de uma tocha que você não vai vencer. A tocha é justamente para você passar para ela o teu desejo, a tua energia, a tua vontade, do que tu quer. Por isso é que é a gira. A gira é aquela coisa para você fazer mais concentrado no que você quer. Te liberta, principalmente, das amarras que te amarra, das amarras de tu achar que tu é um miserável, que é um condenado, que é alguém que não possa crescer. Se você tem direito a uma vida então tem direito a tudo aquilo que ela possa te favorecer. Desde que seja para o teu bem, desde que seja para o crescimento, para o teu sucesso. Ter liberdade, meus

compadres e minhas comadres, não é você poder andar para cima e para baixo. Liberdade é aquele que pode ser dono de si, pode dizer eu sou, eu faço, eu quero, mas esse faço é fazer o que é bom para tu. Muitas vezes vocês não acreditam em si mesmos. Vive, chupa, agarra as coisas ruins. Então nessa hora você vai se soltar dessas pestes, doenças, esse mal que atrapalha tua vida. Se agora tu tá precisando é do teu ganha pão, do teu emprego, como diz vocês, que essa porta se abra e que você ache. Se tu tá precisando da tua paz que também é a maior vitória, se tu tá precisando é de fé, maior vitória ainda. Se tu tá precisando de um amor, de um companheiro, de uma companheira, ou vice-versa como é que seja... Então se é isso que tu quer, só penso que você tem que pensar, sabe, querer aquilo que vai te ajudar a crescer. Que não vai fazer você sofrer. Apesar que, quem sofre por alguém, sofre porque quer. Ninguém é dono da vida de ninguém. A pessoa tem que viver independente do outro. Amar é ter companhia, é participar, é viver. Não é sofrer, não. E às vezes tem uns que gosta, sabe. Porrada. É sofrendo, é chorando. Aquilo te maltrata, mas tu quer. Fazer o quê? Eu só quero que tu tenha a consciência do que tu tá atrás e do que tu tá pedindo. E que na energia de todos nós Exus aqui presentes e na tua energia junto a um e ao outro, você vai ter o saber, o conhecimento e o poder de vencer. Salve a gira! Salve a força! Agora nós vamos vibrar na força da curimba que eu vou cantar. Se você pensar bem na curimba, com a inteligência, você vai se encontrar dentro dela. É aquilo que tu tá precisando, é aquilo que tu tá querendo. Você não tá como miserável implorando a Exu, não. Tá como um amigo do Exu. O Exu tá aqui para caminhar contigo, para te entregar, para te ajudar a romper todo obstáculo que possa estar no teu caminho. (Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas, outubro de 2018)

Ajoelhei na encruzilhada a meia-noite
 Para pedir o teu perdão
 Ah! Exu! Me livra dos meus inimigos
 Eu quero abrir os meus caminhos
 E me livrar dos perigos.
 (Ponto de Exu)

Sentada no banco, a Rainha Pombagira pega um pedaço de giz e desenha um ponto riscado¹⁹. É um tridente com três pontas e um “x” no cabo dele. Depois de desenhado a Rainha se debruça sobre o tridente colocando sua testa no centro do “x” por alguns segundos. Neste momento ela está rodeada por cinco pessoas que estão com as coisas que ela solicitou. A Pombagira pede um prato de barro chamado *alguidá* e o coloca no centro do “x”.

Nesse *alguidá* é colocada a oferenda e todos/as devem estar bem concentrados/as no que desejam. Outro *alguidá* é colocado bem entre os garfos do tridente e ali é colocado o *padê*.

A Carta Magna da Umbanda diz que

¹⁹Ponto riscado é [...] como se fosse uma carta, um símbolo, um brasão do preto-velho. Naquele brasão ele tá se identificando, sua origem, qual é, pra que é que ele serve e o que é que ele tá fazendo, é como se ele tivesse escrevendo uma carta. Então, são símbolos, são signos, né? É, do preto-velho você identifica a cruz, representando que ele trabalha na Linha das Almas, que ele foi um espírito que sobreviveu a um sofrimento material. Tem, geralmente, tem o cachimbo, que vai representar nada mais do que a sabedoria. O rosário vai representar que ele é um espírito evoluído, né? Então, todo ponto riscado traz toda uma história, é como se fosse um livro que ele tá, uma carta que ele tá lhe passando, ele tá dizendo o que é que ele faz. É engraçado que o ponto riscado, ele, de acordo com o que ele tá riscado, você vai identificar o tipo de vela que você tem que acender, o tipo de bebida que você tem que usar e o tipo de trabalho que você tem que assinar. Pai Valdo de Iansã, 2010. Entrevista para Pereira (2012, p. 122).

a Umbanda recorre às orações, desobsessões, ou, se preciso for, às oferendas de flores, bebidas, frutos, sucos, chás, alimentos, incensos e velas. A oferenda, além de operação espiritual/vibracional, é também uma reverência espontânea aos Sagrados Orixás e é recomendada a sua prática aos seus fiéis, visto que entendemos que esses elementos possuem elevadas vibrações energéticas que podem ser manipuladas espiritualmente em benefício de algo ou alguém. Entendemos também que um dos objetivos da Umbanda é o de elevar e sublimar o espírito e seus iniciados e assistidos pela ética de Cristo. (SOUZA, 2017. p. 20)

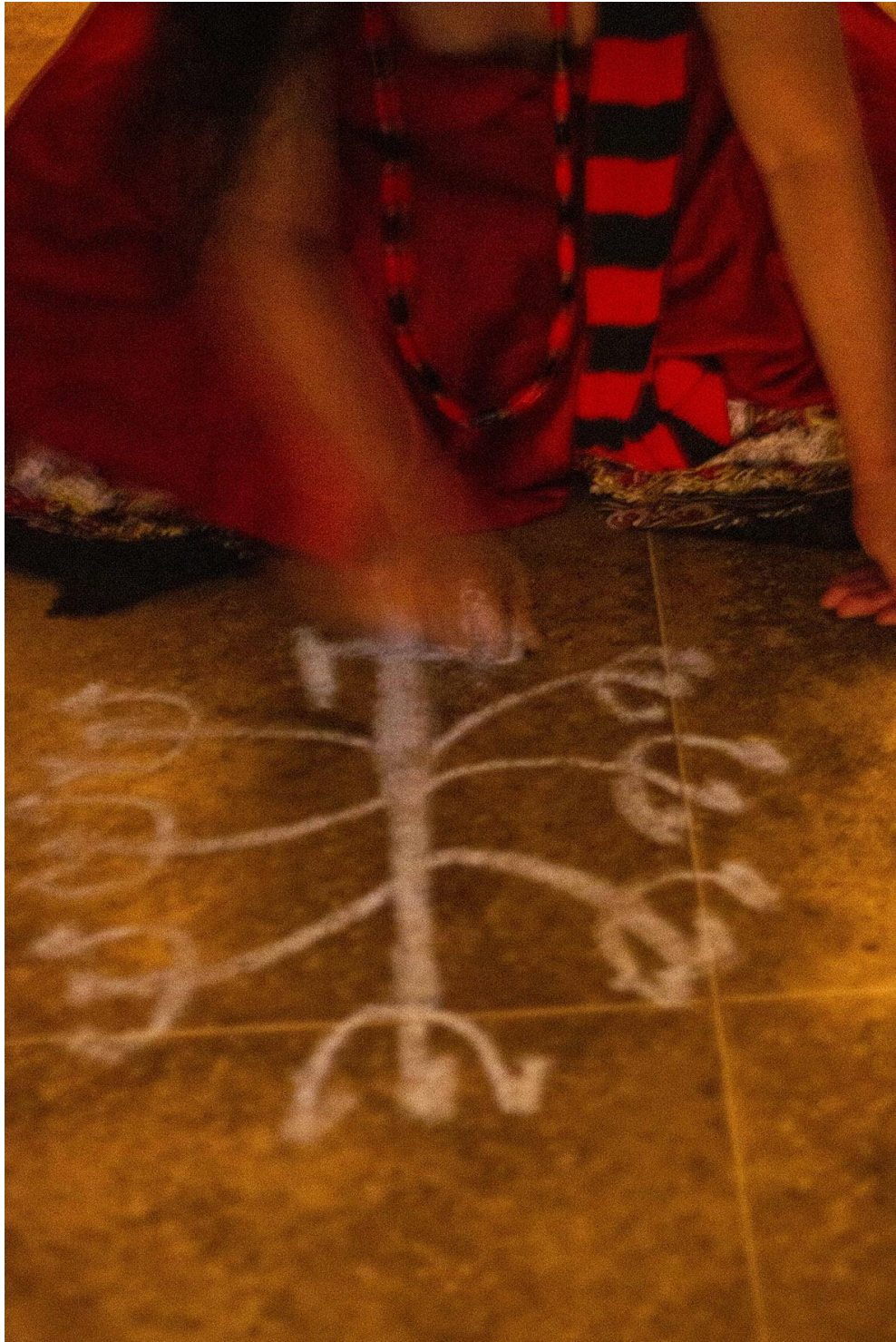


Imagem 17: Ponto riscado. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

Todos os elementos que estão na Carta são vistos na oferenda da primeira gira preparatória da Festa da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas. Depois que é colocado o padê a Rainha coloca sete velas ao redor da oferenda sendo três pretas e quatro vermelhas. Coloca, também, rosas, incensos e arranjos com pequenos galhos de plantas medicinais. Duas garrafas de sidra são deixadas ao lado dos alguidares.

O padê é a oferenda que se entrega ao Exu. Silva indica que

Exu sempre recebe uma parte das oferendas (sacrifícios) dedicadas aos outros orixás, mas ele pode ser diretamente saudado por meio de ritos próprios. O padê (ou Ipadê) é o seu rito mais conhecido. O termo Iorubá Ìpàdê significa reunião ou encontro, demonstrando que objetivo principal do rito é pedir a Exu que reúna ou propicie o encontro das partes que acham separadas ou distantes: o leste do oeste, o norte do sul, a terra visível (aiê) da invisível (orum), os homens dos orixás, os vivos dos mortos. (...) O padê também é conhecido por “despacho de Exu”, nome que pode ter duplo sentido: enviar o orixá mensageiro para “correr o mundo” e voltar trazendo as energias distantes e benéficas para perto dos homens, inclusive chamando os orixás para comparecerem à festa, ou agradar o Exu, para que este, satisfeito, não perturbe os trabalhos, dada a sua personalidade zombeteira. (SILVA, 2015. p. 136-137)

Existem vários tipos de Padê e eles podem ter variantes de acordo com região e a tradição religiosa. Silva indica dois:

O mais simples é realizado imediatamente antes do início da festa do orixá, possui uma duração menor e é público. No centro do barracão são depositados uma tigela com farinha de mandioca (farofa) branca e outra com farinha amarelada pela adição de azeite de dendê, um recipiente com bebida alcoólica (cachaça, gim etc.) e outro com água, uma vela acesa e alguma outra oferenda que se queira como obi (noz de cola) ou acaçá (comida feita com milho branco, enrolada em forma triangular numa folha de bananeira). (...) O outro tipo de padê também é realizado no dia da festa do orixá, porém ocorre sempre no final da tarde (crepúsculo). Tem uma duração maior e em geral é restrito aos membros do terreiro e alguns convidados mais próximos. As oferendas alimentares são praticamente as mesmas (farinha de mandioca, azeite de dendê, água, bebida alcoólica, sal, acaçá). Neste rito são invocados, além de Exu, alguns orixás associados à vida e a morte, os espíritos ancestrais (eguns) do terreiro (ou essas) e as Iyami Oxorongá que representam as ancestrais femininas ou grandes mães feiticeiras. (2015, p. 137-139)

Exu também recebe oferendas de animais. Mas não qualquer tipo de animal. Todos os animais que são dados em oferenda nas tradições afro-ameríndias são específicos para cada orixá. Exu

Recebe oferendas de animais (galos, galinhas, bodes etc.) de cor escura, preferencialmente pretos. A ele também são ofertados carne crua, velas pretas e vermelhas, moedas e pimenta, além da farofa, da bebida alcoólica e do azeite de dendê já mencionados. Na umbanda costuma-se ainda oferecer-lhe fumo (charutos e cigarros) e alguns órgãos internos de animais, como fígados e coração, por estarem relacionados ao dinamismo do corpo e desempenharem funções vitais para a manutenção da vida. Já as Pombagiras preferem oferendas de bebidas doces (champanhe), flores e perfumes. (Ibid. p. 142-143)

Entre as folhas consagradas para Exu estão

As consideradas “quentes” ou “folhas de fogo” (ewé inón), em geral urticantes, algumas ruinosas e provenientes de plantas que possuem acúleos (estruturas pontiagudas e rígidas) ou espinhos. Entre as folhas mais usuais estão: urtiga-branca, urtiga-vermelha, picão, perpétua, tiririca, alfavaca, corredeira, aroeira, beldroega, pau-de-cunanã, mamona e arruda. Algumas folhas ou plantas dedicadas a Exu fazem referência em seu nome aos seus elementos, cores ou mesmo ao imaginário cristão associada a este orixá: figo-do-inferno, palmatória-do-diabo, comigo-ninguém-pode, olho-de-gato, olho-de-cabra, arrebenta-cavalo (juá-vermelho), facheiro-preto, jurema-preta, folha-de-fogo etc. As folhas para Exu podem ser usadas de múltiplas formas, inteiras ou maceradas, em sacudimentos ou ebós (ritos de limpeza espiritual), ou em banhos e preparos (omi-ero, amaci, abô etc). (Ibid. p, 143-144)

As questões das oferendas e do sacrifício animal foram discutidas este ano pelo Supremo Tribunal Federal (STF) que produziu a seguinte tese: “É constitucional a lei de proteção animal que, a fim de resguardar a liberdade religiosa, permite o sacrifício ritual de animais em cultos de religiões de matriz africana”. Considero importante que a matéria esteja na íntegra neste trabalho.

Por unanimidade de votos, o Supremo Tribunal Federal (STF) entendeu que a lei do Rio Grande do Sul que permite o sacrifício de animais em ritos religiosos é constitucional. O Plenário da Corte finalizou nessa quinta-feira (28) o julgamento do Recurso Extraordinário (RE) 494601, no qual se discutia a validade da Lei estadual 12.131/2004. O presidente do STF, ministro Dias Toffoli, registrou que todos os votos foram proferidos no sentido de admitir o sacrifício de animais nos ritos religiosos e observou que as divergências dizem respeito ao ponto de vista técnico-formal, relacionado à interpretação conforme a Constituição da lei questionada. O Plenário negou provimento ao RE, vencidos parcialmente o ministro Marco Aurélio (relator), Alexandre de Moraes e Gilmar Mendes, que admitiam a constitucionalidade da lei dando interpretação conforme. A tese produzida pelo Supremo é a seguinte: “É constitucional a lei de proteção animal que, a fim de resguardar a liberdade religiosa, permite o sacrifício ritual de animais em cultos de religiões de matriz africana”. O recurso foi interposto pelo Ministério Público do Rio Grande do Sul (MP-RS) contra decisão do Tribunal de Justiça estadual (TJ-RS) que negou pedido de declaração de inconstitucionalidade da Lei estadual 12.131/2004. A norma introduziu dispositivo no Código Estadual de Proteção aos Animais (Lei 11.915/2003) – que veda diversos tratamentos considerados cruéis aos animais – para afastar a proibição no caso de sacrifício ritual em cultos e liturgias das religiões de matriz africana. No STF, entre outros argumentos, o MP-RS sustentou que a lei estadual trata de matéria de competência privativa da União, além de restringir a exceção às religiões de matriz africana. O julgamento do recurso teve início em agosto do ano passado e foi suspenso por pedido de vista do ministro Alexandre de Moraes. Na ocasião, o ministro Marco Aurélio (relator) votou no sentido de dar interpretação conforme a Constituição à lei estadual para fixar a constitucionalidade do sacrifício de animais em ritos religiosos de qualquer natureza, vedada a prática de maus-tratos no ritual e condicionado o abate ao consumo da carne. Em seguida, adiantando seu voto, o ministro Edson Fachin reconheceu a total validade do texto legal e votou pelo desprovimento do RE. Para ele, a menção específica às religiões de matriz africana não apresenta inconstitucionalidade, uma vez que a utilização de animais é de fato intrínseca a esses cultos e a eles deve ser destinada uma proteção legal ainda mais forte, uma vez que são objeto de estigmatização e preconceito estrutural da sociedade. Na sessão desta quinta-feira (28), o ministro Alexandre de Moraes leu seu voto-vista pelo provimento parcial do recurso, conferindo à lei do Rio Grande do Sul interpretação conforme a Constituição para declarar a constitucionalidade de todos os ritos religiosos que realizem a sacralização com abates de animais, afastando maus-tratos e tortura. Ele acompanhou o voto do relator, porém entendeu que a prática pode ser realizada

independentemente de consumo. No mesmo sentido votou o ministro Gilmar Mendes. (Supremo Tribunal Federal, 2019. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=407159> Acesso: 16 Jul. 2019)

A ampla maioria dos ministros entendeu o que é a tradição das religiões de matrizes africanas no que se refere ao sacrifício animal.

O ministro Luís Roberto Barroso acompanhou o voto do ministro Edson Fachin. Barroso afirmou que as sustentações orais contribuíram para o fornecimento de informações e para a melhor compreensão da matéria. Ele ressaltou que, de acordo com a tradição e as normas das religiões de matriz africana, não se admite nenhum tipo de crueldade com o animal e são empregados procedimentos e técnicas para que sua morte seja rápida e indolor. “Segundo a crença, somente quando a vida animal é extinta sem sofrimento se estabelece a comunicação entre os mundos sagrado e temporal”, assinalou. Além disso, o ministro destacou que, como regra, o abate não produz desperdício de alimento, pois a proteína animal é servida como alimento tanto para os deuses quanto para os devotos e, muitas vezes, para as famílias de baixo poder aquisitivo localizadas no entorno dos terreiros ou casas de culto. “Não se trata de sacrifício para fins de entretenimento, mas para fins de exercício de um direito fundamental que é a liberdade religiosa”, concluiu. A ministra Rosa Weber também negou provimento ao RE. Ela entendeu que a ressalva específica quanto às religiões de matriz africana está diretamente vinculada à intolerância, ao preconceito e ao fato de as religiões afro serem estigmatizadas em seus rituais de abate. “A exceção atende o objetivo que as próprias cotas raciais procuraram atingir”, afirmou. No mesmo sentido, o ministro Ricardo Lewandowski entendeu que a lei gaúcha é compatível com a Constituição Federal e que eventuais abusos são abrangidos na legislação federal aplicável ao caso. Também o ministro Luiz Fux considerou a norma constitucional. Segundo ele, este é o momento próprio para o Direito afirmar que não há nenhuma ilegalidade no culto e liturgias. “Com esse exemplo jurisprudencial, o Supremo Tribunal Federal vai dar um basta nessa caminhada de violência e de atentados cometidos contra as casas de cultos de matriz africana”, salientou. Da mesma forma, a ministra Cármen Lúcia considerou que a referência específica às religiões de matriz africana visa combater o preconceito que existe na sociedade e que não se dá apenas em relação aos cultos, mas às pessoas de descendência africana. Ele citou, como exemplo, o samba, que também foi objeto de preconceito em razão de quem o cantava. O presidente da Corte, ministro Dias Toffoli, acompanhou a maioria dos votos pelo desprovimento do RE. (Supremo Tribunal Federal, 2019. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=407159> Acesso em: 16 Jul. 2019)

Meu trabalho de campo constata que na Cabana do Preto Velho da Mata Escura não há maus-tratos aos animais. Todos os animais usados como oferenda à entidade foram sacrificados com técnicas onde eles morreram rapidamente sem sentir dores. Não houve, em nenhum momento, tortura aos animais. O respeito aos animais sacrificados é imenso porque é deles que vem o alimento e a vida para a comunidade.

A bebida alcoólica presente na oferenda também tem a função mágico-religiosa de levar a mensagem à entidade. A Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas gosta de champanhe e sidras. Ela bebe com gosto e alegria. Quem dá bebida para a Pombagira sela acordo de amizade com ela. E ter amizade com a Rainha é ter poder e prestígio, não é para qualquer

um/uma. A bebida alcoólica foi tema de trabalho de Melina Gomes (2014, p. 142) que concluiu, entre outras coisas, que compartilhar da bebida da entidade é uma forma de demonstrar-se crente nela, de selar um acordo; o brinde é como um aperto de mãos dado de igual para igual, sem receios maiores e é um gesto de extrema confiança.

Tanto o uso do sacrifício animal, como do álcool nas religiosidades afro-ameríndias, têm sido motivo para a intolerância religiosa e racismo de grupos extremistas ligados a diversas igrejas, católicas e evangélicas. Ultimamente, grupos extremistas de veganos e de proteção animal também atacam as religiosidades afro-ameríndias²⁰.

A Rainha Pombagira levanta-se do banco e contempla a oferenda pronta. Os atabaques ressoam e emocionam quem participa da gira. “Afirma o pensamento no que tu quer”, diz a Rainha começando a fazer movimentos circulares em torno da oferenda. O momento é mágico. Estou muito próximo a tudo, fotografando. Meu corpo também é o corpo do trabalho. Mas a gira ainda não terminou.

Outras entidades estão no terreiro, trabalhando. Seu Zé Pilintra, Seu Tiriri, Seu Marabô, Seu Sete Encruzilhadas, Dona Maria Padilha, Dona Sete Saias, entre outros/as Exus e Pombagiras que ajudam a segurar os trabalhos espirituais de caridade dentro do terreiro. A Cabana do Preto Velho da Mata Escura é uma comunidade sustentada na colaboração e no respeito. Todos e todas formam uma corrente em comunhão no corpo e no pensamento.

A Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas pede que as pessoas comecem a entregar as velas. Cada pessoa teria que ter levado uma vela vermelha grande para que a própria acendesse em torno da oferenda. Algumas pessoas do terreiro receberam a vela ali mesmo, no terreiro. Eu tinha levado duas velas de sete dias. Uma vermelha para agradar a Rainha e outra amarela para agradar a Dona Maria Padilha da Estrada, a minha Pombagira. Entreguei as duas velas para a Rainha que me abraçou e deu uma grande gargalhada. Nosso pacto estava muito selado.

A cena da Rainha com as velas vermelhas em torno da oferenda é uma das mais lindas desde que comecei a pesquisar sobre Umbanda. A força da magia da mulher é fascinante e encheu de alegria os olhos de quem estava presente naquela cerimônia maravilhosa onde a religiosidade e a espiritualidade da Umbanda na Cabana do Preto Velho da Mata Escura se propagam.

²⁰ Luisa Mell é apontada como racista por fãs após falar sobre sacrifício de animais em religiões. Ver em: <https://caras.uol.com.br/pet/luisa-mell-e-apontada-como-racista-por-fas-apos-falar-sobre-sacrificio-de-animais-em-religoes.phtml> Acesso em: 16 Jul. 2019.

A gira terminou mais de meia-noite. Voltei para casa em êxtase e já com expectativas para as próximas giras que viriam. A Rainha, mais uma vez, brilhou.

...

A segunda gira da Rainha Pombagira aconteceu dia 23 de outubro de 2018, terça-feira. Começou com a presença forte de Pretos-Velhos e Pretas-Velhas. Seu Preto Velho da Mata Escura chegou cerca de 20h e começando suas orações iniciais. Depois vieram Pai Joaquim D'Angola, Pai José, Pai João da Mata, Vovó Joana D'Angola entre outros/as que começaram os atendimentos espirituais. A gira não começou com um número expressivo de pessoas como na primeira. Cerca de 70 pessoas estavam no barracão principal. E começou com as orações iniciais.



Imagem 18: Preta Velha abençoa Walber Lopes. Foto/JeanDosAnjos

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Pai nosso que estais nos céus, santificado seja o vosso nome, seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. Não nos deixei cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém. Ave maria, cheia de graça, o senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria mãe de deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém. [Repete a Ave

Maria três vezes] Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, assim como era no princípio, agora e sempre. Amém.

Alasé, dai-nos força, braço do dragão do mar tabajara quem se apega com Deus e com a sempre Virgem Maria. Quem com ele se apega nada de mal acontece, nada de mal aconteceria. Oh! Cigana do mar, pedra do fundo do mar, Tupã, Tupã, Tupã. Santa Bárbara virgem poderosa, Deusa da bruxaria e da feitiçaria e da mandingaria, Dona da pedra da encantaria do mar sagrado, do mar sem fim. Quebrai na tua pedra, minha mãe, todo mal que contra nós vier. Oh! Virgem Mãe da concepção, dai-nos a vossa proteção! Oh! Virgem Mãe da concepção, dai-nos a vossa proteção! Oh! Virgem Mãe da Concepção, dai-nos a vossa proteção! (Pai Valdo de Iansã, outubro de 2018)

Seu Preto Velho da Mata Escura incorpora no Pai Valdo e faz a saudação à comunidade. Começa novamente um ciclo de orações.

Salve Deus!

Pai nosso que estais nos céus, santificado seja o vosso nome, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. Não nos deixei cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Ave maria cheia de graça, o senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria mãe de deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém. (Preto Velho da Mata Escura, outubro de 2018)

Reza-se mais um Pai nosso e mais uma Ave Maria e o Seu Preto Velho pede que todos se levantem, pois estão todos e todas ajoelhados/as em reverência ao dono da Cabana. "Levantado seja a vossa matéria. Não tem que possa mais do que Deus e mais do que Deus ninguém será", diz aquele que vem lá do Codó, do Maranhão.

Seu Preto Velho vem da mata escura
 Seu Preto Velho vem é de Codó
 É Preto Velho, mas é mandingueiro
 Me ajuda cavalheiro, que eu não posso baiar só.
 Ele é o Preto Velho de Codó
 Lá, que mandaram lhe chamar
 É Preto Velho, ê, ê
 É Preto Velho, ê, â
 É Preto Velho, ê, ê
 É Preto Velho quem vem trabalhar.
 (Ponto do Preto Velho da Mata Escura)

Eu abro a minha gira com Deus e Nossa Senhora.
 Eu abro a minha gira, sambolê pemba de angola
 Gira, gira, gira, dos caboclos
 Sem sua gira eu não posso trabalhar
 Nasci assim, na fé de Ogum meu pai
 Sem gira eu não posso trabalhar. (Ponto de Umbanda)

E chega Pai Joaquim, outro Preto Velho.

Saravá no terreiro Pai Joaquim D'Angola
 Vamos saravá Pai Joaquim
 Pai Joaquim é Rei de angola
 Pai Joaquim é angolá angolá (Ponto de Pai Joaquim)

Foi uma gira de limpeza e cura. Em Fortaleza a presença de Pretos Velhos e Pretas Velhas nos terreiros indica, imediatamente, a presença de rituais de acolhimento, auxílio e cura das mais diversas enfermidades do corpo e da alma. Patrícia Birman indica que

os pretos-velhos se apresentam no corpo dos médiuns como figuras de velhos curvados pelo peso da idade, falando errado, pitando um cachimbo, bebendo vinho numa cuia, numa imagem que pretende retratar fielmente o ex-escravo africano das senzalas brasileiras no século passado. A elaboração desse tipo faz sobressair com vigor a condição de pretos e escravos. Por vezes, ouvimos nos terreiros referências aos pretos-velhos como grandes feiticeiros – teriam aprendido no período da escravidão mandingas infalíveis que usavam para se defender da maldade dos senhores brancos. A essa feição intimidante associada à magia negra se contrapõem as qualidades que mais se destacam nesse tipo: os pretos-velhos são vistos como bondosos, humildes, generosos e paternais. Tratam a todos como filhos e são chamados pelos integrantes dos terreiros como pais e avós. O predomínio dessas qualidades afetivas na construção dos pretos-velhos como personagens da umbanda se dá pelo fato de serem eles pensados como elementos subordinados (escravos) numa área em que a nossa sociedade os coloca como predominantes das relações afetivas e de parentesco – a área doméstica. Assim, apesar de grandes feiticeiros, os pretos-velhos são aqueles que foram vencidos pelo afeto e sentimentos paternais, estabelecendo com os seus senhores uma relação de lealdade, como humildes servidores da casa-grande. (1985, p. 40-41)

A importância dos Pretos-Velhos e Pretas-Velhas é fundamental para entendemos a subversão dos valores do trabalho que se recusa à exploração vigente do mundo industrial (Pordeus Jr., 2000, p. 66). Essas entidades realizam trabalhos de cura referenciados na magia e não cobram valores monetários para a realização deles. A Umbanda é a religião da caridade. Se confrontarmos os valores de consultas de médicos particulares e as mensalidades absurdas e abusivas dos planos de saúde com os atendimentos gratuitos das entidades da Umbanda conseguimos perceber que a espiritualidade dessa religião transgride o mundo do trabalho capitalista em que somos submetidos na nossa sociedade. A magia tem papel fundamental nessa subversão de valores, pois é a partir desse referencial sobrenatural que os processos de cura são realizados. Neste ponto, a Umbanda já nasceu combatida pelas ciências médicas como a psiquiatria, já que o fenômeno do transe e da possessão qualificou, por séculos, o indivíduo como doente mental. Presenciei e presencio na Cabana do Preto Velho da Mata Escura que qualquer pessoa pode entrar para participar dos trabalhos espirituais, conversar com as entidades e receber suas bençãos. Nenhum valor é cobrado para o atendimento e não é solicitado, em nenhum momento, fidelidade ou compromisso social com o terreiro.

Como na primeira gira, a pipoca foi utilizada novamente. Quem esteve à frente de toda a cerimônia de cura foi a Preta Mandinga na cabeça de Pai Valdo de Iansã. Antes, passou pela cabeça dele o Preto Velho de Mina. Todas e todas saudaram esse Preto Velho. Depois da

limpeza com a pipoca o barracão foi limpo pelas mulheres e a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas chegou. Mais de duas horas e meia já tinham de passado.

A Rainha chegou belíssima como de costume. Melissa Reis se posicionava do lado dela e a ajudava com sua taça e seus cigarros. Ela ganhou, logo na sua entrada, um ramalhete de rosas vermelhas. É importante dizer que quando a Rainha entrou não tinha mais nenhum preto velho ou preta velha em terra. Fui entendendo que a linha²¹ tinha virado, ou seja, tinha passado de linha de Preto Velho para linha de Exu. Fui entendendo as viradas de linha a partir de certos referenciais. No caso da linha de Exu as luzes são imediatamente apagadas e eles trabalham no escuro. Excetuando o dia da grande festa e o dia da quinta gira, em que foi celebrado o dia das almas e do Seu Zé Pilintra, todas as giras foram realizadas no escuro.

Mais uma vez a Rainha construiu a sua oferenda com o padê e pediu as velas vermelhas dos participantes da gira. Todos e todas entregaram suas velas e reverenciaram a Pombagira. “É de vencer!”, dizia a Moça com a certeza de que todos e todas que faziam aquela corrente estavam concentrados/as no que desejavam. “Se concentrem nos seus desejos!”, ela repetia com graça e seriedade fazendo entender que o trabalho estava na força do pensamento. E palavreou:

(...) ao médium. Se tu não pode ajudar o teu próximo não atrapalha e nem humilha. Que isto seja entendido. Como eu já disse, nenhuma entidade tem a necessidade de humilhar, ela não tem a necessidade de tá perdendo tempo para estar fazendo o mal por uma vela, por uma gota de sangue, por um copo de cachaça, ou seja lá o que for. Muita gente tem as entidades como coisas deprimentes, tristes. Como se fossem espíritos a vagar a mercê de um copo de cachaça. Isto é uma mente fria, pequena. Não tou humilhando, tou orientando. É uma mente fria, pequena. Porque estamos fazendo a caridade. Estamos fazendo, procurando que vocês se melhorem. Porque isso só vai trazer benefício a mim e ao meu cavalo: a melhora de vocês. Eu não quero ver a derrota, eu não quero ver a tristeza, eu não quero ver o choro, eu não quero a pancada e o sofrimento de ninguém não vai enriquecer meu cavalo espiritualmente em nada. Se eu não puder vir nele para ajudar, atrapalhar é que não venho. Porque pra fazer alguma coisa eu faço nas encruzilhadas. Então eu quero que vocês. Então eu quero que vocês seja pessoas melhores, umbandistas de valor, para que honrem o nome da Umbanda e glorifique o nome do Exu não como demônio, mas como Exu, o espírito brincalhão, alegre, dono do caminho e da estrada, dono da verdade, da alegria, do saber de orientar. Salve Exu! Vocês estão aqui para quê? Para vencer. Para que mais? Para triunfar. (Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas, outubro de 2018)

Chamou um rapaz que estava próximo a ela e disse:

Eu vou lhe dizer uma coisa moço, você pode ser pequeno no seu tamanho na terra. Mas para mim você tem a mão do meu cavalo na sua cabeça. E é filho daqui igual a qualquer outro. Certo? E quem manda na ponta da mesa é o cambone. E se ele lhe chamar e permitir você estar ajudando pode ajudar. E quem achar ruim que possa

²¹Linha é a "faixa de vibração" que em alguns cultos afro agrupa as divindades e as identifica por meio de cânticos, doutrinas ou rituais próprios. (Silva, 2005, p. 138)

procurar o que fazer? Porque quando a gente se incomoda com a vida dos outros é porque a gente não tem nada pra fazer. Laroyê, Exu! (Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas, outubro de 2018)

A Pombagira faz uma pequena pausa.

Cadê minhas coisas?

Vamos respirar bem fundo. Antes de qualquer coisa, façam o seguinte: Peguem esse dedo que vocês chamam e botem no meio da mão direita e apertem bem a mão direita sete vezes. Depois façam com o dedo direito a mão esquerda também. Isso é para ativar as tuas energias. Para liberar as tuas energias. Lembrem que é a esquerda na direita e a direita na esquerda. Ou seja, ninguém só tem uma banda. Vocês têm duas bandas. Então tem que se energizar, tem que crescer, soltar essas energias, para que haja o equilíbrio. Tanto do lado como do outro, certo? Liberem as energias de vocês. Liberem a mente para a vitória. Libera a mente para tu vencer. Não importa se o teu desejo é o teu ganha pão, é tua bandeira, é tua mucamba, o teu amor, a tua paz. O teu sucesso. O que importa é que a energia positiva com a força você possa sair daqui melhor com outro pensamento, e conseguindo o teu objetivo.

Podem pegar a sua tocha, quem trouxe. Segura tua tocha, bota na mão direita, na tua mente. Quem não trouxe bota a mão direita que será atendido, será auxiliado da mesma forma, da mesma luz, da mesma energia que todos nós estamos nós exus e vocês matérias. E acredita. E diga. Eu vou vencer. Eu vou vencer. Eu vou vencer. Porque eu posso, mereço, e a vitória será certa. Então é isso. Você pode, você merece, você vai vencer. (Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas, outubro de 2018)

A Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas começou a cantar seus pontos.

Ê Pombagira quem te chama sou eu.
Eu estou desesperado,
Na hora do meu desespero
Tu és a minha advogada.

Ê mama ê
Povo de ganga chegou
Ê mama ê chorou
Chorou, chorou, chorou
Povo de ganga chegou

Em noite de lua cheia
Eu sou o teu punhal
Enterrado na areia

Pombagira é mulher maravilhosa
Quando entra no terreiro
Vira um jardim de rosa
Ela vai girar na força da encruzilhada
Vai abrir o seu caminho com a sua gargalhada. (Pontos de Pombagira)

Salve a força, a fé. Salve a vitória de cada um de vocês. Agora eu não quero saber de quem gosta de quem, de quem ama que não ama, que odeia, nada. Quero saber do bem-estar, da vitória e do sucesso. Vamos procurar, se der, juntar uma mão na outra, faz uma força, uma corrente só, uma só gira, um só pensamento, e objetivo maior é a vitória de cada um. Agarra, aperta, se não der pra pegar na mão pega nos braços. E aqui chamo todos os meus compadres para que façam um círculo aqui. (Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas, outubro de 2018)

Salve a hora grande

E a corrente do amor
 Sete Sara e cura
 Ele cura a tua dor
 Sete sara e cura
 Cura a tua dor
 Seu Sete Encruzilhada é teu protetor.

Quem anda com sete
 Não anda sozinho
 Ele é o Exu da caridade
 E vai abrir o teu caminho

Ô sete, ô sete
 Quero falar com você
 ô sete, ô sete
 O meu amigo é você

É mavilla mavambo
 É compessuê
 A a a a
 É Pombagira mavambo

Azuelou Azuelou
 Exu é Bará Vodum

Este terreiro é governado por mulher
 Terreiro da Pombagira só não vence quem não quer
 Ai ai ai
 Oi oi oi
 Terreiro da Pombagira só não vence quem não quer.

Mulher quem te deu tanta beleza
 Mulher quem te deu vai te dar mais
 Mas que tu és a Rainha Pombagira
 Mulher dos seus sete ideais.

Pombagira vem me ajudar
 Se eu meu mundo escureceu
 Só tu pode clarear
 Ela é a Rainha Pombagira
 Vem fazer o teu louvor
 Na barra da tua saia
 Correu água e nasceu flor. (Pontos de Exu e Pombagira)

A Pombagira Maria Padilha estava muito faceira nesta gira. Na cabeça de Pai Clayton, Padilha se refestelava com seus pontos e sua magia.

Padilha, você é uma rosa.
 Você é uma rosa que nasceu no meu jardim.
 Você é uma rosa que nasceu no meu jardim, Oh Padilha!
 Venha abrir os meus caminhos.

Rosa vermelha, Rosa amarela, Maria Padilha venha abrir os caminhos dela.
 Mas ela é mulher de gira, mulher da rua, Saravá Maria Padilha.
 Afirma o meu ponto na boca da encruzilhada,
 Quem abre os meus caminhos é Maria Padilha da Estrada.

Quem vem do alto do mar.
 É o povo do Exu.

Vamos saravá Exu, Exu vamos saravá.
Exu vem fazer o bem, Exu vai levar o mal.
É pra quebrar é mojubá.

Tá, tá, tá, tá de madrugada.
Tá, tá, tá, Maria Padilha vence guerra.
Ela é Padilha, ela é guerreira.
Ela vence a demanda, é a Padilha feiticeira.
Ela é curandeira. Maria Padilha é curandeira.
Curandeira. Curandeira. (Pontos de Maria Padilha)



Imagem 19: Dona Maria Padilha. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

Maria Padilha é presença constante na Cabana do Preto Velho da Mata Escura em várias cabeças. Vejo-a sempre na cabeça de Pai Jonas e Mãe Bárbara. Nas giras desse ano ela esteve incorporada no Pai Clayton. O culto à Maria Padilha no Brasil é um dos mais intensos e ela é uma das Pombagiras mais populares do país.

Monique Augras (2009) apresenta o imaginário social brasileiro de Maria Padilha, rainha da magia. A autora revela que a busca

de respeitabilidade da Umbanda levou os seus adeptos a distanciar-se das representações mais ligadas à herança africana e, entre outros aspectos, do culto de suas deusas, cujos mitos revelam a presença de uma exuberante sexualidade. Tudo aquilo que se situa fora da moral vigente passou a ser jogado para o domínio dos deuses da desordem, expressos sinteticamente pelas figuras dos Exus, entidades que apresentam forte aparência com figuras diabólicas. Melhor dizendo, são figuras transgressoras, que em tudo correspondem à inversão de valores prezados pela boa sociedade. E tudo aquilo que dizia respeito à sexualidade feminina deu nascimento a uma nova categoria de entidades, designadas pelo vocábulo genérico de Pombagira, já que, como os Exus, seu nome é legião e, de acordo com os adeptos, existiriam milhares de Pombagiras. (2009, p. 16)

Em duas versões apresentadas por Augras (2009), Maria Padilha aparece como uma grande rainha dos ciganos e como uma mulher que atua como feiticeira. As versões de que Maria Padilha teria enfeitado o cinto de ouro que a Rainha Branca de Bourbon deu ao Rei D. Pedro I de Castela mostram que a personagem da história e do nosso imaginário vai sendo obscurecida, ao longo dos séculos, pela tradição que a acusou de ter sido a pior das influências sobre o rei. Ela era, segundo a autora, uma dama de boa nobreza.

Quero ressaltar que a narrativa do cinto presenteado ao rei pela rainha e transformado em horrenda cobra por meio de feitiçaria de Maria Padilha tem grande importância na minha observação nos trabalhos de Maria Padilha na Cabana do Preto Velho da Mata Escura. Como Augras (2009, p. 31) bem diz, na tradição judaico-cristã, a serpente representa, por excelência, um animal demoníaco e, até mesmo, o próprio demônio. E há, também, ligação com os cultos das divindades relacionadas com a fecundidade feminina.

Em ambas as versões, a original e a romântica, a referência sexual é evidente. Por meio do cinto, a Rainha Branca deseja “enlaçar aquilo que o amor bastardo enlaça”, ou seja, atrair para si os desejos do esposo. Na medida em que o cinto encantado é visto como serpente pelo rei, a esposa assume um aspecto fálico. Ao oferecer-lhe o cinto, põe o rei frente a negação de sua própria virilidade. A mulher submissa transmuta-se em criatura hermafrodita, poderosa e temível. Na versão de Mérimée, quem usa o cinto é a rainha e por conseguinte, aos olhos do rei, aparece uma mulher fálica, cujo protótipo é Lilith, a mulher-serpente. Em ambos os casos, é patente a ameaça de castração devida à revelação de um poder que junta os dois sexos em um só. Nesse ponto, tanto faz uma versão como outra. (Ibid. p. 31-32)

O ponto entoado por Dona Maria Padilha na Cabana diz

Padilha, você é uma rosa.
 Você uma rosa que nasceu no meu jardim.
 Padilha tem o perfume de rosa.
 Maria Padilha é uma serpente venenosa. (Ponto de Maria Padilha)

A ideia de que Maria Padilha é uma serpente mostra-se concreta quando ela se manifesta e canta seu ponto na Cabana do Preto Velho da Mata Escura. Quando Padilha canta

e dança, revela sua sexualidade, seu poder e seu perigo. Mas é preciso entender como foi essa trajetória.

Em 1713, a portuguesa Antonia Maria, natural de Beja, é condenada ao degredo por feitiçaria. Remetida para Angola, acaba – não se sabe porque – chegando ao Brasil em 1715. Fixa moradia no Recife e logo volta às práticas mágicas. A Inquisição a reencontra e, entre as peças do processo, Laura de Mello e Souza releva a utilização, pela feiticeira de Beja, de curiosa fórmula: “Antonia batia no chão com três vara de marmelo, invocava Barrabás, Satanás, Caifás, Maria Padilha com toda a sua quadrilha, Maria da Calha com toda a sua canalha”. (Ibid. p. 33)

A autora chama a atenção de que a invocação a essas figuras como Barrabás e Satanás era constante nas fórmulas mágicas dos feiticeiros portugueses. Pensando com Augras começo entender os caminhos percorridos pela memória de Dona Maria Padilha até o Bom Jardim. Espanha, Portugal, Angola, Recife, Fortaleza... E não só ela, mas a legião de Exus e Pombagiras ressignificados e reapropriados pelas diversas tradições religiosas híbridas incluindo aí a Umbanda. A Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas, por exemplo, é mostrada em um dos seus pontos como a mulher de Lucifer.

A chegada de portugueses, espanhóis, italianos e judeus acresce o culto de Vênus Urânia no Brasil (Freyre, 2006. 404). É de suma importância dar atenção à formação da sociedade patriarcal no Brasil, pois a construção do imaginário das Pombagiras é, a meu ver, resultado de encontros complexos das mais variadas culturas e tradições que aqui se encontraram. Gilberto Freyre (2006) nos indica que as práticas sexuais dos europeus eram tão intensas e cheias de luxúria quanto as dos indígenas e as dos negros, sendo que a estes últimos era atribuído o estigma da hipersexualidade.

A frequência da feitiçaria e da magia entre nós é outro traço que passa ser de origem exclusivamente africana. Entretanto, o primeiro volume de documentos relativos às atividades do Santo Ofício no Brasil registra vários casos de bruxas portuguesas. Suas práticas podem ter recebido influência africana: em essência, porém, foram expressões do satanismo europeu que ainda hoje se encontra entre nós, misturado à feitiçaria africana ou indígena. Antônia Fernandes, de alcunha Nóbrega, dizia-se aliada do Diabo: as consultas, quem respondia por ela era “certa cousa que falava, guardada num vidro”. Magia medieval do mais puro sabor europeu. Outra portuguesa, Isabel Rodrigues, ou Boca-Torta, fornecia pós miríficos e ensinava orações fortes. A mais célebre de todas, Maria Gonçalves, de alcunha, Arde-lhe-o-Rabo, ostentava as maiores intimidades com o Diabo. Enterrando e desenterrando botijas, os bruxedos de Arde-lhe-o-Rabo ligavam-se quase todos os problemas de impotência e esterilidade. A clientela dessas feiticeiras coloniais parece que era quase exclusivamente de amorosos, infelizes ou insaciáveis. (FREYRE, 2006. p. 405-406)

Dona Padilha, Dona Sete, entre outras Pombagiras, continuam com suas clientelas no Bom Jardim e em toda a cidade realizando trabalhos de amor e de amarração mantendo a tradição e referência do uso da magia que chegou no Brasil tanto da Europa, como da África. Ressalto que o(a) cliente(a) que recorre a esses trabalhos nem sempre é um(a) adepto(a) da

Umbanda. O trabalho de campo revela que pessoas praticantes de outras religiões e de todas as classes sociais recorrem aos poderes das Pombagiras para resolverem seus problemas de amor ou de falta de amor.

A imagem dessas mulheres significadas e ressignificadas ao longo do tempo é revelada nos pontos de Maria Padilha na Cabana do Preto Velho da Mata Escura. Os modos de sua dança, seus palavreados, seus acessórios e o vigor como enfrenta a vida determinam que Maria Padilha realiza seus trabalhos com o poder e a ancestralidade das mulheres que viveram em diversos tempos e lugares na história do mundo.

Voltando à Gira, depois da brilhante apresentação de Dona Maria Padilha no barracão, foi a vez do Seu Marabô evoluir e girar e cantar seus pontos na Cabana. Seu Marabô e a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas giraram e cantaram juntos levando o terreiro a um grande êxtase de fé e alegria. Quase 01h da madrugada do dia 24 de outubro e a gira foi terminando. Mais uma noite de devoção, esperança e trabalho de abertura de caminhos para a comunidade da Mata Escura.

Vejam que maravilha
Estrela que se chama Pombagira,
Ela é Rainha da Quimbanda
É mulher de sete giras
Vejam que maravilha
Uma estrela que tem forma de mulher
Estrela que se chama Pombagira

Estrela linda vem descendo de Aruanda
Estrela da Pombagira ela é Rainha da Quimbanda
Estrela linda no salão iluminou
Estrela da Pombagira ela é Rainha do Amor

Umbanda sua Rainha chegou
Umbanda mais uma estrela brilhou
Saravá sua porteira de aço
Salve a sua tesoura
Cortando todo embaraço.

Rosa Vermelha, Oh! Rosa Vermelha!
Ela é Rainha da Quimbanda. Oh! Rosa Vermelha!
Rosa Vermelha!
É Pombagira, ela é Rainha da Quimbanda!
Rosa Vermelha, Seu Tiriri.
Rosa Vermelha, Seu Marabo.
Rosa Vermelha, ela é Rainha do Amor.

Rosa Vermelha, Rosa Amarela
Sete Encruzilhadas vai abrir os caminhos dela
Rosa Vermelha, Rosa Amarela
Sete Encruzilhadas vai abrir os caminhos dela
Mas se ela é mulher de gira
Mulher da rua, Saravá a Pombagira!
Nasceu Rosa Vermelha nas saias de Pombagiras

Mas essa rosa quem lhe deu foi Omolu
Mas se essa rosa é vermelha e perfumada
A Pombagira é Rainha da Encruzilhada.

Rosa Branca, Rosa Vermelha, Rosa Amarela
Pombagira faladeira todo mundo gosta dela.
(Ponto de Pombagira)

A Pombagira faz os agradecimentos.

(...) o sol, a lua, as estrelas, eu agradeço a força da natureza esse trabalho de hoje. Eu agradeço o pensamento, agradeço a força do espírito, a energia de vocês. e que esses pedidos possam ser guiados à espiritualidade, trabalhado de acordo com o bem e de acordo com a necessidade de caridade do equilíbrio tanto de vocês como do planeta de vocês. Agradecido está o trabalho e que todas as forças possam trabalhar em conjunto para que vocês possam ter a vitória de vocês. Exu agradece a casa, as entidades, e a todos vocês. (Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas, outubro de 2018)

É meia-noite a alma a alma chora
Pombagira ela vai embora. (Ponto de Pombagira)

...



Imagem 20: Exu fuma, Exu come. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

Cheguei atrasado para o início da terceira gira no dia 27 de outubro de 2018. Às 19:30 os trabalhos já tinham começado e o filho do Pai de Santo Valdo de Oyá, Pai Walben Lopes, era quem estava no comando da casa. A linha era de Caboclo e estava em terra a Cabocla Jurema. Cerca de trinta pessoas estavam dentro do barracão principal.

Pai Valdo chegou pouco depois de mim e às 20hs as luzes apagaram sinalizando que a linha tinha virado para Exu. Melissa Reis também não estava quando eu cheguei e logo imaginei que ela estaria com o Pai de Santo resolvendo alguma coisa da festa. Mas ela não estava e acabou não chegando. Senti, pela primeira vez, um certo desconforto na pesquisa, pois a presença de Melissa era primordial para mim. A cambone na Pombagira sempre me colocava a par dos acontecimentos e, de certa forma, me guiava no trabalho de campo.

Perto das 21hs a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas chegou. Quem a recebeu foi Francisco da Padilha, o cambone mais antigo do terreiro. Minha relação com Francisco era boa, mas não tinha construído intimidade como construí com Melissa. E havia mais uma surpresa na noite. Um rapaz chamado Weverton Mattos estava ajudando Francisco na cambonagem da Rainha. Tudo mudado de uma gira para outra e eu não sabia de nada. Comecei a perguntar às pessoas conhecidas onde estava Melissa e as respostas me soaram vagas. Por fim, me contentei com resposta de que ela se encontrava doente.

A Rainha chegou com toda a sua magia saudando todos e todas, girando e exalando sua energia dentro do barracão.

Ô boa noite, meu senhor! É Pombagira que chegou. Laroyê! Chamou. Ê Mojubá!
Boa noite a todos na força! Estamos aqui afirmando nossa terceira gira. Acho que não tem mais necessidade de eu tá... porque não são criancinhas. Quem veio pra gira, veio pra gira. Quem vem brincar, vai brincar. E quem vem girar, vai girar. Tá certo? Então... Quem sabe trabalhar, trabalha, que não sabe fica calado. Fica prestando atenção para aprender. E... O que eu quero dizer com isso não é com negócio de incorporação, não. Não vão falar de mim, não. Eu tou falando da pessoa tá afirmando o pensamento e o outro cutucando. Se tu não quer nada, tudo bem. Deixa quem quer alguma coisa. O importante é para você, o importante é a sua vitória. Assim como você, também, não vai se preocupar com o mal, não vai se preocupar com quem tá atrás de te derrubar, com que tá atrapalhando o teu caminho, isso é o teu passado. A água passou e levou e o vento despachou. Na outra gira eu pedi pra que vocês se libertassem dessa coisa de tá alguém tá me demandando. Ninguém me demanda, ninguém me derruba. Eu sou filho de caboclo, eu sou filho de Exu, eu sou filho de Orixá. Eu tombo, eu balanço, mas eu não caio. Dizem os mais velhos que o mundo não foi feito em um dia e nem em uma noite, dizem que foi em sete. O que é que Pombagira quer dizer com isso? Que você não é dar a primeira passada, a primeira batida numa porta que a porta tenha que se abrir, não. Se está difícil hoje, tu vai amanhã e bate novo. Vai de novo, vai... Pancada nela, bate, chama.. Sabe? Quando a gente quer, a gente faz. Quando se quer a pessoa faz. Mais uma vez nós possamos, numa corrente de vitória, numa corrente de triunfo, vencer a nossa batalha, a nossa questão. Abrir o caminho, tirar o atrapalho, tirar a inveja, a dificuldade. Ê mojubá! Salve o Exu Pombagira! (Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas, outubro de 2018)

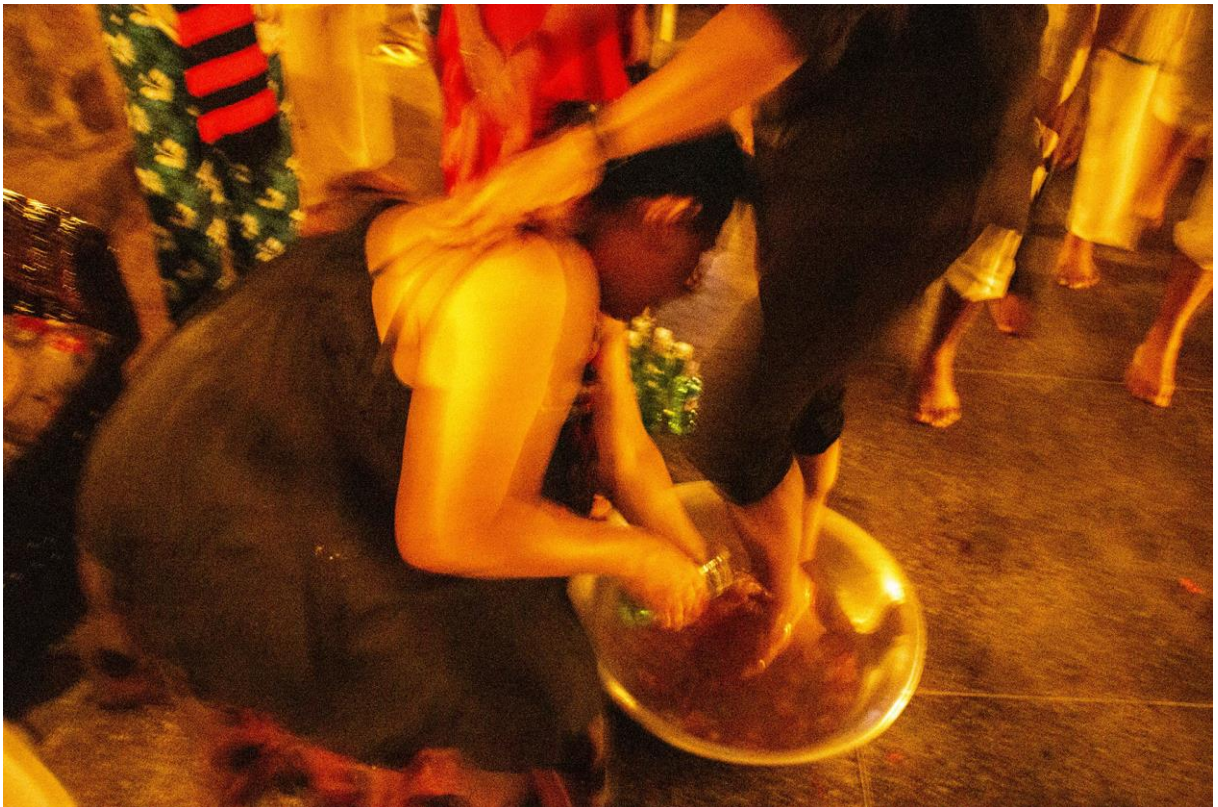
Pombagira é uma rosa.

Ela uma rosa que não dá espinhos.
 Girou, girou, girou.
 No clarão da lua gargalhou.

Pombagira quem te chama sou eu.
 Eu estou desesperado.
 Na hora do meu desespero.
 Tu és a minha advogada.

Ô, ô, ô, Rainha de Nagô chegou
 Com sua graça e seu axé
 O seu ebó tem rosa vermelha e champanhe
 Farofa de dendê pros filhos de fé vencer.
 (Pontos de Pombagira)

A Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas realizou o seu trabalho, despachou o padê no centro do terreiro com toda a sua graça e concentração. Todos e todas estavam muito maravilhados/as com aquela belíssima gira de afirmação e fé. Mas a atitude mais bonita da noite ainda estava por vir.



*Imagem 21: A Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas lava os pés do seu povo com perfume de alfazema.
 Foto/JeanDosAnjos, 2018*

Logo depois da preparação da oferenda, a Rainha pediu as alfazemas que tinha solicitado na gira passada. Algumas pessoas levaram e ela reuniu todos os frascos do perfume ao redor de uma bacia. Dona Pombagira misturou a alfazema com um preparo de ervas e

pediu para que todos e todas no terreiro formassem uma fila, pois ela ia lavar os pés de cada um/uma. Fiquei imediatamente emocionado.

A Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas lavou com alfazema os pés de todas as pessoas que estavam no barracão principal da Cabana do Preto Velho da Mata Escura. Ela sentou-se em um banquinho enquanto as pessoas se posicionavam dentro da bacia com perfume levantando um pé e depois outro. Algumas pessoas, para equilibrarem-se, seguravam no ombro da Pombagira. O exercício de humildade da Rainha demonstrava que a sua grande e maior atitude era servir. E ali, naquele ritual belo e sofisticado a Umbanda dava testemunho de sua maior bandeira: a caridade.

Evidentemente, lembrei-me do ritual do lava pés realizado pela Igreja Católica Apostólica Romana, pela Igreja Ortodoxa, entre outras, na quinta-feira santa, atualizando o rito de Jesus Cristo antes da Páscoa.

Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegava a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os que estavam no mundo, amou-os até o fim. Durante a ceia, quando já o diabo colocara no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, o projeto de entregá-lo, sabendo que o Pai tudo colocara em suas mãos e que ele viera de Deus e a Deus voltava, levanta-se da mesa, depões o manto e, tomando uma toalha, cinge-se com ela. Depois coloca água numa bacia e começa a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido. Chega, então, a Simão Pedro, que lhe diz: “Senhor, tu, lavar-me os pés?!” Respondeu-lhe Jesus: “O que faço, não compreendes agora, mas o compreenderás mais tarde”. Disse-lhe Pedro: “Jamais me lavarás os pés!” Jesus respondeu-lhe: “Se eu não te lavar, não terás parte comigo”. Simão Pedro lhe disse: “Senhor, não apenas meus pés, mas também as mãos e a cabeça”. Jesus lhe disse: “Quem se banhou não tem necessidade de se lavar, porque está inteiramente puro. Vós também estais puros, mas não todos”. Ele sabia, com efeito, que o entregaria; por isso, disse: “Nem todos estais puros”. Depois que lhes lavou os pés, retomou o seu manto, voltou à mesa e lhes disse: “Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais de Mestre e Senhor e dizeis bem, pois eu o sou. Se, portanto, eu, o Mestre e o Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais. Em verdade, em verdade, vos digo: o servo não é maior do que o seu senhor, nem o enviado maior do que quem o enviou. Jo 13, 1-16. (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 2020-2021)

A cerimônia do lava pés é uma das mais encenadas no mundo cristão e significa a presença da humildade no mundo. É importante perceber que mesmo Jesus, o verbo encarnado, é humilde perante os seus discípulos e lava seus pés. Algumas coisas importantes podem ser percebidas na narrativa acima. A presença do diabo no coração de Judas Iscariotes demonstra que o poder diabólico atua dentro do mundo invisível. Jesus já sabe o que ninguém ainda sabia sobre a futura traição de Judas. Pedro, por sua vez, não compreendeu imediatamente que Jesus não precisava lavar seu corpo inteiro. Lavar os pés já era o bastante para afirmar seu compromisso comunitário com seus discípulos. O serviço comunitário é

instaurado em um momento de simplicidade e alteridade em que Jesus confirma que o Outro está para receber a caridade.

Mas é preciso lembrar que antes de Jesus lavar os pés de seus discípulos uma mulher já havia lavado os pés do mestre. Maria, irmã de Lázaro, afirma com sua coragem e serviço, que o perfume alegria a vida, ameniza feridas do corpo e da alma e traz esperança para corpos cansados. Maria Soave (2002), teóloga feminista, comunica sentidos do perfume usado para lavar os pés Jesus.

“Seis dias antes da Páscoa, Jesus foi para Betânia, onde morava Lázaro que ele havia ressuscitado dos mortos. Aí ofereceram um jantar para Jesus. Maria servia e Lázaro era um que estava à mesa com Jesus” (Jo 12, 1-2) Esta história tem o seu chão em Betânia, na casa das tamareiras, na terra da memória e do compromisso com um mundo sem exclusão. Betânia, o lugar da comunidade do discipulado de iguais, o espaço do amor no serviço. Maria servia a mesa. Maria, diácona da comunidade de Betânia. Servidora da partilha e da fração do pão. “Então Maria levou quase meio litro de perfume de nardo puro e muito caro. Ungiu com ele os pés de Jesus e os enxugou com seus cabelos. A casa inteira se encheu com o perfume” (Jo 12, 3). Não só a casa inteira se encheu com o cheiro do perfume de nardo, mas também o nosso corpo e a casa de quem mergulha neste texto da Bíblia. É um gesto pleno, amplo, generoso... o gesto de Maria. É muito perfume. Todo esse perfume é dos mais preciosos. Maria lava abundantemente os pés de Jesus com o bálsamo perfumado mais precioso. O mesmo gesto de amor, diaconia e serviço do Mestre-servidor. Um gesto de profundo amor com o perfume mais precioso: o nardo. Diz a farmacologia antiga que o bálsamo de nardo era um remédio precioso para curar qualquer tipo de tristeza. O nardo era usado para dar coragem às pessoas que tinham que enfrentar momentos difíceis e vencer o medo. Sabemos que, pelo texto, faltavam seis dias para a Páscoa. As dificuldades, os conflitos com os sacerdotes do templo e o poder romano estavam aumentando. A violência dos poderosos estava se aproximando. E uma mulher, Maria, diácona da mesa da Palavra, ministra da comunidade de Betânia, reafirma o projeto de vida, do serviço do amor contra o projeto de morte que se anuncia pelos sacerdotes do templo, das sinagogas e pelo poder romano. É um gesto pleno, amplo, generoso, o gesto de amor de Maria. A vida se afirma, insinuante, como um perfume. A vida cotidiana a partir do ministério das mulheres, invencível e frágil como um cheiro, contra todos os projetos de morte. (SOAVE, 2002. p. 13-14)

A cerimônia do lava pés realizada pela Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas me remeteu às mais profundas reflexões sobre a beleza da espiritualidade no mundo religioso. Primeiro porque, como já se sabe, a Umbanda bebe de diversas tradições e usa de diversos ritos se revelando uma religião híbrida e mobilizadora de vários sentidos. Segundo porque o gesto da Rainha aciona todos os sentidos do corpo que tem que se equilibrar dentro de uma bacia de alumínio. O encanto e a magia da Rainha se fazem presentes nesse gesto nobre de caridade e humanidade.

Outro sentido para a cerimônia do lava pés realizado pela Rainha é a purificação e a limpeza. O banho limpa não só o corpo, mas também a alma. Mary Douglas, citando Mircea Eliade, indica o papel revivificante da água quando usada nos ritos religiosos.

Na água tudo é “solvido”, toda “forma” é demolida, tudo que aconteceu deixa de existir; nada do que era antes perdura depois da imersão na água, nem um contorno,

nem um “sinal”, nem um evento. A imersão é o equivalente, ao nível humano, da morte ao nível cósmico, do cataclismo (o Dilúvio) que, periodicamente dissolve o mundo no oceano primevo. Quebrando todas as formas, destruindo o passado, a água possui este poder de purificação, de regeneração, de dar novo nascimento... A água purifica e regenera porque anula o passado, e restaura – mesmo se por um momento – a integridade da aurora das coisas. (ELIADE, 1958, p. 194, apud DOUGLAS, 2010, p. 195)

A alfazema com que a Rainha lavou os pés de seus/suas admiradores/as que é, também, costumeiramente chamada de “água cheirosa” pela comunidade da Umbanda regenerou aqueles e aquelas que estavam em sintonia com a poderosa entidade. Quem vibrou com a entidade saiu regenerado/a e pronto/a para assumir um novo futuro diante da vida.

Depois que a Rainha terminou de lavar os pés de todos dentro do barracão, ela preparou outra água perfumada com alfazema dentro de um balde e saiu aspergindo o líquido com um ramo de folhas sobre a cabeça de todos/as. Saiu do barracão principal e aspergiu água por todos os cantos do terreiro e, também, sobre a cabeça das pessoas que estavam fora do barracão.

A gira terminou por volta das 23hs e eu notava as expressões de revigoreamento nas pessoas que saíam do terreiro. Procurei saber sobre o novo cambone da Pombagira e descobri que ele tinha sido escolhido pela Rainha porque foi humilhado por uma pessoa do terreiro em uma discussão. Ninguém quis falar ou dar mais detalhes do assunto.

...

A quarta gira aconteceu dia 30 de outubro de 2018 começando cerca de 20hs e, novamente, com o ritual de limpeza com pipocas. Novamente Melissa Reis não estava. Conversei brevemente com ela por meio de aplicativo de mensagens e ela me confirmou que estava adoentada.

A Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas incorporou às 22hs, aproximadamente. O novo cambone já estava sozinho sendo ajudado eventualmente pelo Francisco de Oxum. Aproximei-me dele para pedir autorização de uso de imagens, já que ele estaria sempre perto da Rainha. Ele autorizou, mas não quis muita conversa. Ademais, eu entendi que ele precisava se concentrar no serviço que lhe foi destinado. Deixei o tempo se encarregar de nos aproximarmos.

A Rainha chegou deslumbrante, cantou, dançou, fumou, gargalhou e falou às pessoas que se encontravam no barracão.

Hoje nós estamos na quarta gira, né? Quatro é o número que representa o equilíbrio, que representa a firmeza, as quatro pontas, o norte sul leste oeste, representa tudo aquilo que traz o equilíbrio. O ar, a terra, a água o fogo. Então, aqui peço a vocês, porque não posso mandar, apenas orientar. Eu tou num momento, por isso que se chama gira. A gira é pra que eu possa afirmar, pra que eu possa trabalhar junto com todos que aqui estão ao benefício de todos. Não é fácil para sustentar várias cabeças pensando para juntar, também, as que não estão pensando. E assim: não me critiquem ou é só vir ficar no meu lugar e fazer. Porque eu vim, não para conversar e nem para brincar. Eu vim para trabalhar. Tou com uma missão, uma responsabilidade, como diz vocês na terra, nas costas. Vim para afirmar minha gira e sou mulher que temo a perigo, não temo uma crítica, não temo a diabo nenhum. Meu objetivo eu vim para fazer eu vou cumprir, eu vou fazer as sete giras e que com a força dos elementos da natureza, com a força de toda espiritualidade, com a força de tudo e todos que governam o mundo, entendam como quiserem, isso eu vou cumprir. Eu pedi ao meu cavalo que as pessoas trouxessem um ovo. Então para que é o ovo? No sentido positivo. Hum? O que é um ovo no sentido positivo? Nascimento? Aquele que entende da vida sabe que o ovo é um útero ou, não é? Só que é externo da fêmea. E não é no útero que é fundado, criado uma vida? Criada uma nova vida, uma nova existência, um novo ser? Não é isso? Ou não? Então é no ovo que hoje nós vamos afirmar nossa gira, certo? Porque o ovo dá a vida e ele quebra o feitiço, mas vocês não vão quebrar, vocês vão segurar eu vou afirmar vou arrear meu feitiço, arrear meu trabalho, arrear meu ebó, arrear meu despacho, como qualquer um quiser chamar. E durante isso peço a vocês que segurem o ovo na mão. Quem trouxe, quem não trouxe vai segurar tua mão, vão simbolizar o ovo e por isso não deixa de vencer, não. Contanto que você fecunde o ovo da tua vitória, do teu objetivo. Sabe, daquilo que tu quer. Então, que segure na mão direita e encoste na testa. Por que fazer isso? Para você passar a energia do teu pensamento para isso. É a tua conversa comigo. Que é bem melhor do que falar comigo lá no meu canto porque como eu já deixei dito, as vestes vão ser pretas e vermelhas por quê? Porque eu só ouço choradeira. Se só tem choradeira como é que eu vou mandar fazer, gastar com coisa. Então o teu lamento, aquilo que tu está precisando, aquilo que tu está querendo, tu acredita porque quem tem o conhecimento tem o que? Tem o poder, como eu disse. A simbologia, o feitiço, cada um faz como quer. A sua magia cada um faz como quer. Quem gosta de rezar carrega o seu rosário. Quem gosta da macumba acende a sua vela, faz sua macumba, faz o trabalho. Assim como faz com o boneco usando pra fazer qualquer coisa, com a vela, com a galinha, o ovo também é o objeto da macumba, do feitiço, mas esse feitiço nada mais é... Porque vocês gostam de levar, botar a palavra onde ela não é. O feitiço não é coisa negativa, o feitiço é você acreditar na espiritualidade, acreditar naquilo que não é material. Isso é magia, isso é que é feitiço. Então se tu tem fé, se tu tem conhecimento da tua fé, da tua religião é a hora de tu pensar e vibrar. Dificuldade, problema, barreira, falta de bandeira, falta de amor, problemas nas coisas da vida vocês todos têm, mas é como eu disse: vocês nasceram com a mente, com o raciocínio, então você pode agora usar esse raciocínio em favor de você, em favor de você resolver, desbloquear, destrancar, desenlinhar a tua vida, o teu negócio, aquilo que tu tá querendo. E esse fervor, é essa palavra que vocês usam axé, né? É isso que energia, é essa energia que você tem dentro de você e quando o Exu ou o Caboclo diz uma palavra que vocês confirmam “assim seja” isso você tá dando a tua energia, tá dando a tua confirmação. Então isso aqui nem é carão e aos doídos isso é orientação. É hora de trabalhar, é hora de seriedade. Vamos vencer meu povo. Vamos confiar. Vamos triunfar. Porque vocês têm conhecimento, tem poder e só precisam saber usar. Usa a teu favor. Aqui tá no escuro sem a energia da terra não quer dizer que não tem energia Só porque tem essa coberta? Se não tivesse a coberta tava as estrelas brilhando no universo, a lua iluminando. Por que nós estamos no escuro? A questão do Exu trabalhar nessa magia, no escuro, é para que você possa se concentrar mais em você mesmo. Não é nem por nós, não. Porque aí a mulher não vai olhar pra outra coisa besta, o homem não vai olhar pra outra coisa besta. E assim sucessivamente. É pra que vocês se concentrem naquilo que estão querendo. Ah, Pombagira, na sétima gira eu vou ter? Não sei se é na próxima gira. E dependendo do tamanho do palácio vai depender o tempo pra você construir. Cadê meus apetrechos? (Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas, outubro de 2018)



Imagem 22: Senhora das Encruzilhadas. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

E começou a feitura da oferenda. Todos e todas escutavam a palestra da Rainha Pombagira com atenção e respeito. Entre uma frase e outra batiam palmas ou respondiam “assim seja”. Fiquei muito impressionado com a firmeza da fala da Moça. Ela revelava o

quanto era sábia e porque era tão amada e admirada. Notei que havia muita confiança da comunidade em torno dela, o que fazia da gira um espaço de escuta e acolhimento.



Imagem 23: O ovo como o símbolo do renascimento. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

Eliade (2010, p.336) mostra que o ovo é, em muitas sociedades, símbolo de renovação e renascimento. Na Oceania, por exemplo, crê-se que o homem nasceu de um ovo. O centro de difusão deste mito está provavelmente na Índia ou na Indonésia, diz Eliade. Na

festa hindu da vegetação, Holi, que é também uma festa dos mortos, lançam-se no fogo um ovo e uma galinha viva. A festa simboliza a morte e a ressurreição de Rati e Kâmadeva e, nesse caso, o ovo confirma e promove a ressurreição que não é um nascimento, mas um retorno, uma repetição. Eliade informa que o motivo do ovo cosmogônico é comum à Índia antiga, à Indonésia, ao Irã, à Grécia, à Fenícia, à Letônia, à Estônia, à Finlândia, aos pangwe da África Ocidental, à América Central e à costa oeste da América do Sul. Extraordinariamente o simbolismo do ovo como nascimento e criação chegou à Cabana do Preto Velho da Mata Escura por meio da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas.



Imagem 24: Macumba, força do pensamento. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

Pombagira deixa claro que veio para trabalhar e que o trabalho não depende só dela. É preciso haver conexão entre o pensamento dela com o pensamento do indivíduo e da comunidade que forma uma corrente de pensamento. Ela, como entidade do mundo espiritual sustenta, com sua força sagrada, o pensamento de todos. Sustenta, inclusive o pensamento de quem não está pensando. Ela desafia quem a critica que se coloque no lugar dela revelando que há um grande dispêndio de energia no trabalho que está sendo realizado.

Evidentemente, os indivíduos que acreditam na força de seus pensamentos junto à Rainha realizam seus desejos. Lévi-Strauss (2003) trata desses processos de encantamento e cura como eficácia simbólica. Recorro ao antropólogo francês para explicar como a

linguagem tem o poder de exprimir estados não-formulados, de outro modo informuláveis. Quero dizer que o sistema de crenças que encontrei nas giras da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas são capazes de realizar curas, milagres, satisfações pessoais e coletivas entre outras experiências reais e potentes.

Pensando a Rainha como o Xamã (Lévi-Strauss, 2003, p.228) não tenho dúvidas de que ela fornece à coletividade uma linguagem.

E é a passagem a esta expressão verbal (que permite, ao mesmo tempo, viver sob uma forma ordenada e inteligível uma experiência real, mas, sem isso, anárquica e inefável) que provoca desbloqueio do processo fisiológico, isto é, a reorganização, num sentido favorável, da sequência cujo desenvolvimento a doente sofreu. (Ibidem, p. 288)

A experiência relacional entre a Pombagira e a comunidade permite que pensemos que existe a crença da entidade e da eficácia de suas técnicas; a crença por parte da comunidade de que a entidade tem poder de cura; e a confiança na opinião da comunidade que está em um campo onde se definem as situações entre a entidade e a própria comunidade.

Alguns casos foram-me contados como experiência de cura com a Pombagira. Um dos que mais me impressionou foi o caso da mulher evangélica que tinha uma doença e foi curada participando das sete giras da Pombagira. O detalhe desse caso é que a mulher não deixou de ser evangélica para ser umbandista e sua participação nas cerimônias teve a conivência do seu pastor. Minha informante relatou que a mulher continua com grande admiração pela Rainha da Umbanda mesmo frequentando a igreja evangélica. Mais à frente contarei o caso da própria Melissa Reis e sua experiência de vida e cura com Dona Sete.

Voltando para a cerimônia, a Rainha fará a afirmação da gira com um ovo que, como ela interpelou à comunidade de terreiro, é um útero que contém vida. Tem o significado de nascimento. O magistral e criativo pensamento da Rainha torna material o que todos e todas desejam, de alguma forma, naquele terreiro de Umbanda: renascer. O renascimento só não acontecerá para quem não trabalhar com a Rainha. Que estiver brincando ficará de fora, embora a Moça deixe claro que também estará com quem se dispersa, afinal, ela está para toda a comunidade.

Naquele momento pensei sobre como a experiência com a Pombagira atinge a concretude da vida cotidiana de quem se faz presente diante dela. A Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas, como uma Xamã, é uma heroína do terreiro, pois consegue, junto com a comunidade, vencer os obstáculos, quebrar as barreiras, anular os feitiços contrários dando tranquilidade e renovando a vida de todos e todas.

A gira da Rainha Pombagira também nos remete ao importante trabalho de Evans-Pritchard (2005) que nos interpela sobre as experiências humanas e sobrenaturais com os Azande, na África Central.

O adivinho zande é também um mágico. Na condição de adivinho, indica os bruxos: como mágico, impede-os de fazer mal. Mas ele é basicamente um adivinho. Nesta condição, é conhecido como ira avure, possuidor de avure; a palavra avure surge também na expressão do avure, “dançar avure”, que descreve a dança dos adivinhos e, num sentido mais amplo, a totalidade da sessão em que a dança tem lugar. Quando o adivinho age como curador, é conhecido como binza, mas este termo e ira avure são intercambiáveis na designação de suas funções divinatórias, enquanto apenas binza é usado ao se referir à sua função de curador. Em ambos os papéis, sua função é a mesma – combater a bruxaria. Como adivinho, ele descobre onde está a bruxaria; como curador, repara os danos causados por ela. (EVANS-PRITCHARD, 2005, p. 90-91)

A dança da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas é, também uma dança de adivinhação e de cura. A Pombagira, que também atende de modo particular clientes que a procuram, age como uma binza azande: combate a bruxaria/feitiçaria e repara os danos causados por ela. Ora, girar é curar. Todos os gestos da Rainha são de afirmação do pensamento. Nada está fora da sua magia e das suas intenções de práticas de cura, isto é, de caridade.

A etnografia de Cordeiro (2017) entre terreiros de Umbanda e Candomblé, em Macapá-AP, desvenda importantes contextos onde rituais de cura enfrentam doenças de feitiço. Embora a pesquisa coloque o feitiço como categoria ligada ao que é maléfico, é importante perceber as ambiguidades que as práticas e vivências da Umbanda nos dão. Os Exus e Pombagiras também são feiticeiros e o combate ao que é considerado mal é algo que pode ser relativo a partir de certo ponto de vista. Quem, afinal, é capaz de praticar o/a mal/doença? E quem, afinal, é capaz de praticar o/a bem/cura? A resposta para essas duas perguntas pode estar nas entrelinhas de etnografias como a de Cordeiro que conclui entre outras coisas que

Doença e corpo são temas antropológicamente relevantes, porque não se exaurem em simples noções biológicas, mas envolvem dimensões que são construídas no social, no cultural e na crença. Os posicionamentos, as atitudes e as falas apresentadas nesta pesquisa indicam um tipo específico de experiência sobre o adoecer, em que os indivíduos, mesmo afrontados pelo desalento e o desespero em obter graça divina para o alívio de seus males físicos e espirituais, ainda encontram respaldo para narrar sua existência como sendo aquela marcada não apenas pela saga da enfermidade, mas também o de pertencerem ao universo das interações entre seres humanos e não humanos estruturando em torno de uma visão mágica de mundo e de identidade, crença, de muitas faces e domínios míticos. Partem de um mundo mais amplo, em que se cruzam diversas culturas movimentadas por curandeiros, adivinhadores, lançadores de sorte, videntes de outros. (CORDEIRO, 2017, p. 283)

Penso que as interações entre os seres humanos e seres não humanos, no caso da minha pesquisa, um ser humano que vive em outro plano da existência, é um campo privilegiado na pesquisa antropológica dentro da sociedade brasileira. Produz experiências de identidade e alteridade (Stoll, 2009). Possibilita a reflexão do fenômeno e do comportamento humano.

A gira terminou mais de meia-noite. Voltei para casa pensando em várias coisas: o poder da linguagem, o poder do pensamento, a macumba como o trabalho entre a linguagem e o pensamento, a eficácia simbólica, a cura e, claro, o sumiço de Melissa.



Imagem 25: Trabalho. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

...

A quinta gira ocorreu no dia 02 de novembro de 2018, sexta-feira, dia de finados. Foi uma gira de louvor às almas. E foi uma gira em celebração ao Seu Zé Pilintra. O dia de finados ou dia dos mortos é feriado no Brasil. Nesse dia as pessoas vão aos cemitérios homenagear seus entes queridos que já faleceram. No Cemitério São João Batista, em Fortaleza, há o Cruzeiro das Almas onde os/as Umbandistas realizam suas cerimônias.



Imagem 26: Seu Zé Pilintra. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

Nessa gira levei duas convidadas especiais pela primeira vez ao terreiro, além de Marcos Levi, sociólogo e educador social, meu amigo. A médica Liduina Rocha e a fotógrafa paulistana Marcela Bonfim, que estava com a exposição fotográfica *(Re)Conhecendo a Amazônia Negra: povos, costumes e influências negras na floresta* na Caixa Cultural Fortaleza, pisaram na Cabana do Preto Velho da Mata Escura pela primeira vez. Levar pessoas para campo pode ser complicado para o pesquisador. No meu caso, não foi. Posso dizer que eu já tinha um certo domínio sobre o campo que me permitia levar pessoas "de fora" da pesquisa. Mas não recomendo que pesquisadores que estão em começo de trabalho de campo levem convidados/as para que não se dispersem da observação que deve ser a prioridade da pesquisa.

Seu Zé Pilintra na Umbanda tem uma dupla pertença que é sempre muito forte. Ele é um Exu e ele é um Mestre. De toda forma é uma das entidades mais conhecidas e homenageadas no mundo da religião da caridade. Augras (2009) indica que

falar de Zé Pelintra é dizer de aproximação e recuo, acertos e esquivas, transgressões e perigos. É render-se à eloquência do não dito, viajar pelas margens dos espaços suburbanos, encarar desafios. Curvar-se a regras implícitas, renunciar ao esclarecimento, deixar-se guiar pelos volteios do objeto de pesquisa, para com ele aprender a ginga, a brincadeira, a duplicidade. (AUGRAS, 2009, p. 43)

Seu Zé na Cabana do Preto Velho da Mata Escura tem vários filhos e filhas. No dia em que é homenageado passa pela cabeça de quase todos em grande harmonia. As senhoras Glaúbia Lopes e Auristela Oliveira, além do senhor Henrique Moura, receberam Seu Zé na gira.

Pai Valdo foi o primeiro a receber Seu Zé e isso aconteceu na casa dos mestres, localizada ao lado esquerdo do barracão principal. O mestre de Pai Valdo é o Sibamba, mas a casa acaba sendo mais conhecida como do Zé Pilintra. Os trabalhos começaram e Seu Zé foi recebido com muita alegria, fé e louvor. Afinal, Zé é Zé.

A construção do imaginário de Zé Pilintra no Brasil tem a ver com a passagem de símbolos de origem negro-africana que eram vistos negativamente para símbolos nacionais glorificados pelo Estado e pelo povo em geral. Esse processo não foi livre de conflitos e negociações em vários contextos históricos, econômicos e políticos (Silva, 2015, p. 154).

Foi a partir dos anos 1930, sob o governo de Getúlio Vargas, quando o Rio de Janeiro era capital federal, que símbolos urbanos começaram a ser transformados para representar o Brasil. Carmem Miranda é o símbolo da baiana estilizada cantando samba. A feijoada, antes associada negativamente como comida do povo negro, é elevada a prato nacional. Walt Disney lança Zé Carioca, um papagaio preguiçoso que sobrevivia sem

trabalhar, depois de uma visita ao Brasil que lhe pareceu festivo, exótico, sensual e amante das cores vivas e das comidas apimentadas (Idem, p. 155).

A Umbanda que se desenvolvia nesse período, principalmente nas zonas urbanas do Sudeste, também produziu uma versão religiosa deste malandro: o "Zé Pilintra", uma entidade da linha de Exu tida como boêmio, amante da noite e da rua. As semelhanças entre os dois "Josés" não se restringem, portanto, aos nomes de ambos usados em sua forma popular: "Zé". Seus sobrenomes também indicam uma genealogia comum. "Pilintra" (sujeito vaidoso e sem escrúpulos) pode estar relacionado com "Pilantra" (sujeito esperto e golpista), e "Carioca" é referência à pessoa natural do Rio de Janeiro, estado onde esse estereótipo do malandro teria se originado ou, ao menos, teria se popularizado em termos de divulgação nacional. (Silva, 2015, p. 156)

A construção do imaginário desse Exu passa por uma narrativa de Mãe Beata de Yemonjá (2008). A importante Yalorixá que nasceu no Recôncavo Baiano e viveu no Rio de Janeiro conta que

Uma mulher gostava muito de sambar. Não tinha um dia em que ela não procurasse um samba ou festa para ir. Não tomava conta da casa, dos filhos, nem do marido. Pegava uma garrafa de cachaça e se mandava, não podia ouvir o barulho da viola "tim... tim... tim...", e do pandeiro "bakatum... bakatum... bakatum...". A mulher já era conhecida de todos, e o marido dela vivia dizendo: - Mulher... Deixa essa vida. Um dia você vai se dar mal! - O samba nasceu comigo, não é você que vai fazer eu deixar meu samba com Deus e o Diabo - respondia ela. Assim chegou Sexta-Feira da Paixão. Antigamente, esse era um dia de grande respeito. Ela ficou de dentro para fora de casa, inquieta, e o marido só olhando. Era quase meia-noite, e ela disse: - Hoje eu sambo nem que seja com o Exu! Que troço besta acreditar em dia santificado. Ela foi se deitar contrariada e começou a ouvir o som da viola e do pandeiro. Ela se levantou, pé ante pé, e saiu, pensando: "Está vendo, tem sempre um que não acredita nessas coisas." Ela entrou em beco e saiu de beco, e chegou ao fim de uma rua, numa casa aberta, onde o samba estava comendo. Ela entrou. - Agô? Licença? - pediu ela. - Agô yá! - responderam todos. No canto, tinha um rapazola de chapéu panamá, roupa de linho bem engomada, que a espiava muito. Ela entrou na roda e sambou, dizendo: - Você aí, o que está esperando? Não samba? Estou esperando você dar umbigada. Embora a casa não seja sua, venha sambar comigo. Ele respondeu: - E quem lhe disse que a casa não é minha? Você não disse que hoje sambava, nem que fosse com Exu? Ele começou a sambar e deu um estouro bem no meio do samba e sumiu. A mulher caiu ali mesmo, desmaiada. De manhã o marido não achou a mulher na cama e saiu à sua procura. Ele achou a mulher caída numa encruzilhada, falando bobagens. Ela nunca mais ficou perfeita nem pôde mais sambar. (BEATA DE YEMONJÁ, 2008, p.27-28)

A narrativa contada por Mãe Beata nos faz refletir sobre as encruzilhadas onde se encontra a religiosidade brasileira. O Exu respeita os preceitos da sexta-feira da Paixão e está no samba ao mesmo tempo. Mas uma mulher casada não poderia estar no samba, entretanto ela desobedece e arca com as consequências. O Exu, na verdade, arma uma armadilha para a mulher que perdeu a sua capacidade de sambar. Parece-me, então, que a narrativa está mais para um olhar cristão e machista sobre o corpo da mulher. Por outro lado, a narrativa revela que é preciso respeitar os dias santos, os costumes e as tradições da comunidade.

A ambiguidade de Seu Zé é bem revelada na pesquisa de Negrão (1996, p. 244-246). Era chamado de doutor porque curava, mas gostava de putaria. Só faz o mal depois da meia-noite. É de esquerda e de direita. Trabalha para as duas linhas. Se falar mal dele a pessoa cai. E por aí vão as afirmações sobre um dos mais famosos guias da Umbanda.



Imagem 27: Sacrifício. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

Na Cabana do Preto Velho da Mata Escura a gira continua e Seu Zé passa da cabeça do Pai Valdo para a cabeça da Sra. Glaubia Lopes, que é irmã de sangue do Pai de Santo. Antes disso, claro, o Mestre Zé Pilintra limpa seus filhos com pipoca e cumprimenta todos e todas que estão no terreiro individualmente. A cerimônia com Seu Zé foi demorada e a Rainha Pombagira só chegou perto das 23hs.

A moça chegou e foi falando para a comunidade

Quem não participou de nenhuma, querendo participar, fique à vontade. Desde que esteja no terreiro, dentro. Para não tomar muito tempo dos mestres, vou afirmar pedir que vocês afirmem o pensamento de vocês então assim. Quero pedir que o mestre que está no aparelho do Tranca Rua, se você, não se incomodar, você possa mandar ele vir, por favor. Mas se você quiser ficar. O que tá no aparelho de Mariana, por favor, se puder, mande seu Marabô. O que tá... A Maria da Praia. Os outros mestres podem afirmar. Podem girar, os outros mestres. Paulina. A Umbanda é um bando, né? Quando se diz Umbanda é um bando no meio do caminho, não há diferença. Não há separação. Muita gente tem a mania de separar a Umbanda. Você vê que você diz. Existe a linha, existe a corrente. A corrente não é um elo? Pregado no outro? Então não existe a diferença, a esquerda e a direita. Nem a preta e nem a branca. Existe uma união. Existe cada um no seu quadrado, cada um dando a força pelo equilíbrio. Quer ver pense e analise bem. Ela toma sua bebida, fuma. Pode girar quem quiser girar. (Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas, novembro de 2019)

A Rainha pede suas coisas para fazer seu ebó. Recebe velas de todos e todas e as acende ao redor da oferenda. Daí entrega um bolinho de farinha a cada um e cada uma, pede que faça um pedido, cuspa dentro do bolinho e depois deposite o mesmo em uma bacia de barro. A bacia com todos os bolinhos vai, também, para perto do ebó. Ali a Rainha dança, bebe, fuma e dá sua gargalhada. O trabalho está pronto e a quinta gira terminou mais de 1h do dia 03 de novembro.

O ato de cuspir, mais uma vez, rememora uma narrativa bíblica trazida no Evangelho de João. Um cego de nascença foi curado por Jesus em pleno sábado, dia que os fariseus consideravam proibido para o trabalho. Jesus viu o cego e seus discípulos lhe perguntaram se a cegueira do homem era devido aos seus próprios pecados ou aos pecados de seus pais. Jesus responde que nem uma coisa e nem outra. Segundo o Mestre, a cegueira do homem é para que nele sejam manifestadas as obras de Deus. Dizendo isso, Jesus cospe na terra, faz lama com a saliva e aplica sobre os olhos do cego. Daí manda o homem lavar-se na piscina de Siloé. O cego lavou-se e passou a ver. A cura do cego causou um grande alvoroço entre os fariseus que perseguiam Jesus.

O homem, interrogado pelos perseguidores de Jesus, foi expulso da Sinagoga porque foi considerado um seguidor de um pecador e assim negava as leis de Moisés. Jesus era considerado um subversivo e transgressor de todas as leis judaicas pelos poderosos de sua época. A hermenêutica bíblica interpreta a saliva de Jesus²² como seu sopro de sua palavra. Existe sua energia, sua intimidade: é o beijo de Deus. (Leloup, 2000, p. 254)

²²Jean-Yves Leloup (2000) em sua tradução e comentários sobre o Evangelho de João opta por escrever a palavra Jesus no original hebraico Ieschua. Ieschua passou para o grego como Iesus, depois para o latim como Iesu e, finalmente para o português como Jesus que significa "Deus Salva". Embora não seja o foco deste trabalho, quero registrar que já ouvi de Pai de Santo e estudioso de tradições espíritas kardecistas de Umbanda de Fortaleza que Jesus era um Exu. O sacerdote além de ligar os nomes Exu - Ieschua lembra que Jesus já diz

A saliva que a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas pediu para colocarmos no bolinho é o nosso beijo para o Exu-Mulher. É a nossa intimidade que entregamos ao Orixá para nos misturarmos com ele. Nossa saliva é produção do nosso corpo a partir da boca e é da boca que damos de nós para aquela que preside a corrente de pensamento para a vitória e a concretização dos nossos desejos. Foi uma experiência de muita força e energia. Uma vivência de cura e espiritualidade.



Imagem 28: Um beijo para o Exu-Mulher. Foto/JeanDosAnjos

Por fim, quero destacar que nessa gira o terreiro estava todo decorado com fotografias do Seu Zé Pilintra incorporado na gira do ano de 2017. Várias fotos eram de minha autoria que haviam sido solicitadas pela Sra. Glaubia Lopes e eu havia mandado por e-mail para que pudessem ser impressas com qualidade. Melissa Reis também não estava no terreiro e eu já estava achando que ela não iria mais e que tinha acontecido algo muito sério que eu não estava sabendo.

...

"Eu sou o caminho, a verdade e vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim" (Jo 14, 6). Se Jesus é o caminho, ou seja, passagem para o Pai, ele pode ser um Exu, sim.

A sexta gira aconteceu no dia 06 de novembro de 2018, terça-feira. Melissa Reis, finalmente, voltou. Esse fato me deu mais tranquilidade na pesquisa. "Tenho babados fortíssimos para te contar", a minha interlocutora foi me dizendo. Eu, claro, estava cheio de curiosidade.

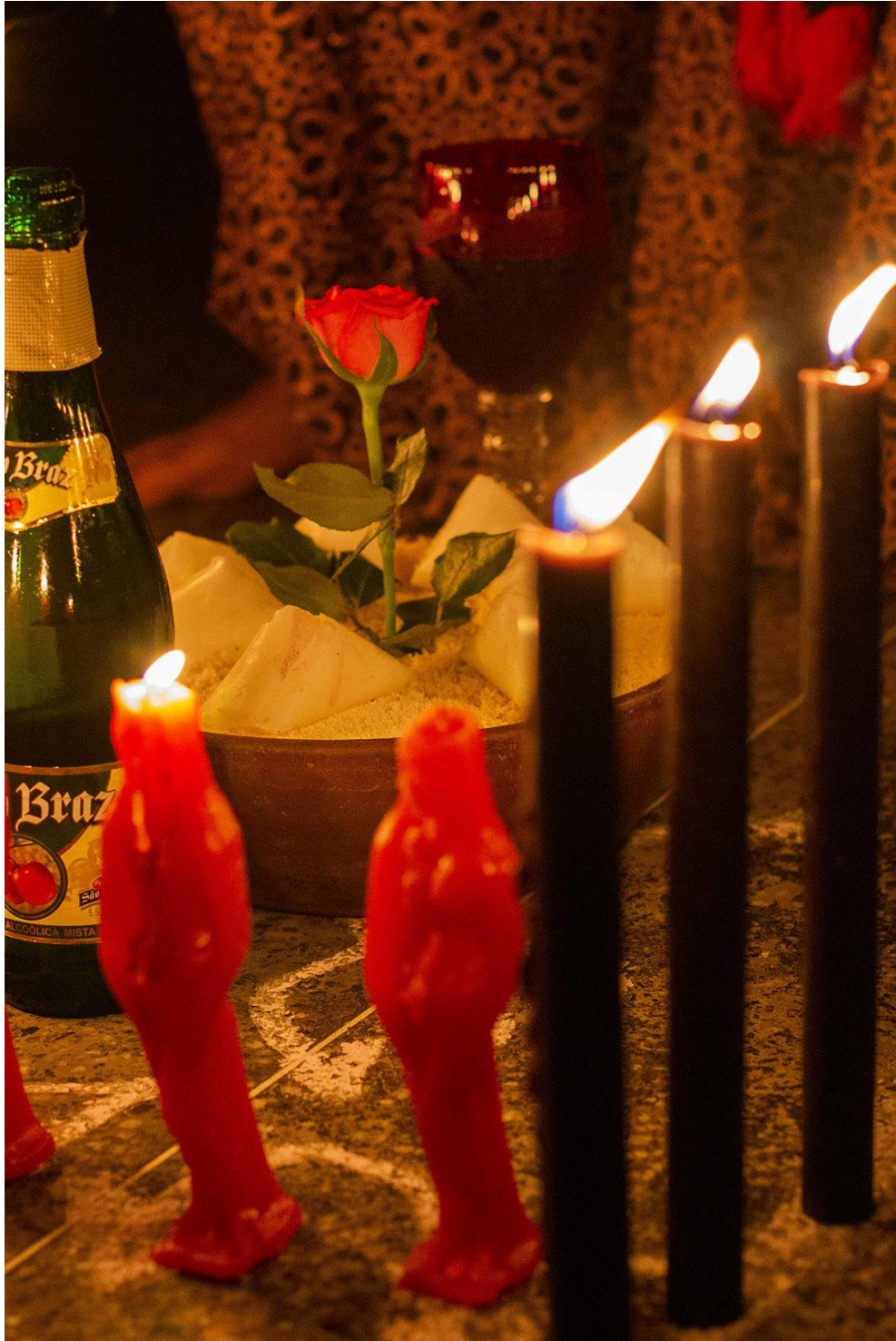


Imagem 29: Amor. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

Mas os “babados” não eram tão bons assim. Melissa foi me contando, tentando medir as palavras, o que tinha acontecido para além da “doença” dela. Houve um desentendimento entre ela e a pessoa que faz a decoração da festa. E esse desentendimento ocorreu a partir do tema da festa que eu havia sugerido ao Pai Valdo que era “Amor, festa, devoção”. Melissa me contou que a pessoa não gostou do tema e muito menos da ideia de fazer uma exposição de fotos no dia da festa. Segundo, Melissa, a pessoa disse que a festa não era minha, mas da Pombagira, e eu estava querendo aparecer mais do que ela.

Essa afirmação tirou o chão dos meus pés. Fiquei perplexo de como isso poderia estar acontecendo. Comecei, imediatamente, a repensar o meu lugar de pesquisador estando, totalmente, envolvido numa fofoca dentro da comunidade de terreiro. De fato, sugeri o tema da festa ao Pai Valdo no dia em que fiz uma consulta por meio do jogo de búzios. Depois da consulta tivemos uma conversa longa e informal sobre coisas da vida e o tema da festa saiu como uma possibilidade. A proposta da exposição era ideia do próprio Pai de Santo que estava muito animado com a produção das fotografias e o uso delas como memória do terreiro.

A conversa com Melissa foi me abalando à medida em que ela ia me contando os detalhes de como a pessoa começou a destratar-la e humilhar-la por conta dos preparativos da festa e do meu envolvimento direto nela. Foi então que Melissa me disse que pensou em desistir de continuar nos preparativos da festa quando começou a ser atacada por outras pessoas no grupo de *WhatsApp* do terreiro. Embora eu já tenha maturidade suficiente para entender que a festa é, também, uma disputa onde poderes estão em jogo, as mensagens que Melissa me mostrou me deixaram atordoado. De certo, com o convívio muito próximo, esqueci que Melissa é uma travesti e como é fácil e cruel humilhar uma travesti.

Foi nesse momento que me vi, decididamente, dentro do jogo. Eu estava envolvido numa fofoca e o meu nome era falado por toda a comunidade sendo um dos centros de atenção da Festa da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas. Evidentemente, eu não queria que tivesse sido assim, mas jogo é jogo, e eu precisava entender para começar a jogar. Eu não estava no grupo de *WhatsApp* do terreiro por decisão minha. Já tinha sido convidado pelo Pai Walber, filho adotivo do Pai de Santo e Babalaxé do Candomblé, mas desviei de ser colocado no grupo por opção metodológica da pesquisa. Fiquei pensando que estar no grupo poderia gerar outra pesquisa.

Assustado e emocionado com tudo que Melissa me relatava, comecei a tentar racionalizar as questões e entendi que a primeira coisa que eu tinha que fazer era apoiar Melissa e tranquilizá-la. Pedi que ela não se afastasse da festa e do terreiro, pois ela era necessária naquele lugar fazendo toda a diferença. E tentando dizer que aquilo que estava

acontecendo era “normal” em grupo grande e heterogêneo. Quando dizia isso para Melissa era para mim mesmo que eu estava dizendo. As relações de poder e as disputas no campo político do terreiro haviam sido alteradas com a minha presença e as minhas escolhas. E eu tinha que lidar com isso.



Imagem 30: Pombagira sara e cura. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

Melissa decidiu voltar na sexta gira depois que a própria Pombagira intercedeu na “confusão” colocando as pessoas em seus devidos lugares. Melissa continuaria cuidando das coisas pessoais da Rainha e a pessoa que deu o estopim, da decoração. Uma não se meteria mais nas coisas da outra. As palavras de Melissa sobre a festa são certeiras, "... isso é para você ver que o momento da festa é um tempo de quentura, vai se aproximando as coisas dela e tudo se inflama...". Melissa me disse que durante a discussão foi "muito classuda, enquanto ela veio com as baixarias". Mas chegando no terreiro "fez uma esculhambação rasgando tudo para o Pai de Santo". Não queria que ela tivesse vivido isso e nem eu queria estar envolvido nisso.

Decidi ficar em silêncio e tomar essa "confusão" como dado da pesquisa. O que estava acontecendo me remetia às aulas da minha querida professora Simone Simões quando líamos as etnografias de Loïc Wacquant (2002) e William Foote Whyte (2005), *Corpo e Alma* e *Sociedade de Esquina*, respectivamente. Eu estava envolvido intimamente com o meu corpo e a minha emoção na comunidade pesquisada. É claro que não poderia esquecer de Clifford Geertz (2011) e sua mulher, Hildred, correndo dos policiais, em Bali, por conta da briga de galos. Sendo que eles, me parece, foram totalmente aceitos pela comunidade. Eu estava sendo refutado por, pelo menos, uma parte do terreiro.

Penso que meu silêncio foi bom. Não comentei com mais ninguém do terreiro sobre os episódios acontecidos, fingindo não estar sabendo de nada, para não pôr mais lenha na fogueira. Melissa estava de volta e, para mim, era o que importava. A festa "quente" ia acontecer e toda a teoria da festa estava comigo. Como diz Perez (2012, p. 27) refletindo sobre Caillois (1979), vale dizer que assim como existe uma mística da festa, que é da reciprocidade, existe uma mística da guerra, que é a da não reciprocidade. Neste sentido quero dizer a festa e a guerra estão próximas como o tempo do sagrado, o período de epifania do divino (Caillois, 1979). A Festa da Rainha é alegria e disputa, religião e política, obediência e poder, transgressão e submissão, tudo ao mesmo tempo. E quero advertir o/a leitor/a que a Festa da Rainha não acontece igual em todos os anos. Assim como muda o vestido da rainha, muda-se a ordem e a produção das coisas. Perez (2012, p. 31) destaca que a "verdadeira" e "autêntica" festa não se mantém "viva" e "pura" para cumprir uma tradição dentro de um mundo homogêneo e totalizador. Pelo contrário, a heterogeneidade, a fragmentação e a aceleração do tempo da modernidade estão sempre em busca do novo, isto é, a festa se movimenta. Melissa, por exemplo, sabe disso e conversa comigo sobre o dia em que ela passará o bastão para outro cambone. O tempo, como diz o poeta, não para.



Imagem 31: Rainha Pombagira e seus cambones. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

A gira começou por volta das 20hs e a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas chegou às 21:30hs. Foi a gira mais rápida de todas as sete e não sei se essa minha percepção aconteceu por conta do turbilhão de sentimentos que eu carregava na noite ou se isso foi

impressão de todos/as. Dona Pombagira, ao contrário de mim, estava plena. Dançou, bebeu, fumou, fez o seu ebó e cantou seus pontos, maravilhosa.

Arreda homem que aí vem mulher
Arreda homem que aí vem mulher

Clarão da noite a Pombagira
Raiar do sol ela vai brilhar
Ainda vem uma estrela da Pombagira
Para nos iluminar.

Estrela linda vem descendo de Aruanda
Estrela da Pombagira ela é Rainha da Quimbanda
Estrela linda no salão iluminou
Estrela da Pombagira ela é Rainha do Amor

Tentaram me matar na porta do cabaré
Mas ela é, mas ela é
Rainha Pombagira, a mulher de Lúcifer.
(Ponto de Pombagira)

Cumprimentou a comunidade e fez o seu trabalho.

Boa noite! Boa noite do povo da rua! Boa noite da madrugada! Boa noite!
Confirmada que seja nossa sexta gira Exu trabalhando, Exu vencendo, Exu ... Você
vencendo na força, no poder e na magia. Pega as minhas coisas e as pessoas vão
afirmar os pensamentos naquilo que desejam. (Rainha Pombagira Sete
Encruzilhadas, novembro de 2018)

Sou eu que me deito tarde
Sou eu que levanto cedo
Quiseram me matar
Eu juro não tenho medo.

É Pombagira
Mulher faceira, ela vai girar
Ela é mulher que não teme a perigo

Cuidado com ela
Ela é perigo
Ela é a Pombagira
A mulher de sete maridos

Ô Iara, Ô Iara
Saravá Exu Mulher
Caramuru é minha terra
A cabocla vai girar

Foi numa noite de lua
Eu vi duas mulheres bebendo cachaça
E girando na rua
Mas uma era a Pombagira
A outra era Maria Padilha.

Mulher quem te deu tanta beleza
Mulher quem te deu vai te dar mais
Porque tu és a Rainha Pombagira
Mulher de seus sete ideais.

Rosa Vermelha, Rosa Amarela
 Mulher de
 Mulher da rua
 Saravá a Pombagira
 (Ponto de Pombagira)

...

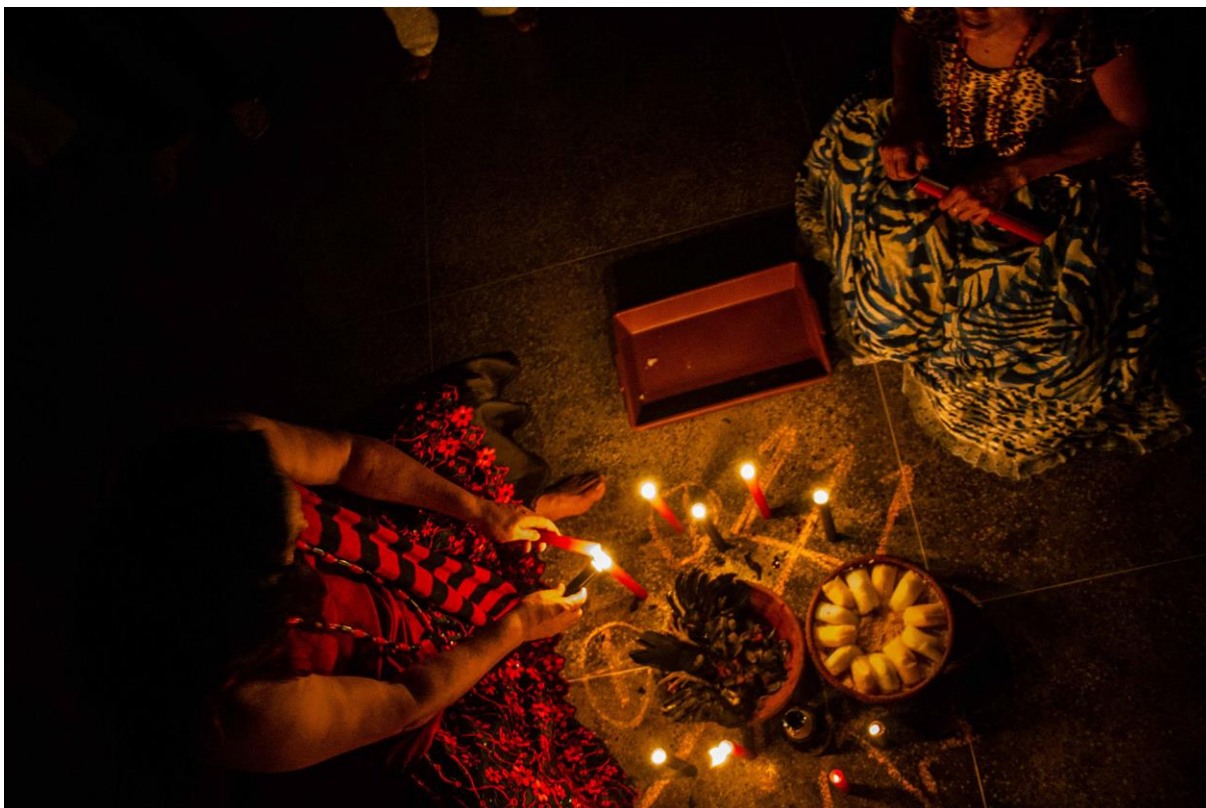


Imagem 32: Fé, esperança e caridade. Força entre mundos. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

A sétima gira aconteceu dia 10 de novembro de 2018, sábado. Foi a gira de encerramento e era preciso muita concentração na corrente de energia que se formou desde a primeira gira. Depois de todos os ritos iniciais, a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas chegou às 21hs. A Moça estava vibrante e com uma luminosidade fora do comum. Ela brilhava. Saravou para todos e todas e disse:

Sete giras, né? Então, tão importante foi a primeira, como as outras, mais importante é a de hoje. Hoje nós estamos completando uma gira, completando um caminho, completando uma estrada. Um trabalho de muita fé, um trabalho de muita gira, um trabalho de muita mente. Portanto, eu vou fazer três perguntas a vocês e essas perguntas vocês irão responder a vocês mesmos. A primeira você vai se perguntar: Como foi que você chegou aqui na primeira gira? Naquele dia eu disse a vocês que ao ter o teu conhecimento você tem o poder. Então eu disse a vocês que imaginassem, acreditassem que fossem buscar no teu íntimo, na tua alma, na tua energia aquilo que tu está precisando pra ti. Não me importei o que fosse, se era material, se era homem, se era ganha pão o que tivesse sido. Como você chegou?

Será que você chegou em paz? Será que você chegou buscando energia ou porque de você ter fé? Por que de você está aqui? Porque eu não estou à toa. Quem tiver à toa arranje o que fazer. A segunda pergunta é você se melhorou em alguma coisa? Durante as setes giras o que é que tu tirou pra tu? Porque a gente é isso o que é o teu conhecimento. O que é que tu está fazendo aqui. Se tu está mudando, se tu tá vivendo, se tu tá se melhorando. Não só das coisas da terra, mas como gente, como pessoa. Se os abraços dados ao outro durante aquela gira que eu mandei perguntar ao teu vizinho como é que ele tá, quem é ele. Será que vocês aprenderam alguma coisa? Se melhoraram alguma coisa? E a terceira pergunta será o que é que você precisa melhorar daqui pra frente? Porque é isso que eu vou ganhar: ver vocês crescendo, claro, se você cresce você e sua mente, seu espírito, você cresce em qualquer outra coisa. Não tem barreira, não tem dificuldade por maior que seja o problema, na hora que você é confiante em você a pessoa que acredita. Você saberá vencer. Confirmando aquilo que vocês vieram pensando e vibrando ao longo dessas sete giras se respondam a vocês essas perguntas que eu fiz e confia no teu pensamento e na tua fé e na gira dessa noite que nós vamos vencer. (Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas, novembro de 2018)

A gira que eu faço é firme
É gira de mulher que não bambeia
No meio da encruzilhada
No romper da madrugada
Pombagira faz gira.
(Ponto de Pombagira)

Na última das setes giras fiquei pensando sobre tudo o que tinha sido construído entre o terreiro e eu, tudo que alcancei e não alcancei. O que o meu olho viu e o que ficou invisível. Pensei muito sobre as minhas escolhas porque entendi que não daria conta de tudo que tinha acontecido nas sete cerimônias para a Festa da Rainha. Daí comecei a refletir sobre o que meus interlocutores falaram sobre a entidade nas conversas que tive com eles.

Francisco Tranca Rua me surpreende quando diz o que sente ao ver a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas: "Eu me apaixono por ela. Dá um tesão. Como é que uma pessoa passa 17 minutos rodando. E não parece o Valdo. Que coisa bonita, que coisa interessante.". Francisco, que também veste vestido para receber suas Pombagiras, me relata que sempre gostou da entidade porque ninguém manda nela, ela não tem medo de nada. Não tem medo de falar. "E eu sempre fui reprimido. Eu não tinha essa coragem. E ela me deu essa coragem. Hoje em dia ela é o amor da minha vida.". Francisco diz, também, que sempre foi um gay preconceituoso, achava que ser afeminado, vestir roupa de mulher não era bom. Mas quando a Cigana pediu para ele usar vestido durante o ritual, ele cedeu.

Andre Valente²³, que recebe o Exu Tiriri, diz que a relação com a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas, que também é sua Exu-mulher, é uma

Relação de amiga e mãe por conta da proteção porque ela me coloca na linha, um passo em falso ela avisa, ela conversa, ela chega, ela briga, ela dá carinho. A relação

²³André Valente é o Pai Pequeno (Babakekerê) da casa, é a segunda pessoa na casa de candomblé Ilé Asé Ojú Oyá. Na ausência do Babalorixá Valdo de Oyá é ele que assume o comando. Está sempre presente e faz parte de todos os preceitos e obrigações.

é frutiva. Eu incorporei ela duas vezes. Porque primeiro é o Pai de Santo. É ligação de mãe. Ela é protetora, que eu temo. Ela chega, ela fala, ela conversa, ela me coloca na linha! Ela é aquela que diz assim: Acorda! Tá errado! Cuidado! Presta atenção! Ah, tou gostando disso, não tou gostando daquilo. É totalmente de mãe e filho. É o que eu não tive. Ela faz uma revolução na minha vida. Ela se faz presente. Ela transforma a minha vida. Tudo que eu pergunto ela diz assim: Faça e acredite! Faça e tenha fé! Se você não tiver fé não coloque o pé na frente. É de protetora e de mãe, é essa a minha relação com ela. (Andre Valente, setembro de 2017)

A fala de Valente mostra o quanto existe de relação maternal entre ele e a entidade. Demonstra como ele se sente protegido e como ela o protege e o aconselha para que ele não faça coisas erradas ou coisas que o prejudique. A fala revela, também, a hierarquia do terreiro. Ele não a recebe porque a prioridade é do Pai de Santo. Primeiro é o Pai de Santo e depois os filhos.

Mãe Aparecida, a Ekedí²⁴ da casa, e uma das mais antigas do terreiro é uma senhora de semblante sério e está sempre bem concentrada no trabalho. Era ela quem cambonava a Pombagira em 2013, ano da minha primeira festa, um ano antes da Melissa começar a cambonar. É Mãe Aparecida que sempre ajuda a Pombagira a se vestir. E ela me deu palavras marcantes para a pesquisa.

Desde que começou a primeira, como eu lhe disse, em 1987. A partir daí eu comecei a ficar próxima. Sempre quem estava próxima era eu. Na época tinha o Fabio que era quem servia a ela. Era o Fabio que ajeitava, que tava sempre com ela. Aí quando passou um tempo, mas eu sempre ali, nunca deixei de estar presente. Passou uma época e aí veio a Everlene, não sei você chegou a conhecer. Antes da Melissa era quem cambonava a Pombagira. Antes era eu, o Francisco... Depois o Fabio saiu daqui, ficou eu, o Francisco, mas era eu quem mais ajeitava as roupas dela, e organizava mais a festa dela. Aí veio a Everlene, se ocupava da decoração, essas coisas todas, mas sempre na hora de arrumar eu sempre estava presente, essa parte de vestir, como uma vez acho que a própria Pombagira me chamou e disse "você que cuida das roupas, prepare a roupa da Moça Chiquita.". Então eu estou sempre cuidando dessa parte, me responsabilizando. Eu me responsabilizei, ninguém entregou pra mim. Me responsabilizei pelas roupas. Então eu sempre tava na hora de arrumar, de vestir. Manda fazer e eu vou olhar. Antes, o Pai de Santo experimenta. Eu olho porque, sempre assim, não tá legal. É a minha opinião. Pra ajeitar, eu sempre vou. Agora, com a Melissa, eu sempre vou para ajudar a vestir, para vestir porque até para uma pessoa só fica ruim aí deixa ela mais à vontade duas pessoas para não ficar aquela demora porque ela é impaciente, ela não gosta de ficar esperando muito. E devo muito, eu gosto muito dela. Acho ela... Antes, até no Conjunto Ceará eu dizia assim, que ele quando se atuava com ela não parecia que ele estava incorporado, parecia que ela encarnava ele. Ela sempre me deu orientação. Ela sempre esteve do meu lado, nos momentos difíceis que eu passei aqui, ela sempre me amparou. Além de eu gostar, eu sempre tive muita gratidão por ela. Quando ela incorpora ele, ela está materializada nele. Eu não vejo ele. Para mim é ela mesmo. A Pombagira encarna ele. É essa a minha visão. Se a gente analisar, existe uma diferença muito grande entre Valdo e Pombagira. Quando ele é Valdo, é Valdo, quando ele tá de Pombagira é totalmente diferente. É por isso que eu digo isso. (Mãe Aparecida, junho de 2019)

²⁴Ekeki (Equede) é o cargo do candomblé reservado às mulheres "não-rodantes" (que não entram em transe). Sua função é auxiliar os membros do terreiro quando estão incorporados. (Silva, 2005, p. 137)

Mãe Aparecida, mulher de poucas palavras, abriu para mim outra perspectiva para a pesquisa quando ela traz a palavra encarnação. A Pombagira não está incorporada, mas encarnada. No sentido que a Mãe Pequena revela no que sente com a presença da Moça, Pai Valdo sai totalmente de cena e a sua carne, o seu corpo, é a carne e o corpo da entidade. Esse sentimento que Mãe Aparecida tem é, a meu ver, o sentimento da comunidade da Cabana do Preto Velho da Mata Escura que entra em êxtase com a presença da Pombagira. A fé inabalável da presença da Moça encarnada dentro da comunidade direciona para o caminho das pessoas que veem nela, o caminho para a vitória, o sucesso e o triunfo na vida.

A encarnação da Pombagira é uma configuração epistemológica (Certeau, 2014, p. 217) importante desta pesquisa porque subverte a ordem cientificista médica e eclesiástica oficial. Aqui não perco a capacidade mítica de organizar meu pensamento lançando meu olhar para o corpo encarnado da mulher que sara e cura. Dizer que "é ela" quebra o sistema capitalista e patriarcal instaurando modos subversivos de vida e de resistências das existências.

Voltando à fala de Mãe Aparecida, para ela a festa mais marcante aconteceu em 1987. "Uma festa campal. Apesar de ser tudo pequeno. Foi feita uma instalação improvisada, o altar foi improvisado, mas foi uma festa lindíssima, inesquecível, a mais marcante". Fiquei pensando na construção da história dessa festa e todas as transformações que ela passou até os dias de hoje. Há uma quantidade enorme de vestidos que poderá ser transformado no Museu da Pombagira. Coisas que eu tenho pensado, maquinado na minha cabeça e expondo para a comunidade.

Pai Valdo de Yansã fala com propriedade sobre seu Exu. Chama a atenção quando ele e outras pessoas se referem a ela com "o Exu", no masculino. E torna tudo híbrido, misturado e ambíguo. Pombagira, o Exu-Mulher. O Pai de Santo fala:

A Pombagira é meu Exu. É meu Exu, é minha vida, é minha energia, é tudo pra mim. É uma entidade que eu recebo que para mim é uma grande amiga, uma grande delegada, professora, é aquela pessoa que é companheira. Ela é essa mulher, essa pessoa com quem eu posso contar, uma pessoa que eu confio, que eu tenho inteira confiança de poder contar, de poder pedir a ela para interceder por mim e que graças a deus e aos orixás ela sempre me é... eu sempre sou correspondido por ela. E quanto ao conceito da Pombagira em relação a religião ela é uma entidade tão boa que ela se deixa ver como uma prostituta, como uma mulher da vida por pessoas que não procuram entender quem é ela, mas que na realidade Pombagira nada mais nada menos é aquele espírito que mostra que a mulher é independente, ela mostra o senso da responsabilidade, o senso da independência, da liberdade, que ninguém pode viver preso, escravo, que a pessoa tem que se amar, se gostar. Então ela tem essa missão de como espírito passar isso. É tanto que ela consegue animar, tem essa missão de animar, levantar o ânimo das pessoas, das mulheres que estão apaixonadas, que estão altamente dependentes daquela paixão, daquela vingança, daquela obsessão, totalmente dependentes. Então ela consegue ajudar essas pessoas a se libertar as vezes consertar o amor dessas pessoas. Mas eu vejo muito isso para quem ela trabalha que um ponto que a Pombagira toca muito é que a pessoa aprenda a se valorizar. Então a partir do que eu vejo que ela pede para as pessoas para o trabalho,

o que ela diz para as pessoas eu começo a entender nesses longos anos que eu trabalho com ela eu comecei a ter esse conceito dela. Não é conceito através de livros ou de pai de santo, não. É o conceito que eu consegui formular através da experiência de anos que eu trabalho com ela. Então os diversos trabalhos que ela tem feito de amarração, de dominação, de arrasta como as pessoas chamam dentro da umbanda que são simbolismos que ela faz, a magia dela, eu observei muito essa coisa de que ela procura geralmente que a pessoa ali ela vai, no mecanismo dela, fazendo o trabalho dela e vai fazendo com que a pessoa se fortifique, se levante, se respeite se liberte daquilo, não se torne aquela pessoa tanto isso seja na questão homossexual, seja mulher, seja lésbica, seja hétero, seja no setor profissional, em todos os sentidos eu vejo que a Pombagira é aquela pessoa que dá aquele ponto de otimismo pra gente e que você acredite que aquilo é possível você fazer. (Pai Valdo de Iansã, novembro de 2016)

A fala do Pai de Santo confirma todas as falas anteriores e complementa o conceito da Pombagira nesta etnografia. Pombagira, para além do arquétipo de prostituta e mulher da vida, é aquela que ajuda as pessoas a se valorizarem, se fortificarem, se levantarem, se respeitarem e se libertarem de tudo o que faz mal. A Rainha Pombagira é a entidade que promove o otimismo perante a vida e faz com que se acredite que tudo é possível de ser realizado, tudo é possível de se fazer.

A pesquisa de Santos (2006), orientada pela icônica antropóloga Simone Simões, revela outra experiência etnográfica com as Pombagiras em Sobral, CE. No trabalho do autor as Pombagiras estão intimamente ligadas ao imaginário das prostitutas entrevistadas²⁵. A semelhança desta pesquisa com a de Santos é que, em ambas, a Pombagira é chamada de mãe e protetora, despertando, assim, o espírito maternal da entidade.

Maria Padilha, Maria Molambo, Maria Navalha, Maria Quitéria, Surubita, Luziara, foram as prostitutas pesquisadas que em diferentes níveis possuem uma relação com a Pomba-gira, de acordo com suas experiências de vida. Para elas, como pudemos observar ao longo deste capítulo, as Pombas-giras são suas “mães”, madrinhas, protetoras, as “acompanham”. Senhoras dos seus destinos, são responsabilizadas pelas suas trajetórias, detém o poder sobre os seus desejos, sobre as suas conquistas, sobre os seus homens. Para Maria Molambo e Maria Quitéria ao relatar que já viram a entidade, citam o espelho como lugar da sua aparição, destarte, o espelho é aquilo que reflete imagens, dessa forma poderíamos dizer que a Pomba-gira é a própria imagem das prostitutas refletidas no espelho. (Santos, 2006, p. 81)

Dependendo da perspectiva, do local da pesquisa e do imaginário social a figura da Pombagira vai se transformando e assumindo sua personalidade. A construção desse imaginário é movida por tensões e conflitos dentro do próprio meio umbandista que não tem o pensamento homogêneo a respeito de suas entidades. O caráter independente dos terreiros e associações permitem a criação e recriação de imaginários que passeiam entre todas as regiões do Brasil e do mundo.

²⁵Santos (2006, p. 69) explica em nota de rodapé que, para não colocar em risco as identidades das prostitutas pesquisadas, substituiu os seus nomes pelo nome de seis Pombagiras do universo religioso pesquisado.



Imagem 33: Maria Padilha da Estrada. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

Menezes (2009) marca fortemente a Pombagira como dual e ambígua. A pesquisadora entende que a entidade tanto trabalha com o discurso da liberdade e independência da mulher, como trabalha para que a mulher busque no homem amparo e proteção. Enfatiza, por exemplo, que a Pombagira tanto é definida como luz, bondade e maravilhosa, mas que se deve tomar cuidado porque é perigosa. Penso que devemos entender

as estratégias de existência onde independência e amparo, liberdade e proteção, bondade e perigo possam estar em consonância para a manutenção da vida. Talvez olhando para o mundo das mulheres que sofrem violência possamos entender a bondade e o perigo lado a lado em um cotidiano de alegrias e tristezas vividas na cena doméstica.

A última gira foi quente. A aproximação do dia da festa deixou a comunidade ardendo de paixão e desejo para com a Rainha da Umbanda. Ela girava, vibrava e emanava sua energia a todos e todas. Fez seu ebó, acendeu suas velas, dançou, fumou, bebeu, gargalhou e foi embora deixando seu perfume no corpo e na alma de todos/as.

Depois da gira, Pai Valdo convocou todos e todas para uma pequena reunião em torno da Festa da Rainha. Todos e todas se sentaram no chão do terreiro ao redor do Pai de Santo que foi traçando diretrizes para a grande festa. A reunião terminou quase meia-noite, quando retornei para casa.



Imagem 34: Reunião para organização da Festa da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

No dia 14 de novembro de 2018, quarta-feira, aconteceu o Cortejo da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas pela noite de Fortaleza, CE. O cortejo da Rainha é um ritual em que o Pai de Santo Valdo de Iansã leva os assentamentos da Pombagira Sete Encruzilhadas e do Exu Duas Cabeças para vários pontos da cidade. É uma arte de fazer como uma forma de resistência para fugir aos controles do sistema, como pensa Certeau (2014). Os dois exus comem e bebem no Cemitério da Parangaba, na Praia dos Diários, em um banco, em uma igreja católica, em um cabaré, em sete encruzilhadas no Centro da cidade e no Mercado São Sebastião.

Cheguei no terreiro cerca de 19hs. Como no ano anterior, ficou acertado irmos em dois carros, sendo que um dos carros é de uma das filhas de santo do Pai Valdo do Candomblé. Melissa me perguntou se poderíamos ir em meu carro e respondi um "sim" apreensivo, pois não queria dirigir, mas sim ir de carona, pois assim poderia acompanhar melhor o cortejo e fotografar. Quando chegou o filho de santo que foi com seu carro em 2017 tomei a frente quase convocando o mesmo para seguir conosco. A resposta afirmativa dele me aliviou.

Entrei no carro com o assentamento da Rainha Pombagira. Nele estavam Melissa Reis, Anderson, Josué foi segurando o assentamento da entidade e Kelma de Iemanjá foi dirigindo. No outro carro, com o assentamento do Exu Duas Cabeças, seguiram o Pai Valdo, Junior da Cabocla Mariana, Leuda e Antonio Paulo dirigindo. Saímos da Cabana quase 21:30hs em direção ao Cemitério São José, conhecido como Cemitério da Parangaba.

Todos os movimentos desse cortejo são rápidos e sutis. Não há muito tempo, por exemplo, para prestar atenção no que as pessoas estão achando do ato de fazer um “trabalho de macumba” no espaço público. Os dois carros estacionam, descemos todos e todas, colocamos os dois assentamentos em frente ao local desejado, Pai Valdo puxa as rezas, é colocada a oferenda e saímos rapidamente. Eu me concentro em fazer as imagens e tento entender as rezas do Pai Valdo que são quase indecifráveis. No cemitério, Pombagira e Duas Cabeças saudaram a memória dos mortos.

Verger (2002, p. 79) confirma que o Exu no Brasil é chamado de compadre ou homem das encruzilhadas, pois é nesses lugares que se depositam, de preferência, as oferendas que lhe são destinadas. Diz ainda que o lugar consagrado a Exu é geralmente, ao ar livre. Dar comida para os Exus na rua é uma relação de afeto e relação sagrada, mas também é uma relação de dádiva como indica Marcel Mauss em seu clássico Ensaio sobre a dádiva.

As relações desses contratos e trocas entre homens, e desses contratos e trocas entre homens e deuses, esclarecem todo um aspecto da teoria do Sacrifício. Em primeiro lugar, compreende-se perfeitamente que elas existam, sobretudo em sociedades nas quais esses rituais contratuais e econômicos se praticam entre os homens, mas homens que são encarnações mascaradas, geralmente xamanísticas, possuídas do

espírito do qual têm nome: na verdade, eles agem apenas enquanto representantes dos espíritos. Sendo assim, essas trocas e esses contratos arrastam em seu turbilhão não apenas homens e coisas, mas os seres sagrados que estão mais ou menos associados a eles. Esse é muito nitidamente o caso do potlach tlingit, de uma das duas espécies de potlach haïda e do potlach esquimó. (MAUSS, 2003, p. 205)

Essas relações citadas por Mauss são bem reveladas nesta pesquisa. Percebo que o que se dá como oferenda para os Exus volta como proteção e atenção. Em alguns casos, volta com o bem material ou como uma relação amorosa bem-sucedida. Os presentes, oferendas e sacrifícios também são oferecidos como agradecimento por graças alcançadas. A relação entre o santo, caboclo ou orixá com seu filho é, quase sempre, para a vida toda. Nesse caso, os rituais de troca são realizados de tempos em tempos de acordo com a tradição religiosa.

Voltando ao cortejo, saímos do Cemitério da Parangaba e fomos para a Praia dos Diários. Lá, estacionamos na Av. Beira Mar e entregamos as oferendas na beira da praia em um ritual rápido, mas muito emocionante. Os Exus saudaram o povo do mar. Da beira da praia, direcionamo-nos ao Centro da cidade. A primeira encruzilhada foi entre as Ruas Castro e Silva e Senador Pompeu. Depois fomos seguindo pela Rua Senador Pompeu passando pelas encruzilhadas com as ruas Senador Alencar, São Paulo, Guilherme Rocha, Liberato Barroso, Pedro Pereira e Pedro I, formando assim, sete encruzilhadas. Na própria Rua Senador Pompeu realizamos despacho em frente a Caixa Econômica Federal pedindo prosperidade, e na Igreja de São Bernardo reverenciando a espiritualidade cristã e todos os santos e santas.

Depois que saímos da linha da Rua Senador Pompeu fomos a um cabaré na Rua São Paulo. No ano de 2017, quando fomos ao referido cabaré, ele estava fechado. Dessa vez o prostíbulo estava em pleno funcionamento. Pai Valdo foi recebido com muito carinho pela dona do local. Fizemos o despacho dentro do espaço e ela pediu para irmos ao outro espaço mantido por ela no Centro. Pai Valdo atendeu o pedido da mulher e fomos para a Rua Pedro Pereira, perto da Cidade das Crianças. Fizemos mais um despacho e seguimos para o Mercado São Sebastião onde, com o trabalho, pedimos fartura para as nossas mesas.

Atento à cidade, o desafio é permanecer nela resistindo às situações de violência urbana e ocupando-a de todos os modos, inclusive na pesquisa etnográfica e antropológica. A cidade é modelo e a vida urbana é um movimento complexo que podemos e devemos destrinchar. Narrar uma cidade ou um evento dentro dela pode ser fazer uma etnografia. Quando um antropólogo faz uma etnografia, uma de suas tarefas mais difíceis, como sabemos, ao narrar um evento, é transmitir o clima, o tom do que está descrevendo (Velho, 2013, p. 111). Aqui há um esforço metodológico de transmitir o clima que Velho reporta, por meio das

imagens captadas do cortejo da Rainha Pombagira na cidade. Afinal, as imagens pensam (Samain, 2012) e pensamos/refletimos junto com elas, a partir delas.

Realizar esse cortejo, estar junto, fotografar, rodar pela cidade de carro e caminhar com o povo de terreiro no centro de Fortaleza à noite foi uma atividade vigorosa. É assim que nos sentimos observadores e, também observados, não só por nossos interlocutores, mas por toda a cidade. A experiência é corporal e constrói no próprio corpo uma etnografia das vivências profundas da (e na) pesquisa. Tem coisa mais bonita do que se caminhar de mãos dadas pela cidade? E assim podemos transformar nossa experiência em uma viagem. Este trabalho pode ser considerado um diário de viagem como Janice Caiafa (2007) trouxe tão bem importando o legado de Malinowski. Reparamos nos detalhes da viagem, nos cenários, nas paisagens. Reparamos, também, nos olhares e nos sentimentos que provocamos e nos provocaram.

As fotografias que veremos nas próximas páginas dão conta das narrativas imagéticas (Eckert; Rocha, 2013) e desvelam sobre a nossa experiência de corpo entre a Umbanda e a cidade, entre o visível e o invisível, entre o sagrado e o profano. Sobretudo entre nós como um exercício de generosidade e alteridade, principalmente quando o povo de santo nos autoriza a caminhar com ele. O exercício antropológico e etnográfico dentro das possibilidades dialógicas e de encontro com o outro.

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dos e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agrêmia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo de transforma, tudo varia – o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam. Levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua. (RIO, 2008, p. 28)

O sentimento de João do Rio nos interpela a pensar nas encruzilhadas encantadas das ruas onde a Rainha Pombagira realiza suas ações e magias. Onde ela passa e onde ela mora. O ponto da Pombagira não deixa dúvidas da sua relação com a rua.

Eu caminhava pela alta madrugada
Sob o clarão da lua
Ouvi uma gargalhada
Linda morena, formosa mulher
Me diga quem você é
Tu és dona da rosa
És Pombagira de fé
Pode abrir qualquer gira
Pode chegar quem quiser
És Pombagira de Umbanda
Só não te conhece

Quem não quer.
(Domínio Público)

Mulher que caminha nas altas madrugadas das ruas da cidade, a Pombagira revela também que a Umbanda se constitui nas redes urbanas brasileiras desvelando uma nova poética do sincretismo tropical (Perez, 2011) colocando em xeque a tradição e a novidade e mostrando que a organização social das metrópoles também é construída a partir das festas religiosas e das manifestações afetivas.

A Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas estava nos acompanhando e nos protegendo. A experiência religiosa acontecia em plena cidade no meio de uma avenida movimentada. Nossos corpos experimentaram a presença viva da entidade e pudemos senti-la. Agora convido os leitores e leitoras à experiência de se colocarem diante das imagens do cortejo (Didi-Huberman, 2013) a fim de, também, experimentá-las.



Imagem 35: Cemitério da Parangaba. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

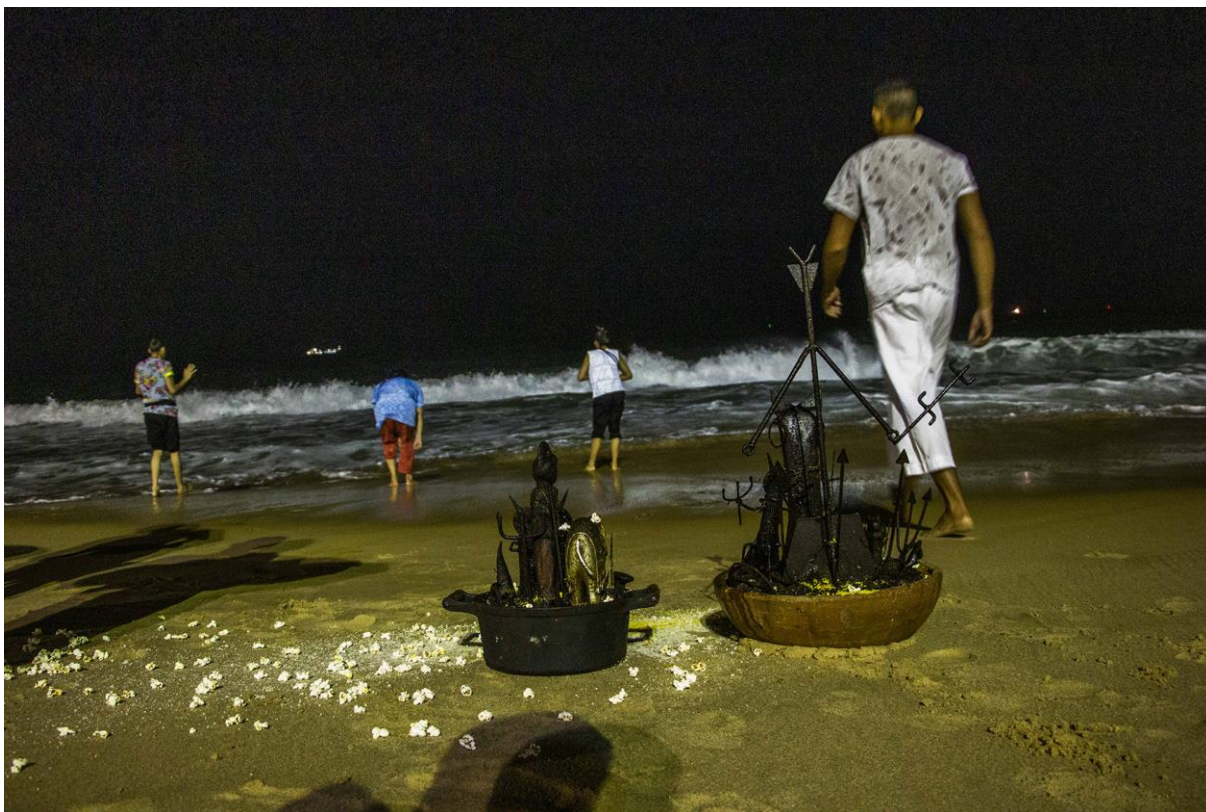


Imagem 36: Exu vai ao mar. Foto/JeanDosAnjos, 2018.



Imagem 37: Encruzilhada, morada da Rainha Pombagira. Foto/JeanDosAnjos, 2018.



Imagem 38: Pombagira dá prosperidade. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

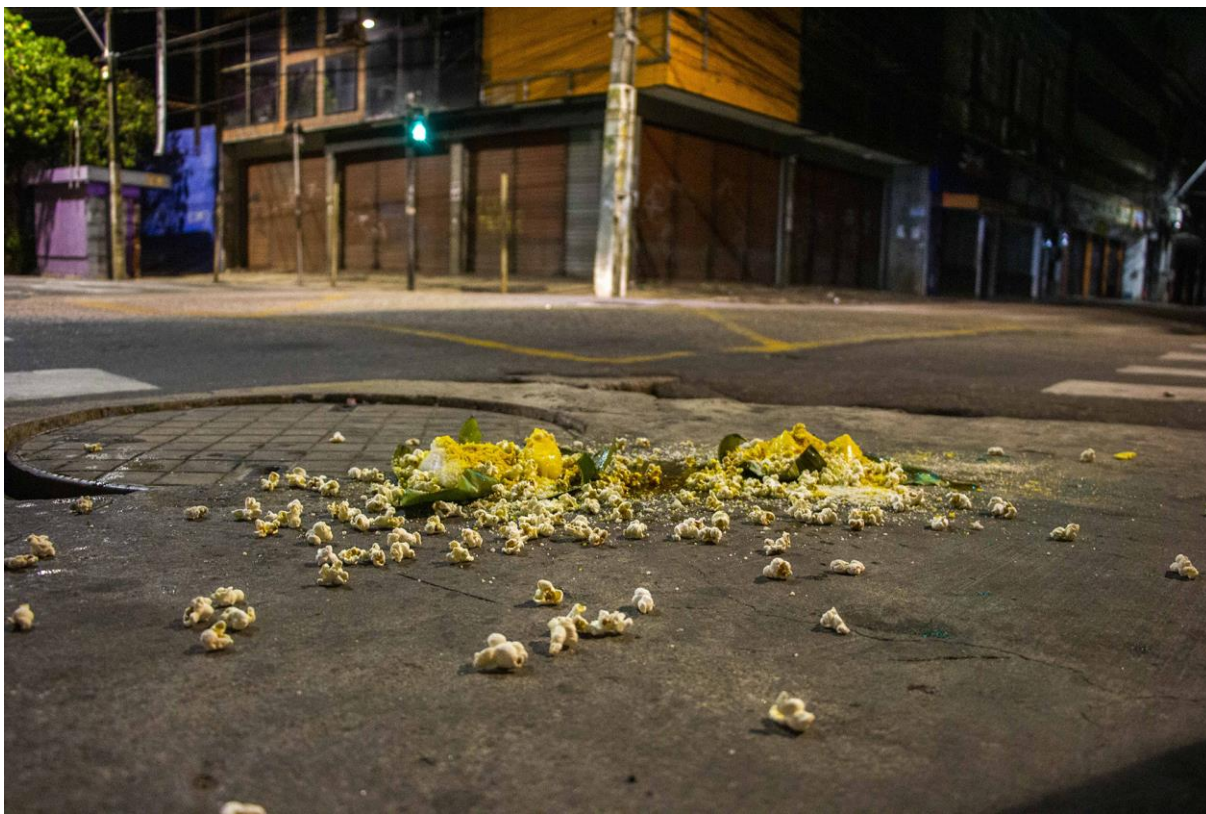


Imagem 39: Ebó. Foto/JeanDosAnjos, 2018.



Figura 41: Cabare. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

Imagem 40: Cortejo da Pombagira em Fortaleza. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

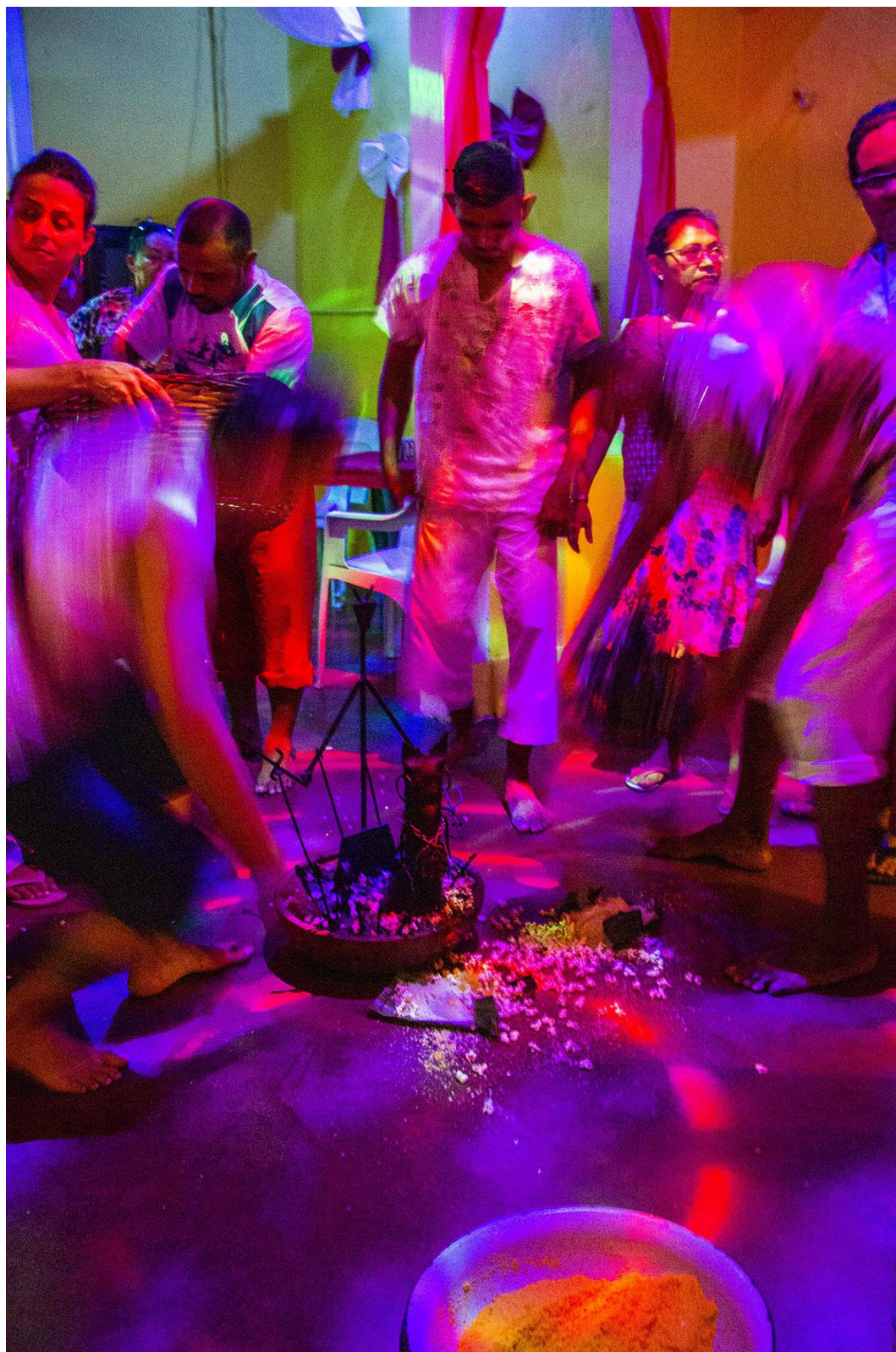


Imagem 41: Cabaré. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

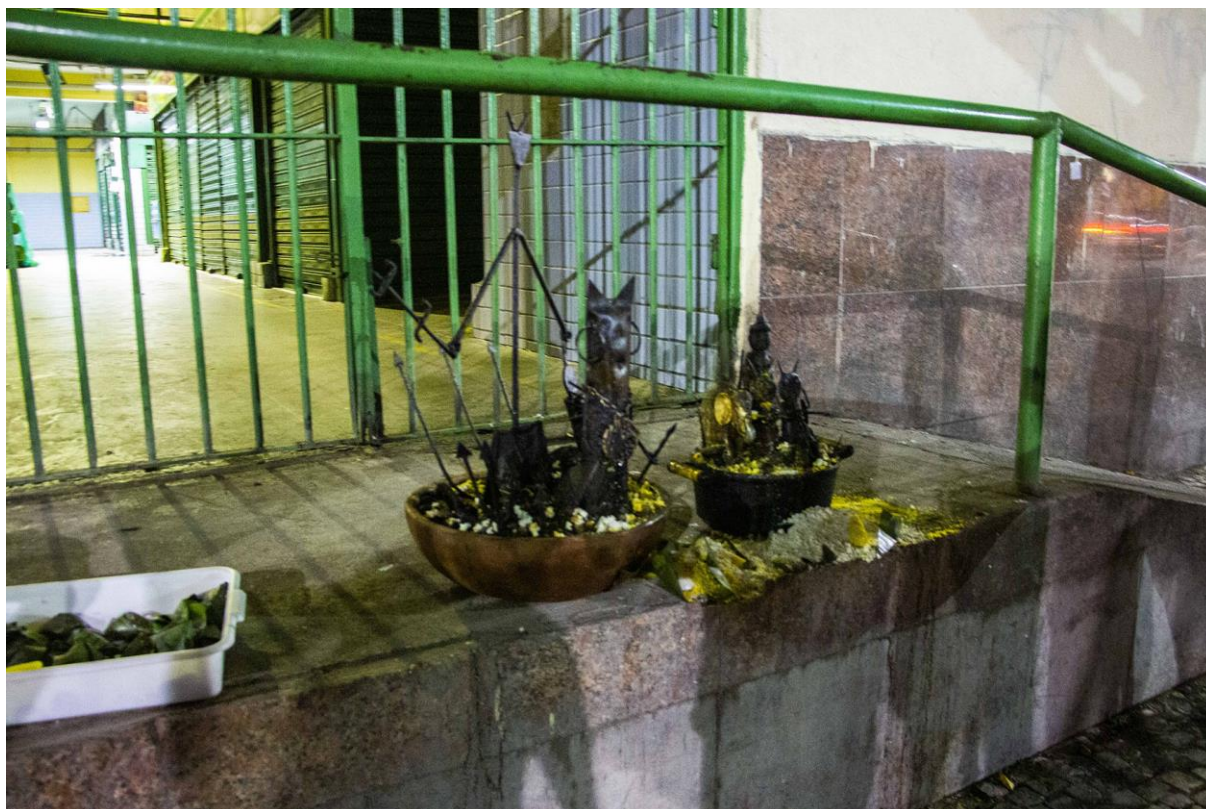


Imagem 42: Fartura. Mercado São Sebastião. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

...

A matança aconteceu no dia 15 de novembro de 2018, quinta-feira, começando cerca de 20hs. Esse ritual é um dos mais esperados pela comunidade da Cabana. Contei 50 pessoas, aproximadamente, junto com a preparação do animal para o sacrifício.

O ritual, como assinala Peirano (2003, p.9) não deve ter uma definição rígida e absoluta. A compreensão do que é um ritual não pode ser antecipada. Ela precisa ser etnográfica, isto é, apreendida pelo pesquisador em campo junto ao grupo que ele observa. Van Gennep (2011) propôs uma classificação dos rituais de acordo com o papel que desempenhava na sociedade. O autor, observando períodos de iniciação, funerais, gravidez e parto, noivados e casamentos, como também mudanças de estação, fases da lua, plantio e colheita, ordenações e posses de novos cargos, percebeu que esses rituais revelavam uma ordem comum: a separação das condições sociais prévias, um estágio liminar de transição e um período de incorporação a uma nova condição ou reagregação à antiga. Interessado pelo estágio limiar dos rituais, quando se entra em um estado de suspensão da vida cotidiana, Van Gennep, concentrou suas reflexões na dinâmica da mudança que o ritual favorecia.



Imagem 43: A força da alegria e da ancestralidade na Umbanda. Foto/JeanDosAnjos, 2018.



Imagem 44: Tambores dos vivos. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

Turner (2013) chama de dramas sociais os eventos conflitivos onde se observa processos de ruptura, crise, reparação e reintegração. As observações de Turner se aproximam da teoria de Gennep, sendo que Turner fomenta a questão da liminaridade. Os ritos de passagem, para Turner, se estendem como estado além do status e posição social, incluindo estados mentais, sentimentais e afetivos, além de estados de ser, que são criações culturais. A natureza polissêmica dos símbolos rituais detectada por Turner mostra que ele estava mais interessado em ver a multiplicidade de significados em ação, nos processos, conflitos e dramas (Peirano, 2003, p.33).

É possível analisar o sacrifício a partir da teoria de Turner pensando, principalmente, na reagregação da vida a partir do sangue dos animais oferecidos aos Exus. A suspensão da vida cotidiana no ritual da matança é primordial. A comunidade espera a Pombagira chegar; ela chega e começa os trabalhos cantando os pontos, girando, fumando, bebendo, gargalhando e limpando o animal; o animal é sacrificado com a comunidade vibrando; a Pombagira se banha com o sangue do animal ganhando nova vida, renascendo e fazendo renascer toda a comunidade do terreiro que esperava esse momento. Detalharei mais à frente a matança, mas chamo a atenção aqui para a ação de suspensão e volta à vida que ficou tão evidente nessa experiência e que é tão importante para as análises antropológicas a partir das contribuições de Victor Turner.

A matança acontece entre o barracão principal e a casa do Pai de Santo, do lado esquerdo de quem entra no terreiro. Em 2018, o animal era uma vaca de médio porte. Foi preciso mais de quatro homens para amarrá-la e deitá-la até ficar pronta para o ritual. O Pai de Santo André Valente incensou todos os espaços da cabana realizando, assim, a limpeza. Os atabaques também estavam do lado de fora, bem próximos do animal.

A Rainha Pombagira chegou às 21hs e foi festejada com muito fervor pelas pessoas que esperavam o ritual. Melissa Reis estava com ela o tempo todo. Weverton Mattos, também. Tudo estava preparado para, ao que me parece, o maior acontecimento antes da grande festa. A Rainha começou a entoar seus pontos e os tambores rugiram. E assim começou a limpar a vaca com pipoca e a realizar seus trabalhos espirituais sobre a mesma.

Assim que a Rainha autorizou, os homens sacrificaram o animal que tombou imediatamente. A Pombagira abriu uma garrafa de champanhe celebrando o sacrifício, dançando e fumando. A comunidade do terreiro bate palmas e canta muito forte e a vibração é sentida por todos e todas. Meu corpo treme e a emoção toma conta de mim.



Imagem 45: Matança. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

Ê Pombagira eu tou te chamando
Ê Pombagira eu tou te implorando
Afirma ponto na bananeira que Pombagira vem trabalhar
Afirma ponto na bananeira pra falar com a Pombagira.

Salve Exu e Viva Exu!
Exu ê Mojubá!
A Pombagira grita: Eahhhhhhh!

Salve a força do Exu!
(Ponto de Pombagira)

Todos/as batem palmas com muita força.

Vamos coroar nossa obrigação. Nossos trabalhos, nossos sacrifícios, entregar a Exu dono dos caminhos, dono das encruzilhadas. Que Exu possa receber os teus pedidos, receber os teus desejos, que Exu possa encaminhar aquilo que vocês desejam para que possa se materializar, se realizar as nossas sete giras que nós possamos confirmá-las, que possamos na força do Exu coroar nossas giras. Salve a força! Salve o Exu! (Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas, novembro de 2018)

A Pombagira é mulher maravilhosa
Quando entra no terreiro
Vira um jardim de rosa
Ela vai girar da força da encruzilhada
Vai abrir os seus caminhos
Dando a sua gargalhada

É noite de lua, é na Caldeia
É uma rosa vermelha na cabeça
É os pés descalços na areia.
Caldeia ô, Caldeia a

Mulher quem te deu tanta beleza
Mulher quem te deu vai te dar mais
Porque tu és a Rainha Pombagira
Mulher dos seus sete ideais.

Ela é mulher! Ela é mulher!
Ô salve o Tranca Rua!
Ô salve o Marabô!
Ô na encruzilhada
Saravá Exu Mulher!

Pombagira ela é uma rosa
Ela é uma rosa que não dá espinho
Girou, girou, girou
Foi no clarão da lua que Pombagira gargalhou.

Ô, ô, ô
Rainha de Nagô chegou
Ela vem com seu axé
O seu ebó tem rosa vermelho e champanhe
Farofa e dendê pra filhos de fé vencer.

Confia
Mulher que não confia
A Pombagira faz a gira
(Ponto de Pombagira)



Imagem 46: Fundamento. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

Pombagira pede para fazerem as coisas do jeito que o cavalo²⁶ deu a ordem. Melissa pede para as pessoas afastarem. É preciso colocar um pouco de ordem no trabalho, mas as pessoas estão em êxtase.

Salve a banda e a força da banda! Saúdo todos vocês na força e na magia. Exu aqui compartilha com vocês a alegria, a vitória, o sucesso. Essa hora é a hora da confirmação dos nossos trabalhos e das nossas giras então aqui não tem que ter espaço para o ódio e para a vingança, para o rancor, para quem quer ser o que não pode. Essa hora é a hora de quem quer vencer, quer triunfar, que na força na natureza, que na força do sangue que Exu pedir força, corrente de prosperidade e levanta. (Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas, novembro de 2018)

A minha bandeira
Foi Pombagira que me deu
Quem me deu foi ela
(Ponto de Pombagira)

Os pais de santo consagrados do terreiro pegam o sangue da vaca e derramam o mesmo nos assentamentos das entidades. Há uma lua esplêndida no céu acompanhando toda a cerimônia. A Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas pega o sangue em uma cumbuca e derrama-o sobre seu próprio corpo. Os tambores gritam pelo nome da Rainha da Umbanda e a comunidade entra em êxtase. A cena é a mais bonita de toda a pesquisa.

René Girard (1990) informa que a função do sacrifício é apaziguar a violência e impedir a explosão de conflitos decorrentes de rivalidades cada vez mais crescentes. Por um mecanismo estranho e dilacerador, a boa vítima passa a ser o alvo predileto da violência com uma forma simbólica tão ampla que nenhum contra-ataque é mais possível de ser exercitado. O sacrifício é uma reconciliação social.

A função do ritual é "purificar" a violência, ou seja, "enganá-la" e dissipá-la sobre vítimas que não possam ser vingadas. Como o segredo de sua eficácia escapa-lhe, o ritual tenta compreender sua própria operação no nível de substâncias e de objetos capazes de fornecer pontos de referência simbólicos. É evidente que o sangue ilustra de maneira notável toda a operação violenta. (GIRARD, 1990, p. 52)

Logo depois a Rainha recebe a cabeça da vaca, levanta-a acima de sua cabeça como um troféu e a deposita em uma bacia de barro. Todos/as aplaudem. As bacias de alumínio com preparos e pétalas de rosas vão recebendo mais sangue do animal. Dona Pombagira vai girando, ora com as mãos para cima, ora com as mãos na cintura, às vezes para, coloca a mão fechada sobre a testa afirmando e confirmando o desejo dela e de quem está conectado/a com ela. E recomeça tudo novamente.

Roger Bastide (2001) indica que o sacrifício é uma parte do ritual não propriamente secreta;

²⁶Cavalo que ela chama é o médium. A pessoa em que ela está incorporada. No caso é o Pai Valdo.

porém, não se realiza em geral senão diante de um número muito pequeno de pessoas, todas fazendo parte da religião. Teme-se sem dúvida que a vista do sangue revigore entre os não-iniciados os estereótipos correntes sobre a “barbárie” ou o “caráter supersticioso” da religião africana. Uma pessoa especializada no sacrifício, o axogum, que tem essa função na hierarquia sacerdotal, é quem o realiza ou, na sua falta, o babalorixá, sacerdote supremo. O objeto do sacrifício que é sempre, um animal, muda conforme o deus ao qual é oferecido: trata-se, conforme a terminologia tradicional, ora de um “animal de duas patas”, ora de um “animal de quatro patas”, isto é, galinha, pombo, bode, carneiro etc. O sexo do animal sacrificado deve ser o mesmo da divindade que recebe o sangue derramado; e o modo de matar varia igualmente segundo os casos: corta-se a cabeça, esquarteram-se os membros, sangra-se a carótida, dá-se um golpe na nuca. Varia também o instrumento de execução, que algumas vezes deve ser uma “faca virgem”. Na realidade não se trata de um único sacrifício, mas de dois; pois qualquer que seja o deus adorado, Exu deve ser o primeiro servido, por razões que veremos adiante. Há, pois, o primeiro sacrifício de um “animal de duas patas” para Exu, e em segundo lugar, quando o permitem as finanças da casa, de um “animal de quatro patas” para a divindade cuja festa se está celebrando. (BASTIDE, 2001, p. 31-32)

A realização do sacrifício da Festa da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas não é apenas para um grupo seletivo de pessoas, pelo contrário, é aberta ao público. Mas não pode fotografar e nem filmar. Eu fui a única pessoa autorizada a fotografar. Pai Valdo de Iansã entendeu que era importante para a pesquisa. As autorizações que o Pai de Santo foi me dando acabaram me colocando em um lugar de status dentro da comunidade e isso foi alterando os meus modos de pesquisar no terreiro, digo, tendo certas facilidades.

Depois da vaca, o sacrifício principal, os umbandistas foram trazendo as galinhas. Cada umbandista, aqueles(as) que podiam, ofereciam uma galinha para ser usada no ritual.

Muitos pontos são cantados e as pessoas se encaminham para o barracão. Os homens vão levando as coisas para o quarto do Exu.

Chegou a Pombagira
Alguma coisa ela vem fazer
Para quem quer vencer...

Estrela linda vem descendo de Aruanda
Estrela da Pombagira ela é Rainha da Quimbanda
Estrela linda no salão iluminou
Estrela linda da Pombagira, ela é rainha do amor.

Umbanda sua rainha chegou
Umbanda mais uma estrela brilhou
Salve Salve Pombagira ela vem é do alto
Vem afirmar sua gira
Pois saravá sua porteira de aço
Salve sua tesoura cortando todo embaraço.

Salve a sua gargalhada

Pombagira como é teu nome
Pombagira vamos trabalhar
Ela é a Rainha da Encruza.

(Ponto de Pombagira)

Exu que afirma! Salve o Exu! Vamos saravá... Aquele que estiver... as pessoas têm suas qualidades, seus defeitos, seus medos. A gente tem que respeitar. Eu gosto de dizer assim, então é assim... Uma coisa que une o meu elo com o meu cavalo desde quando eu fui chamada na cabeça dele e ele não se negou aos meus desejos, a entregar a matéria a mim para que eu trabalhasse da maneira que eu bem quisesse. da maneira que eu fosse me satisfazer. me realizar e a matéria dele e que do meu modo eu pudesse ajudar a quem de mim precisasse. Então ele inventou muita coisa para encarar para eu poder me vestir poder estar no corpo dele como ele diz que tem o prazer de olhar e não se reconhecer. Isso é que faz o nosso elo ser forte. Às vezes tem gente que acha que Exu é, - vou nem dizer que é o diabo porque tem muita gente que já acha isso né? - coitado de nós. Agora chifre e rabo eu nunca e tampouco vivo dentro de fogo. Eu me chamo sete encruzilhadas porque são sete caminhos que tem desse mundo da terra para o outro. Não tem vocês ou um vivente da terra que não passe numa encruzilhada da mesma forma não tem nenhum desejo nenhum pedido que passe para o mundo superior se Exu não passar, não abrir a encruzilhada, não abrir a porteira E a energia que eu tenho que dar para o meu cavalo é com a minha magia. Gargalha. Quem não quiser me abraçar eu não vou me ofender, posso só pegar na mão. Não me ofendo nem me firo com pouca coisa gargalhada (Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas, novembro de 2018)

Ê mama ê
Povo de Ganga chegou
Mama ê chorou
Chorou chorou chorou
Povo de Ganga chegou

Esse terreiro é governado por mulher
Terreiro da Pombagira só não vence quem não quer
Ai ai ai
Oi Oi Oi
Terreiro da Pombagira só não vence quem não quer.
(Ponto de Pombagira)

Trabalharam no terreiro Exu Tiriri, Exu Tranca Rua, Exu duas cabeças, Exu Veludo, Exu Mangueira, Pombagira Maria da Praia, Pombagira Cigana, Pombagira Maria Padilha, Pombagira Princesa Malvada, Pombagira Sete Saias, Pombagira Maria Mulambo, entre outras.

A Rainha Sete Encruzilhadas ganhou um perfume de um filho. Jogou o perfume na barra da saia e girou muito. O terreiro vibrava com a Rainha exalando o perfume para todos e todas.

Confirmado seja na força. Vocês estão sentindo o cheiro da minha saia? Esse negócio aqui é meu. Isso aqui é para chamar o homem. Porque as mulheres na terra, elas brincam. E se afobam. Em vez de sacudir a saia e chamar o homem para o remelexo, faz é brigar. A mulher que é mulher ela chama o homem é na saia. (Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas, novembro de 2018)

Rodeia, ô
Rodeia moça bonita, rodeia
Meu Santo Antonio pequeninho...
Amansador de touro brabo
Amansai meus inimigos
É com seiscentos mil diabos

Seu Preto Velho da Mata Escura veio encerrar a gira com as orações finais e voltei para casa, mais uma vez, extasiado com a experiência no terreiro.



Imagem 47: A Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas Renasce. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

3 - ELA É MULHER! - A FESTA DA RAINHA

*"Trem do desejo penetrou na noite escura
foi abrindo sem censura
o ventre da morena terra.
O orvalho vale a flor
que nasce desse prazer
nesse lampejo de dor.
Meu canto é só pra dizer
que tudo isso é por ti.
Eu vi. Virei estrela"
(Vander Lee)*

A Festa da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas da Cabana do Preto Velho da Mata Escura aconteceu no dia 17 de novembro de 2018, sábado, às 21hs. A lua estava em quarto crescente e o meu corpo vibrava em poder estar, mais uma vez, na grande celebração da Rainha da Umbanda. O tema desse ano era "No Terreiro de Pomba Gira só não vence quem não quer", fazendo alusão ao ponto da entidade.



Imagem 48: Incenso de limpeza. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

Cheguei no terreiro por volta das 20hs. A decoração do terreiro estava belíssima, como sempre. Havia uma cortina vermelha contornando o portão de entrada e um tapete amarelo entre o portão e a porta do barracão principal. No muro havia um painel de lona de

cerca de 2m² com a imagem de Iansã com uma espada na mão e o iruquerê²⁷ na outra e a marca do Ilé Asé Ojú Oyá. Logo ao lado do portão havia outro painel, sendo de madeira e menor, indicando o C.E.U. Cabana do Preto Velho da Mata Escura.

Fui à festa com Janainna Pereira, antropóloga e amiga querida. Saí de casa, fui buscá-la e passamos no supermercado onde compramos rosas e champanhe para a Rainha. E cerveja para nós, afinal sabíamos que a noite seria longa e a ideia era não termos hora para voltarmos. As festas na Cabana sempre têm comida muito farta e a Festa da Rainha não era diferente.

O terreiro estava todo decorado com fotografias. Muitos painéis com várias fotografias contando a história da Festa da Pombagira e, de certa forma, da história do terreiro. Em um dos painéis constava em destaque "O passado - O presente - O futuro: construindo uma história de fé, amor e devoção". Fiquei pensando que alguma coisa da minha ideia tinha servido e fiquei satisfeito. Também tinha gravuras de vários exus como o Sete Encruzilhadas, Exu Pimenta, Exu Tiriri, Exu Arranca Toco e da Pombagira Cigana.

Duas coisas me chamaram a atenção e me emocionaram na decoração. A porta de vidro da casa da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas teve o seu adesivo substituído e agora tinha uma imagem produzida por mim da própria Rainha na cabeça do Pai Valdo. Passei alguns minutos em frente à porta pensando no caminho que aquela imagem fez desde o dia em que eu a produzi, em 2017, até ser colocada na porta do quarto da Rainha. Tinha mandado algumas imagens para a equipe de organização e sabia da possibilidade das imagens expostas, mas a foto fixada na porta fez um efeito visual estético maravilhoso. Em outro painel estava o trabalho apresentado por mim no 18º Congresso Mundial de Antropologia IUAES, em Florianópolis-SC, em julho de 2018. Percebi como eu estava dentro da festa e como a festa estava dentro de mim nesse movimento de partilha e entrega das produções artísticas e acadêmicas.

Na pracinha, as mesas estavam decoradas com tecidos preto e vermelho. Em cima das mesas havia velas decoradas, garrafas decoradas com flores artesanais, frutas e sidras. Um grande coração onde constava "Love You" feito de material de esteira de palha com um laço em torno de si, uma árvore genealógica com muitas fotografias da família do Pai de Santo e muitos coraçõezinhos recortados davam o tom da grande Festa da Rainha.

Dentro do barracão principal não estava diferente. Muito painéis com imagens da Pombagira e de outros exus formavam uma grande memória da festa. Eu observei uma a uma

²⁷Iruquerê ou ìrùkèrè: espanta-mosca feito de rabo de cavalo ou outro animal, usado por reis africanos como símbolo de poder e por alguns orixás, especialmente Oiá e Oxóssi. (Prandi, 2001, p. 566-567)

e em cada fotografia vinha uma emoção do que era fazer parte daquela festa tão bonita e alegre. A imagem da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas estava no centro do altar com uma coroa na cabeça e um manto vermelho sobre o seu corpo, mas deixando seus seios a mostra. Ao lado um bolo de três andares, também com imagens de festas anteriores, e abaixo muitas velas estilizadas das cores preta e vermelha. Havia também uma pequena imagem do Exu Duas Cabeças. A imagem tinha corpo feminino sendo com uma cabeça de mulher e outra de homem.



Imagem 49: Exu Duas Cabeças. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

Todos os presentes, rosas, bebidas, perfumes, entre outros, foram depositados no altar da Pombagira que ficou sem espaço para tantas prendas que ela ganhou. Todos/as os filhos e filhas do terreiro estavam uniformizados de preto e vermelho. A Cabana chegou a ter mais de trezentas pessoas quando a Pombagira estava em terra. A festa estava esplêndida.

Pai Valdo iniciou a cerimônia puxando o Hino da Umbanda.

Refletiu a Luz Divina
Com todo seu esplendor
Vem do reino de Oxalá
Aonde há paz e amor
Luz que refletiu na terra
Luz que refletiu no mar
Luz que veio de Aruanda
Para nos iluminar.

Umbanda é paz e amor
 Um mundo cheio de Luz
 É força que nos dá vida
 E a grandeza nos conduz.

Avante, filhos de fé
 Como a nossa lei não há
 Levando ao mundo inteiro
 A bandeira de Oxalá
 Levando ao mundo inteiro
 A bandeira de Oxalá.
 (Hino da Umbanda)

Depois das orações iniciais e dos rituais de limpeza, Seu Preto Velho da Mata Escura chegou para começar os trabalhos. Todos e todas foram saudar o Preto Velho, entidade maior do terreiro. Quando a linha virou o Exu Duas Cabeças chegou na cabeça de Pai Valdo dando início à chegada dos Exus da casa. E assim chegaram os sete exus companheiros da Rainha para esperá-la. Seu Tranca Rua, Seu Tiriri, Seu Marabô, Seu João Caveira, Exu Mangueira, Exu Ventania e Exu Sete Encruzilhadas.

A Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas chegou às 23hs na cabeça do Pai Valdo, dentro do barracão. Depois, subiu com Melissa Reis, Weverton Mattos e Mãe Aparecida para o quarto do Pai de Santo no segundo piso de sua casa. Durante as giras preparatórias a Moça sempre se troca em seu quarto, mas no dia de sua festa ela vai se preparar no quarto de Pai Valdo. Eu fui junto e fiquei na porta do quarto, na escada, esperando a Moça ficar pronta. Estava comigo uma jovem pesquisadora, estudante de jornalismo da Unifor, chamada Cintia Martins. Cintia e mais alguns colegas dela filmavam e fotografavam a festa e eu os ajudava dando algumas dicas.

A Rainha se preparou com a ajuda de Melissa, Weverton e Mãe Aparecida que cuidavam da Moça com muito esmero. Nada poderia dar errado. Melissa olhava os detalhes minuciosamente enquanto borrifava perfume na mulher. Iara, neta de Pai Valdo, uma criança de pouco mais de três anos, também estava no quarto prestando atenção em todos os movimentos da Rainha e ajudando quando lhe era permitido.

Tudo pronto e a Rainha apontou na porta do quarto. Apontei a câmera para a Moça e fui descendo na frente dela acompanhando pela tela da máquina todos os seus passos. Ela caminhava devagar atravessando toda a casa do Pai de Santo e saindo pela porta do quintal se dirigindo ao barracão principal, passando pela casa dos exus e pela sua própria casa. Em frente à sua casa Melissa me entregou as flores que eu levei para a Pombagira, mas não tinha pensando em entregar nessa hora. Melissa insistiu que eu entregasse logo. Passei a câmera para Cintia e ela me filmou entregando as rosas para a Rainha. Um rapaz que recebia

a Pombagira Sete Saias também entregou flores para a Pombagira, mas reparei que ele não estava paramentado para a festa. Fiquei sabendo depois que ele não era mais umbandista e estava frequentando uma igreja evangélica.



Imagem 50: Festa da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

A Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas dá o seu grito de guerra, abaixa-se balançando os ombros e inclinando a cabeça na porta do barracão por alguns segundos e entra. A emoção toma conta de todos e todas. Nesse momento tudo me parece mais alto. As palmas, o som dos atabaques, os pontos cantados ficam mais fortes e intensos. O amor, a festa e devoção se faziam presentes para a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas.

Nesse momento nos tornamos contemporâneos da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas. Estamos com a divindade e a humanidade dela reatualizadas e mergulhamos com ela na sua fé, alegria e esperança. Os participantes da festa tornam-se os contemporâneos do acontecimento mítico (Eliade, 1992, p. 79). Saímos do tempo histórico para vivermos o tempo primordial, o tempo que pertence à eternidade. A comunidade da Cabana do Preto Velho da Mata Escura trabalhou e se esforçou para viver perto de sua Rainha e naquele momento toda a criação da festa estava sendo recompensada.

É possível, neste momento, entender o estado de efervescência que Durkheim (1996, p. 417) nos apresenta tão bem. O homem é transportado fora de si, distraído de suas

ocupações e preocupações ordinárias. Por isso, se observa na festa gritos, cantos, músicas, movimentos violentos, danças, busca de estimulantes que elevem o nível vital. Um verdadeiro delírio. A festa é o excesso, a falta de limite que separa o lícito do ilícito e a vontade de violar as regras. Reforço com Perez (2012, p. 26) que na festa misturam-se alegria e angústia, regozijo e violência, prazer e dor. É a fusão da vida humana (Bataille, 2015, p.45) que coloca o homem face à face com um mundo sem estrutura e sem código, que é o mundo das relações humanas não instituídas, onde a fusão das consciências e das afetividades substitue todo o código e toda estrutura (Duvignaud, 1983, p. 68).

Roland Barthes (2018) diz que a festa é como um sujeito apaixonado vive cada encontro com o ser amado. A Rainha Pombagira torna-se a própria festa para todos e todas que esperam por esse momento sagrado da presença dela no terreiro.

"Naquela noite - tremo em dizê-lo -, eu a tinha nos braços, apertada contra o meu peito, eu cobria de beijos intermináveis seus lábios que murmuravam palavras de amor, e meu olhos se afogavam na embriaguez dos seus! Deus! Serei castigado, se ainda agora experimento uma celeste felicidade ao me lembrar dessas ardentes alegrias, ao revivê-las no mais profundo do meu ser!" A festa para o Enamorado, o Lunático, é um júbilo e não uma explosão: gozo do jantar, da conversa, da ternura, da promessa certa do prazer: "uma arte de viver acima do abismo". (Então, não significa nada para você ser a festa de alguém?). (BARTHES, 2018, p 178-179)

A festa é aquilo que se espera, como diz Barthes (2018, p. 178). É a presença de todos os prazeres e júbilo de estar diante da fonte de todos os bens. O dia da festa é o dia dos eleitos. A vida renasce e a celebração ativa a vida renovando-a para o cotidiano que virá a seguir. A festa é a prova das mais puras alegrias da vida.

Byung-Chul Han (2017) destaca a festa em um tempo onde não há mais celebrações. Para o autor, o tempo da festa é o tempo que não passa. É o tempo celebrativo em sentido específico. A festa é

um esforço puramente humano, o cumprimento usual de um dever não é propriamente uma festa, e a partir do não festivo não se pode celebrar nem sequer compreender uma festa. Deve intervir algo divino para que o que antes parecia impossível se torne possível. Se é elevado a um patamar onde tudo é "como no primeiro dia", iluminado, novo e "como pela primeira vez"; onde estamos na companhia dos deuses, onde nos tornamos inclusive divinos, onde sopra o hálito da criação e se participa do ato da criação. Essa é a essência da festa. (GADAMER, 1993, apud HAN, 2017, p. 110-111)

Em tempos difíceis de governos autoritários a festa ganha ainda mais status de experiência com o divino e com a liberdade. A festa promove a vida, a luta e necessidade de nos conectarmos uns com os outros em uma corrente positiva para a emancipação dos nossos desejos. Nesse sentido a festa é, também, um ato político de afirmação da vida. A festa nos

liga com o sagrado e assim torna os nossos corpos sagrados. A Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas em sua festa é o corpo divino que nos liga ao mundo divino.

A Rainha da Umbanda, a mulher dona da festa, traz no seu gingado e na força da sua gargalhada toda a ancestralidade das mulheres que viveram em tempos outros e venceram a morte dos seus corpos com a resistência de quem persiste na caminhada pela satisfação dos seus desejos. É assim que corpos de lésbicas, gays, travestis e transexuais se refestelam na Festa da Rainha sem serem julgados/as por serem quem são. É a festa da liberdade, ou, pelo menos, é a festa da luta pela liberdade.

Se um tipo de cristianismo oficial colocou Deus longe da humanidade retratando-o como todo poderoso e onipotente (Lewis, 1977, p.252), a Umbanda e as tradições afro-ameríndias colocam suas divindades para dançar com a humanidade. É assim que a Pombagira protesta contra o discurso da onipotência: dançando, bebendo, fumando e gargalhado com a sua comunidade, com o seu povo. O mistério divino está em corpo de mulher que rebola os quadris celebrando a paixão pela vida. Pombagira, caminho para o sagrado, é corpo sagrado.

A Moça é a principal dançarina de sua festa. Pombagira dança e produz um espaço próprio ao corpo, sem estar dependente do tempo real, a dança cria uma intemporalidade própria: toda dança é divina porque intemporal, evoluindo num espaço sem inércia, nem constrangimentos como diz Gil (1997, p. 68). A Moça dançando é graça pura. Quando a Moça dança e gira milagres acontecem.

As danças africanas, diz José Gil (1997), se descodificam o corpo, se possuem também esta dimensão de jogo livre e gratuito, conseguem-no enraizando ainda mais o corpo no mundo, nas suas energias e nos ritmos. Quando a Moça gira ela é o próprio texto sagrado da Umbanda. O corpo dança e escreve o movimento no tempo sagrado. A dançarina consagrada produz sua própria gramática. A Pombagira flutua sobre todos/as nós. Seu corpo é o nosso baile. Seu baile, sua dança e sua gira são a cura para qualquer tristeza. De graça, ela sorri.

Gil (1997) lembra que o riso profundo dos povos primitivos, um riso dos corpos impressionou os primeiros viajantes e etnólogos europeus

A ponto de terem visto por vezes nisso o signo da humanidade dos selvagens: riso sem limites, sem segunda intenção, indefinível com um ritmo, que faz parte da comunidade e constitui laço social e um meio de conhecimento, nas próprias bases do corpo comunitário. Contra a seriedade e contra o peso sempre possível dos signos o riso está sempre presente, assim como a dança, pronto a irromper e a evitar o risco de petrificação dos gestos demasiadamente carregados de sentido. (1997, p. 73)



Imagem 51: Rainha da Umbanda. Foto/JeanDosAnjos, 2018.



Imagem 52: Maria Padilha. Foto/JeanDosAnjos. 2018.

Na Festa da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas a dança e a gargalhada subvertem qualquer cânone herdado da idade média (e do genocídio indígena, da escravidão dos povos da África negra, do holocausto, da ditadura civil militar brasileira) que proibia o riso, a alegria e a liberdade. Porque o riso, a gargalhada, é uma função essencial da nossa natureza. Como levar a vida se não podemos rir, pelo menos entre as nossas dores? (Michelet, 1974, p.14). A Festa da Rainha, como bem diz Duvignaud (1983) na sua teoria sobre a festa, é uma forma de transgressão das normas estabelecidas, é o mecanismo que, com efeito, abala todas as normas e muitas vezes as desagrega. A encarnação da Pombagira no mundo, a mulher que desafia os poderes masculinos, pode ser a maior transgressão ao modelo de sociedade capitalista e patriarcal em que estamos inseridos.

Ali, na Cabana do Preto Velho da Mata Escura, a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas está encarnada, como diz Mãe Aparecida. A Festa da Rainha é a festa da encarnação, do sangue, do vinho, do fogo e do desejo. Porque é ela que está ali. É ela que traz a força e coragem para a comunidade seguir o ano inteiro existindo e resistindo nos dias comuns, na vida cotidiana.

Além dos exus companheiros da Rainha, muitas entidades compareceram à festa. Dona Maria Padilha, Dona Maria da Praia, Princesa Malvada, Dona Maria Chaveiro, Dona Sete Saias, Dona Luziara, Cigana, Seu Zé Pilintra, entre outro/as. Esse grande movimento de

Exus e Pombagiras fazia com que muitas pessoas, umbandistas ou não, pudessem conversar com os guias, pedir conselhos, presenteá-los/as, ou simplesmente cumprimentá-los/as. Uma quantidade de bebida e fumo considerável era consumida pelas entidades que podiam ficar bem à vontade no terreiro.

A gira terminou por volta das 4hs da manhã com todos e todas no terreiro cantando e dançando com as mãos levantadas para cima "Ai, ai, ai, ai tá chegando a hora, o dia já vem raiando meu bem, eu tenho que ir embora". Uma lindeza de se ver. Mas a festa continuou. De um lado, na pracinha, roda de samba. Do outro, na entrada da cozinha da casa do Pai de Santo, sofrência. Eu e Janainna ficamos do lado da sofrência nos divertindo até as 06hs da manhã. Saímos do terreiro sabendo que o movimento não teria hora para acabar, claro, como uma boa festa tem que ser.

...

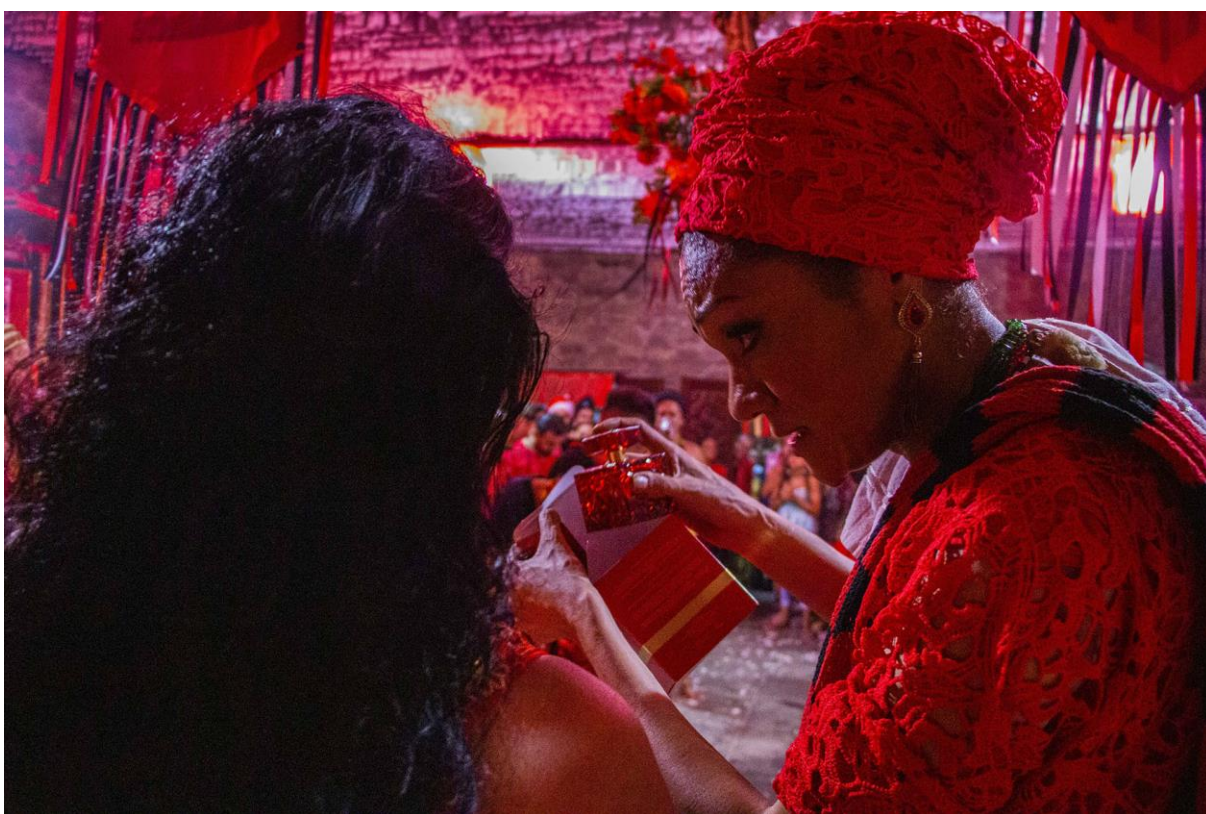


Imagem 53: A Rainha e Melissa Reis, sua cambone. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

A trajetória de vida de Melissa atravessou a pesquisa sobre a Festa da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas e me impactou de maneira tal que quis destacar sua presença e experiência de vida. Minha intenção em escrever sobre Melissa Reis é para que o mundo a

conheça e que jamais possa esquecê-la. A moça da taça foi, durante toda a pesquisa, a maior devota da Pombagira e a que lhe demonstrou maior amor e dedicação. Ela é a maior animadora da Festa da Rainha.

Judith Butler (2015) oferece a mim uma profunda reflexão sobre a responsabilidade diante do Outro. Para expor Melissa aqui é preciso, primeiro, respeitar Melissa e sua história de vida. É uma condição ética primeva.

Dado que somos vulneráveis à interpelação dos outros de maneiras que não podemos controlar totalmente, não mais do que controlamos a esfera da linguagem, isso significa que carecemos de capacidade de agir e de responsabilidade? Para Lévinas, que faz uma separação entre a pretensão de responsabilidade e a possibilidade de ação, a responsabilidade surge como consequência de estarmos sujeitos à interpelação não desejada do outro. (BUTLER, 2015, p. 113)

Trazer para este trabalho as memórias de Melissa Reis me interpela a pensar sobre as responsabilidades da pesquisa que infere no Outro a busca pela compreensão da vida humana e suas consequências epistemológicas. Aqui trato sobre a vida e a memória de Outro para a construção de saberes e conhecimentos. O rigor com que me empenho na obtenção de dados sobre Melissa para a construção do conhecimento antropológico é, também, radicalmente ético.

Melissa Reis tem suas raízes no interior do Ceará. Foi de Massapê que sua avó, Maria de Jesus Furtado dos Reis, chegou em Fortaleza. Casou-se com Edmundo Antero dos Reis e tiveram quatro filhas, entre elas, Nuzia, mãe de Melissa.

Nuzia Celia Reis Pereira casou-se com Luiz Gonzaga Pereira Filho. Já estava grávida de Melissa. O casamento foi contra a vontade de Dona Maria de Jesus, pois Luiz era negro. O preconceito era muito forte e o casamento começou com esses enfrentamentos.

Luiz e Nuzia viveram entre altos e baixos. Ele, alcoólatra, acabava criando sérios problemas entre toda a família. Ela, sofria com a violência doméstica do marido e lutava para cuidar bem das crianças que cresciam em um ambiente, muitas vezes, de hostilidade e incompreensão. Hoje, Luiz superou o alcoolismo e a família vive melhor.

Melissa me conta que foi o Mestre Sibamba que segurou todas as barras. Dona Maria de Jesus, que era da Umbanda, tinha a entidade como seu guia e ele ajudou toda a família. Dona Nuzia cambonava no terreiro de Dona Maria de Jesus. Melissa, com oito anos, entrou no quarto de Exu e se encantou pela religião.

Quando Dona Maria de Jesus faleceu, Melissa herdou sua Santa Bárbara de Portugal e alguma prataria. Os filhos de seu segundo marido, Raimundo Bessa, trataram de

derrubar o terreiro e muita coisa ficou perdida. Uma memória de uma vida dedicada à Umbanda foi destruída.

Melissa Reis nasceu em 1975, teve uma infância entre os bairros Bela Vista e Bom Jardim, estudou em escolas públicas, descobriu sua sexualidade logo cedo e já entendia que não era igual aos outros meninos. Sim, Melissa nasceu menino com o nome de Washington Luis Reis Pereira. Sua mãe queria afastá-la da Umbanda porque entendia que a religião era frequentada pela comunidade LGBT e achava que Melissa poderia ser influenciada. Mas a estratégia da mãe de Melissa não deu certo, pois sua orientação sexual não dependia de fatores externos, mas viria dos seus desejos.

Embora haja desde o nascimento uma suposta ordem e afirmação do que seja menino e menina, nem sempre os sujeitos baixam suas cabeças aos regulamentos sociais. Louro diz que

Apesar de tudo isso, a sequência é desobedecida e subvertida. Como não está garantida e resolvida de uma vez por todas, como não pode ser decidida e determinada num só golpe, a ordem precisará ser reiterada constantemente, com sutileza e com energia, de modo explícito ou dissimulado. Mesmo que existam regras, que se tracem planos e sejam criadas estratégias e técnicas, haverá aqueles e aquelas que rompem as regras e transgridem os arranjos. A imprevisibilidade é inerente ao percurso. Tal como numa viagem, pode ser instigante sair da rota fixada e experimentar as surpresas do incerto e do inesperado. Arriscar-se por caminhos não traçados. Viver perigosamente. Ainda que sejam tomadas todas as precauções, não há como impedir que alguns se atrevam a subverter as normas. Esses se tornarão, então, os alvos preferenciais das pedagogias corretivas e das ações de recuperação ou de punições. Para eles e para elas a sociedade reservará penalidades, sanções, reformas e exclusões. (LOURO, 2015, p. 16)

Enquanto conversava com Melissa em um agradável final de tarde na Cabana do Preto Velho da Mata Escura, eu pensava sobre o livro *Um corpo estranho*, da professora Guacira Lopes Louro (2015), e do quanto o texto se alinhava com a trajetória de Melissa e toda a subversão que promoveu com o seu corpo no mundo que tentou negar-lhe tantas coisas.

Melissa conheceu o trabalho como cabeleireira em salões na cidade, mas também conheceu o trabalho na José Bastos, avenida de Fortaleza conhecida por pontos de prostituição. Na José Bastos ganhou o nome de Melissa depois que ganhou uma sandália de marca melissa de uma colega. Antes já tinha tentado os nomes de Mirella, Barbara e Dayse. Da José Bastos foi para a cidade de São Paulo de carona de caminhão com Carol, uma amiga. O ano era 1998 e a viagem não foi fácil para as duas. Chegando em São Paulo Melissa adoeceu e deu despesas para a cafetina que a acolheu. Preocupada em como pagaria a despesa que tinha sido grande, Melissa recebeu com surpresa a notícia da cafetina que rasgou a conta e disse que ela poderia começar do zero.



Imagem 54: Melissa Reis, a Moça da Taça. Foto/JeanDosAnjos, 2017.

Mas as surpresas nem sempre seriam boas para Melissa. São Paulo foi se mostrando uma cidade violenta. Um dia, trabalhando na Rua dos Coqueiros, Carol foi assassinada. A violência e a morte caminhavam por perto das moças. A vida era sempre por

um fio. A cafetina ligou para a família de Carol, mas a mãe disse que não tinha interesse pelo corpo do "filho", que ele poderia ser enterrado em São Paulo mesmo. Mas quando soube que havia um valor que ela poderia receber logo disponibilizou-se a resolver as questões burocráticas.

A cafetina não enviou o dinheiro de Carol para a mãe. Investiu o valor em um jazigo no Cemitério da Consolação que serviria para sepultar Carol e outras travestis em situação de vulnerabilidade. As condições de vida da população LGBT são precarizadas e o Estado pouco se mobiliza para atender as demandas para que vidas sejam preservadas e existam com dignidade.

No Brasil, os crimes de ódio contra LGBT's não são contados por um sistema oficial e estatal de denúncia. Em artigo na revista *Le Monde Diplomatique Brasil*, o Prof. Dr. Renan Quinalha (2019) denuncia que os direitos LGBT's sob o governo Bolsonaro estão na linha de tiro. O atual Presidente da República representa valores associados à defesa da família tradicional, à heterossexualidade compulsória e a uma visão de mundo religiosa. E mais: as bandeiras do presidente refletem o êxito de um pânico moral alimentado há tempos e coloca a comunidade LGBT como alvo das políticas e práticas de morte.

"Ter filho gay é falta de porrada", disse Bolsonaro²⁸, revelando sua bandeira perversa contra toda a população LGBT. É nesse cenário que Quinalha (2019) pergunta se devemos levar a sério o conjunto de agressões e provocações homofóbicas proferidas pelo presidente.

Ou podemos acreditar no mantra "as instituições estão funcionando perfeitamente no país", agarrando-nos à esperança de que as convicções pessoais e os impulsos homofóbicos do presidente serão enfraquecidos e neutralizados por um sistema de justiça vigilante e comprometido com os direitos humanos? (QUINALHA, 2019, p. 5)

A resposta ao professor Quinalha veio no mesmo mês em que saiu a publicação dele na revista quando o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu enquadrar homofobia e transfobia como crimes de racismo.

O Plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) entendeu que houve omissão inconstitucional do Congresso Nacional por não editar lei que criminalize atos de homofobia e de transfobia. O julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO) 26, de relatoria do ministro Celso de Mello, e do Mandado de Injunção (MI) 4733, relatado pelo ministro Edson Fachin, foi concluído na tarde desta quinta-feira (13). Por maioria, a Corte reconheceu a mora do Congresso Nacional para incriminar atos atentatórios a direitos fundamentais dos integrantes da comunidade LGBT. Os ministros Celso de Mello, Edson Fachin, Alexandre de Moraes, Luís Roberto Barroso, Rosa Weber, Luiz Fux, Cármen Lúcia e Gilmar

²⁸"Ter filho gay é falta de porrada", diz Bolsonaro. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/ter-filho-gay-e-falta-de-porrada-diz-bolsonaro/> Acesso em: 08 Ago. 2019.

Mendes votaram pelo enquadramento da homofobia e da transfobia como tipo penal definido na Lei do Racismo (Lei 7.716/1989) até que o Congresso Nacional edite lei sobre a matéria. Nesse ponto, ficaram vencidos os ministros Ricardo Lewandowski e Dias Toffoli, por entenderem que a conduta só pode ser punida mediante lei aprovada pelo Legislativo. O ministro Marco Aurélio não reconhecia a mora. (STF enquadra homofobia e transfobia como crimes de racismo ao reconhecer omissão legislativa. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=414010> Acesso em: 30 Ago. 2019)

Por mais que a decisão do STF nos dê alegria e nos dê esperança sabemos que as transformações estruturais na cultura de ódio à população LGBT não mudam conforme a lei, mas depende de toda uma organização educacional desde a formação básica na escola até a universidade. O governo federal não reconhece essa demanda e, ao contrário, destrói qualquer organização pedagógica que dê alicerce à educação sexual e de gênero na escola. Nada será fácil diante de tantos absurdos do atual governo.

Melissa Reis desafia o tempo e as práticas de ódio. A estimativa de vida de pessoas transexuais e travestis no Brasil é de 35 anos²⁹. Dandara dos Santos, moradora do bairro Conjunto Ceará, em Fortaleza, foi assassinada com requintes de crueldade no bairro Bom Jardim, em 2017³⁰. O caso de Dandara teve repercussão mundial, mas nem isso diminuiu a incidência de crimes de ódio no Brasil. Com uma trajetória de vida onde a prostituição e a drogadição estiveram presentes, Dandara não conseguiu sobreviver do afeto e do amor conquistado por todos e todas que a conheciam. Torturada e morta, virou estatística em um dos países onde mais se matam LGBT's no mundo³¹.

De São Paulo Melissa foi para Rio de Janeiro onde se especializou em *megahair*, prática de alongamento de cabelo. No Rio, trabalhou em pontos de prostituição na Lapa e lá era protegida pelo Seu Zé Pilintra, seu mestre na Umbanda. Nota-se que a ligação de Melissa com a espiritualidade nunca se partiu. Ainda no Rio, Melissa começou um namoro que a tirou das ruas. Em 1999 voltou para Fortaleza.

A vivência de pouco mais de um ano de Melissa no sudeste brasileiro trouxe a ela muita experiência de vida. O contato com o mundo da prostituição e de pequenos delitos em São Paulo e no Rio, além dos desafios cotidianos de conviver com cafetinas e cafetões,

²⁹ Expectativa de vida de transexuais e travestis no Brasil é de 35 anos. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-travestis-no-brasil-e-de-35-anos/> Acesso em: 30 Jul. 2019.

³⁰ 'Meu filho vivia sendo humilhado': caso Dandara expõe tragédia de viver e morrer travesti no Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39227148> Acesso em 30 Jul. 2019.

³¹ Morrer por ser gay: o mapa-múndi da homofobia. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/19/internacional/1553026147_774690.html Acesso em: 30 Jul. 2019.

disputas de espaços com outras prostitutas, entre outras coisas, mostraram a Melissa a importância de viver mais perto de seus familiares e amigos.

De volta a Fortaleza Melissa trabalhou em salões de beleza e foi envolvendo-se com o mundo das drogas. Sofria com o preconceito para conseguir empregos, pois os donos de salão não queriam empregar travestis. Em alguns casos era pedido que ela cortasse o cabelo e se vestisse como homem. De 1999 a 2009 foi só diversão e trabalho, conta a moça. Até que em 2009 casou-se, separando-se em 2014 quando o marido não aguentou mais o convívio de Melissa com o mundo das drogas. Do consumo de cocaína passou para o consumo de crack.

Com dívidas perto de R\$ 12.000,00, Melissa passava pela mira de revólver de traficantes da área e foi se vendo no fundo do poço vendendo tudo o que tinha em casa para continuar consumindo drogas e pagando as dívidas. Parecia que não havia mais saída para Melissa até que ela sentiu que poderia ser resgatada do que ela chama de umbral.

Foi na Cabana do Preto Velho da Mata Escura que Melissa Reis ouviu o chamado da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas e resolveu reconstruir sua vida. Melissa já frequentava os terreiros do Bom Jardim desde a adolescência e, depois que voltou do Rio, passou a frequentar a Cabana e fazer amizade com o Pai de Santo e a comunidade.

Melissa entrou primeiro no Candomblé sendo filha de Oxóssi. Depois entrou na Umbanda sendo seu guia o Índio da Solidão. Em 2011 fez santo no Candomblé e em 2014 recebeu em sua cabeça a entidade na Umbanda. Mas foi com a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas que Melissa foi transformando sua vida. Ela me conta que sua vida pode ser dividida entre antes e depois da Pombagira. Um dos episódios extraordinários que Melissa me conta é quando uma cliente da Pombagira que não a conhecia recebeu um recado da Rainha e foi deixar para ela. A cliente estava sendo atendida pela Pombagira na cabeça de Pai Valdo quando a Moça mandou um aviso para Melissa: “Eu estou sabendo de tudo que está acontecendo. Vou dar um jeito de resolver tudo”. A cliente entregou o aviso e deu o abraço que a Moça mandou. Melissa recebeu o abraço de sua cura. Melissa Reis se entregou à Rainha Pombagira que virou a mulher de sua vida, a mulher que a salvou. Hoje, Melissa está limpa.

Melissa começou a cambonar a Rainha Pombagira em 2014. Seu Exu é o Labareda e sua Pombagira é a própria Rainha. Ela me falou que já recebeu em sua cabeça Dona Sete Encruzilhadas em outros terreiros porque na Cabana só o Pai de Santo recebia. As pessoas que cambonaram a Pombagira antes de Melissa não estavam mais na religião. Um estava na igreja evangélica, mas não fala mal da entidade que tanto cuidou.

Durante as giras preparatórias para a festa de 2018, Melissa se ausentou por alguns dias. Por conta de atritos com a decoradora da festa, Melissa quase desistiu de tudo. E mais, foi humilhada por um filho de santo da casa no grupo de *WhatsApp*. Foi tratada com desprezo e foi magoada profundamente. Melissa foi atacada por ser quem ela é, pela sua trajetória de vida. Seu nome foi jogado na lama. A Pombagira tratou de resolver as questões com as pessoas envolvidas. Mas na festa eu mesmo senti que Melissa não estava bem apesar de ela não confirmar as minhas suspeitas.

No dia 21 de março de 2019, quinta-feira, fui a uma gira de Exu na Cabana. Para mim era um dia de campo para a pesquisa, um dia comum. Antes da gira começar estava conversando com Melissa e outras duas pessoas sentadas no batente em frente ao quarto da Pombagira. Foi quando o Pai de Santo passou e avisou, jocosamente, que Melissa iria receber a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas naquela noite. Todos riram, eu inclusive. Uma das pessoas imaginou Melissa vestida com a roupa da Pombagira e, tendo o corpo diferente do Pai de Santo, ficaria engraçada.

A gira começou e o Pai de Santo não incorporou como de praxe. Era uma gira em que outro médium, filho de santo da casa, receberia seus guias para ser consagrado. Fui acompanhando tudo com atenção, pois como a sequência que aprendi observando o Pai de Santo e seus guias até a chegada da Rainha não ia ser realizada como costumeiramente.

Por volta das 21hs Pai Valdo foi se retirando do barracão principal. Eu o acompanhei. Melissa estava na gira e ele a chamou dizendo, seriamente, que ela iria receber a Rainha Pombagira. Melissa respondeu que não, mas Pai Valdo foi puxando-a pelo braço para o quarto da Pombagira. Aquela situação era muito inusitada para mim. Melissa seguia recusando e Pai Valdo afirmava, contundente, que a Moça ia incorporar nela. Pai Valdo colocou Melissa dentro da casa da Pombagira e, virando para trás, olhando seriamente nos meus olhos, disse: "Se prepare que a próxima será você!". Congelei de surpresa, fascinação e medo. Todos os sentimentos misturados.

Em menos de um minuto a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas estava em terra na cabeça de Melissa Reis. E, obviamente, ela não vestiu os vestidos que geralmente usa quando está na cabeça de Pai Valdo. O Pai de Santo ficou cambonando a Rainha junto com Weverton e ela entrou, maravilhosa, dentro do barracão. Todos e todas que estavam no terreiro receberam a Rainha com muita louvação, mas não escondiam a surpresa. Eu, em quase seis anos de campo, nunca vi a Rainha em outra cabeça.

A pessoa que humilhou Melissa levou o pano da costa para a Rainha. Ela mesmo tratou de colocar e ajustar no corpo da Moça. A pessoa abraçou a Moça e chorou. A Rainha

abraçava-o e fazia carinho em seu corpo. Eu fui às lágrimas. A cena, que não estava prevista para a minha pesquisa, impactou-me.

A Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas brilhou na cabeça de Melissa Reis. E mostrou a todos e todas da comunidade da Cabana do Preto Velho da Mata Escura que Melissa é sua filha amada e é protegida por ela. Pai Valdo de Iansã, generosamente, realizou o encontro de sua filha de santo com a sua guia espiritual mostrando para toda a comunidade que a humildade na Umbanda é um dos valores mais caros.

Melissa Reis, filha da Rainha, tornou-se também rainha. Recebeu da comunidade o respeito e a consideração que sempre mereceu. A vitória, o sucesso e o triunfo chegaram para aquela que foi tão humilhada e desrespeitada. O corpo de Melissa transfigurado no corpo da Rainha Pombagira virou festa. O seu amor e a sua devoção à Rainha transformaram seu corpo em festa. Umbanda, mais uma estrela brilhou.

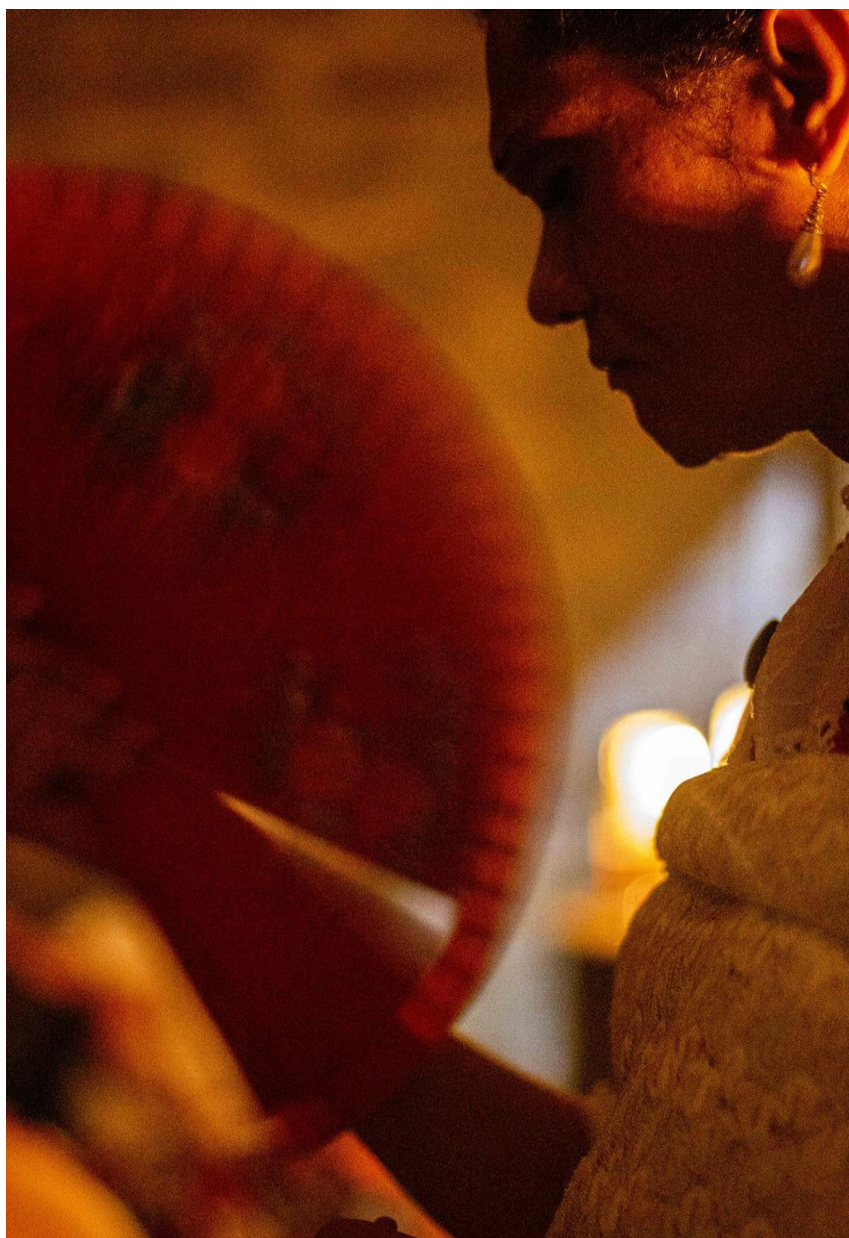


Imagem 55: Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas. Foto/JeanDosAnjos, 2019.

4. CAMINHOS ABERTOS, VENCENDO GUERRAS³²

*"Respeito muito minhas lágrimas
Mas ainda mais minha risada
Escrevo assim minhas palavras
Na voz de uma mulher sagrada".
Caetano Veloso*

A etnografia deste trabalho desvela as relações sociais na Cabana do Preto Velho da Mata Escura durante a realização dos preparativos e da Festa da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas. Revela traços culturais de um terreiro de Umbanda e de Candomblé, sendo que a pesquisa foi focada na Umbanda e na entidade Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas. Há uma devoção muito forte à Pombagira que se mostra como um espírito de mulher encarnada no Pai Valdo de Iansã dando conselhos, recomendações e tratando doenças materiais e espirituais por meio de rituais de fé e de cura. Dessa devoção nasce o amor da comunidade pela entidade e a entidade é tratada como mãe, irmã, amiga, companheira, advogada.

A Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas é uma mulher. E não é uma mulher porque eu estou dizendo que é. Ela é mulher porque ela diz que é. E se ela diz "eu sou mulher" é porque ela é. A afirmação da Pombagira quando ela canta seu ponto "Eu sou mulher..." e todos/as respondem "Ela é mulher.." ressoa em cada entrelinha deste trabalho. Porque ela é o que afirma ser.

A experiência etnográfica revela que, na Cabana do Preto Velho da Mata Escura, em Fortaleza, ela é uma modelo de mulher. Sua festa e os preparativos para que a mesma aconteça revelam que sua presença na vida de cada um e cada uma no terreiro é intensa e mobilizadora. A Rainha Pombagira, desde a primeira gira, mobilizou as pessoas para que obtivessem a vitória, o triunfo e o sucesso. E a festa, onde ela mobiliza todos os corpos com o seu corpo sagrado, é a consagração da comunhão da vida. A vida em abundância.

Pombagira é mulher de fé, mulher de sete maridos, mulher que trabalha na encruzilhada, mulher que não teme a perigo. Pombagira não é preguiçosa, não está à toa, não é medrosa, não deixa seus filhos e filhas na mão. A Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas cuida de todos e todas com o seu palavreado, com a sua magia, sua gira, seu pensamento. E o seu pensamento é o pensamento forte. O segredo sagrado da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas é a força do seu pensamento, revelou esta etnografia.

³² Optei por não realizar uma conclusão formal. A etnografia sobre a Festa da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas abriu meus caminhos para novas possibilidades: um doutorado. A cabana do Preto Velho da Mata Escura e do Orixá dos Ventos, Oyá, é um caminho aberto.



Imagem 56: Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas. Foto/JeanDosAnjos, 2018.

E todo o seu pensamento é materializado nos padês, nos perfumes, no cabelo longo e bem cuidado pelo seu cavalo, na rodada da saia, nos pontos, no olhar e na pegada. A Pombagira pega forte, abraça e sente o corpo da gente no corpo dela. Pombagira é corpo a corpo. Corpo da moça oferecido à comunidade da Cabana do Preto Velho da Mata Escura, do Bom Jardim, de Fortaleza e, quiçá, do mundo. A mulher é uma mensageira entre os mundos, afinal, ela é um Exu. Está entre os mundos e passeia entre eles. Passeia para ajudar quem precisa. Está em todo lugar porque está nas encruzilhadas do pensamento. Porque é memória da pele e é ancestralidade. É a mulher do começo e do fim do mundo.

Pombagira é uma mulher brasileira. Ela é rainha e filha da Umbanda. A Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas da Cabana do Preto Velho da Mata Escura é uma invenção do Pai Valdo de Iansã. É inventada no corpo do Pai de Santo e no corpo da comunidade da Cabana. Ela é construída em Fortaleza, no Ceará. Filha do Bom Jardim, é criada na ancestralidade do bairro que é o berço da magia da cidade. Pombagira é criação da (e na) espiritualidade da comunidade. É sopro de vida que move o vento de Iansã, dona do terreiro. Ela é carne porque encarna, como disse Mãe Aparecida. Pombagira é encarnação de mulher. Se banha com o sangue consagrado do sacrifício oferecido aos deuses de todos os mundos. Ela é uma mulher vestida de sangue.

A festa, fenômeno presente da vida humana, além de realizar a comunhão da comunidade da Cabana do Preto Velho da Mata Escura, torna a Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas conhecida na cidade porque é pública. As setes giras que precedem a festa dão sentidos e significados à mesma preparando a comunidade para o recebimento e agradecimento das graças alcançadas. O cortejo dos assentamentos das entidades pela cidade revela que a Umbanda se relaciona com a metrópole e nos faz pensar sobre as práticas religiosas dessa religião, o arreamento de despachos nas encruzilhadas mudam o cenário de Fortaleza. A prática do sacrifício na cerimônia da matança corrobora para o entendimento das relações de comunhão entre a entidade e a comunidade. A matança, além de ser o alimento do sagrado, é o alimento que é comungado com a família de santo e com os/as convidados/as à mesa na Festa da Rainha.

A sensível trajetória de vida de Melissa Reis nos provoca a pensar o corpo travesti em terreiros de Umbanda e Candomblé, as tensões e rupturas que ele provoca, além de todo o debate de gênero e sexualidade que é feito de forma tímida por conta dos preceitos religiosos. A devoção de Melissa Reis à Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas marca fortemente sua vida em um país onde os direitos das pessoas travestis e transexuais não são respeitados.

As imagens que produziram a narrativa visual desta dissertação foram criando interação entre mim e a comunidade gerando confiança e muitas conversas informais que me ajudaram a entender a experiência do terreiro. Foi uma experiência da restituição. O ato de dar a fotografia e ouvir da pessoa que recebeu sobre o momento em que ela, ou a sua entidade, foi fotografada é um modelo de interação excelente para os pesquisadores e pesquisadoras que usam as metodologias da antropologia visual. As fotografias, algumas premiadas em eventos acadêmicos³³, foram fortalecendo a pesquisa constituindo um mapa para compreender o próprio trabalho que estava sendo construído. O uso das imagens visuais deu significados particulares à pesquisa e, hoje, fazem parte da memória social do terreiro.

Montar a narrativa visual exigiu um comprometimento ético e estético com a pesquisa etnográfica. A intimidade que conquisei no terreiro me permitiu fotografar todas as cerimônias, mas nem tudo poderia ser exposto por questões religiosas e éticas. As fotografias produzidas para este trabalho são um empreendimento de rigor antropológico, geração de conhecimento e constituição de debate nas ciências humanas e sociais.

Amor, festa e devoção narra a história, ou parte da história, da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas da Cabana do Preto Velho da Mata Escura; a comunhão que a festa realiza provocando relações sociais, memória, tradição e rupturas em Fortaleza; a invenção de uma comunidade de terreiro de Umbanda que resiste à intolerância religiosa e ao racismo; e a experiência extraordinária de uma mulher sagrada que teima em desafiar o mundo masculino, mesmo com todas as ambiguidades intrínsecas à experiência humana. Essa história é de fé, esperança e caridade. E é, também, de contradições, lutas e desafios. A experiência divina e humana dentro de um tempo sagrado e secular. O olhar de um pesquisador que treme o corpo ao som do tambor e chora com a presença da Mulher das Encruzilhadas. Laroyê!

³³O ensaio "Exu Mulher - A Festa da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas" foi selecionado para o Prêmio Pierre Verger 2018, da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), em Brasília-DF. O ensaio "Ela é mulher" recebeu Menção Honrosa no III Encontro de Antropologia Visual da América Amazônica, na Universidade Federal do Pará (UFPA), em 2018.

REFERÊNCIAS

AHLERT, Martina. **Cidade relicário**: uma etnografia sobre Terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão). 2013. 282 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/13742> Acesso em: 02 Jul. 2019.

ALMEIDA, Leonardo Oliveira de. **Eu sou o ogã confirmado da casa**: ogãs e energias espirituais em rituais de umbanda. 2015. 184f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10933> Acesso em: 31 Jul. 2019.

ANJOS, Jean Souza dos. **A Festa da Moça**: notas sobre a festa de Dona Pombagira. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais). Departamento de Ciências Sociais. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

ARAÚJO, Sheilla Sousa. **A arquitetura iconográfica dos altares dos terreiros de umbanda em Caucaia e Fortaleza no Ceará**: uma prática arte-educadora multicultural. 2015. 87f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/19679> Acesso em: 31 Jul. 2019.

AUGRAS, Monique. **Imaginário da magia**: magia do imaginário. Petrópolis, RJ: Vozes, Rio de Janeiro; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2009.

BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não**. Lisboa: Editorial Presença, 2009.

BADER, Wolfgang. Prefácio - Dos espaços da marginalidade alemã ao universo das culturas afro-americanas: vida e obra de Hubert Fichte. In: FICHTE, Hubert. **Etnopoesia**: Antropologia poética das religiões afro-americanas. São Paulo? Editora Brasiliense S.A., 1987.

BARBOSA, Francirosy Campos. Somos afetados: experiências mágicas e imagéticas no campo religioso. In: **A experiência da imagem na etnografia**. BARBOSA, Andréa ... [et al.]. São Paulo: Terceiro Nome, 2016.

BARROS, Mariana Leal de. **"Labareda, teu nome é mulher!"**: análise etnopsicológica do feminino à luz de Pombagira. Tese de Doutorado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/ USP - Dep. de Psicologia e Educação. Área de concentração: Psicologia. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-18012011-111738/en.php> Acesso em: 08 Ago. 2019.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia**: rito nagô. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BATAILLE, Georges. **Teoria da religião**: seguida de Esquema de uma história das religiões. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BEATA DE YEMONJÁ, Mãe. O samba na casa de Exu. In: **Caroço de Dendê**: a sabedoria dos terreiros: como Ialorixás e Babalorixás passam seus conhecimentos a seus filhos. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

BECKER, Howard. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. Marco Estevão Renato Aguiar (trad.). 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BETHENCOURT, Francisco. **O imaginário da magia**: feitiçeras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BÍBLIA. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1985.

BIRMAN, Patrícia. **O que é umbanda**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

BRAGA, Julio. **Oritamejé**: o antropólogo na encruzilhada. Feira de Santana: Universidade Federal de Feira de Santana, 2000.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro Editora, 2001.

BURNET, Ron. **Cultures of vision**: Imagens, media and the imagery. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1995.

CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades**: ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1979.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 2006.

CANTUÁRIO, Maria Zelma de Araújo Madeira. **A maternidade simbólica na religião Afro-Brasileira**: aspectos socioculturais da mãe-de-santo na umbanda em Fortaleza. 2009. 251 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza-CE, 2009. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/2251> Acesso em: 31 Jul. 2019.

CAPRARA, Andrea. Médico ferido: omolu nos labirintos da doença. In.: ALVES, PC., and RABELO, MC. orgs. **Antropologia da saúde**: traçando identidade e explorando fronteiras [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 1998. 248 p. ISBN 85-7316-151-5. Available from SciELO Books . <http://books.scielo.org>.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.

CAVALCANTE, Elita Maria Mendonça. **Áa Mulher!** - Uma análise antro-semiótica da performance de Maria Padilha na umbanda. 2018.164f.- Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Art, Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Fortaleza (CE), 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/38334> Acesso em: 31 Jul. 2019.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CLIFFORD, James; MARCUS, George (Org.). **Writing Culture**: The Poetics and Politics of Ethnography. Berkeley: University of California Press, 1986.

COPQUE, Bárbara. Sobre imagens: meninos na rua, meninos-fotógrafos. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers. **Antropologia e imagens, vol 1**: narrativas diversas. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

CORDEIRO, Maria da Conceição da Silva. **Doença de feitiço**: aspecto da cosmologia amazônica. Macapá: UNIFAP, 2017.

DE LARGY HEALY, Jessica. **Pour une anthropologie de la restitution**: archives culturelles et transmissions des savoirs en Australie. Cahiers d'ethnomusicologie, Paris, n. 24, p. 45-65, 2011. Disponível em: <http://ethnomusicologie.revues.org/1747> . Acesso em: 07 Ago. 2019.

DERRIDA, Jacques. A Estrutura, o Signo e o Jogo no Discurso das Ciências Humanas. In: DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a Diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971. P. 229-249.)

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem**: questão colocada aos fins de uma história da arte. São Paulo: Editora 34, 2013.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência**: gangues, galeras e movimento hip hop. São Paulo: Annablume, 1998.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Antropologia da e na cidade, interpretações sobre as formas da vida urbana**. Porto Alegre: Marcavizual, 2013.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das religiões**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **Mito do Eterno Retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.

_____. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. Tradução de Paula Siqueira. Cadernos de campo n. 13: 155-161, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50263/54376>> Acesso em: 08 Ago. 2019.

FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Míriam L. Moreira (orgs.). **Desafios da Imagem**: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências Sociais. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

FICHTE, Hubert. **Etnopoesia**: Antropologia poética das religiões afro-americanas. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

_____. **Obras e vidas**: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2018.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. Petrópolis: Vozes, 2011.

GIALDINO, Irene Vasilachis. **Estrategias de investigación cualitativa**. Barcelona: Gedisa, 2006.

GIL, José. **Metamorfoses do corpo**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.

GINZBURG, Carlo. **História Noturna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.

GOLDMAN, Marcio. **A construção ritual da pessoa**: a possessão no Candomblé. *Religião e Sociedade* 12 (1): 22-54 (ago. 1985). Disponível em: <http://www.academia.edu/13330020/A_Constru%C3%A7%C3%A3o_Ritual_da_Pessoa_a_Possess%C3%A3o_no_Candombl%C3%A9>. Acesso em: 08 Ago. 2019.

_____. **Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia**. *Cadernos de campo*. n. 13. 149-153, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50262/54375>>. Acesso em: 08 Ago. 2019.

GOMES, Melina Sousa. **Trabalha quem pode, bebe e canta quem tem juízo**: etnografando o uso ritualístico de álcool em um terreiro de umbanda. 2014. 158f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10498> Acesso em: 31 Jul. 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HOLANDA, Cristina Rodrigues (Organizadora). **Negros no Ceará**: história, memória e etnicidade. Fortaleza: Museu do Ceará / Secult / Imopec, 2009.

HOLANDA, Violeta Maria de Siqueira. **OBALUAIÊ**: um estudo sobre o estigma no convívio com o HIV/Aids em terreiros de Umbanda na cidade de Fortaleza-Ceará. 2013. 175 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal

do Rio Grande do Norte, Natal, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/handle/123456789/13817> Acesso em: 31 Jul. 2019.

INGOLD, Tim. **Antropologia: para que serve**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2019.

KOFES, Suely. **Uma trajetória, em narrativas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

LANDES, Ruth. **A Cidade das Mulheres**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1967.

LELOUP, Jean-Yves. **O evangelho de João**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
_____. **O pensamento selvagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LEWIS, Ioan. **Êxtase Religioso: Um Estudo Antropológico da Possessão por Espírito e do Xamanismo**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1977.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAPURUNGA, José. **Bom Jardim**. Fortaleza: Secultfor, 2015.

MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Silvia Caiuby. **O imaginário e o poético nas ciências Sociais**. Bauru, SP: Edusc, 2005.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MENEZES, Nilza. **Arreda homem que aí vem mulher**, representações da Pombagira. São Paulo: Fortune, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MICHELET, Jules. **A feiticeira**. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1974.

NEGRÃO, Lísias. **Entre a Cruz e a Encruzilhada**: Formação do Campo Umbandista em São Paulo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

NOVAES, Sylvia Caiuby (org). **Entre a Arte e a Ciência**: A Fotografia na Antropologia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

_____. Imagem e ciências sociais: Trajetória de uma relação difícil. In. BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro da; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana (orgs). **Imagem-Conhecimento**: Antropologia, cinema e outros diálogos. Campinas, SP: Papirus, 2009.

OLIVEIRA, Jéssica Hiroko de. Narrativas Imagéticas. In.: ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Antropologia da e na cidade, interpretações sobre as formas da vida urbana**. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. **Das macumbas à umbanda**: uma análise histórica da construção de uma religião brasileira. Limeira, SP: Editora do conhecimento, 2008.

OLIVEIRA, Laís Cordeiro de. "**Rei de Paus na Avenida de Novo!**": Coprodução de Personagens, Objetos e Lugares no Maracatu Cearense. 2019. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza-CE, 2019. Disponível em: http://www.uece.br/ppgsociologia/index.php/arquivos/doc_view/846-?tmpl=component&format=raw Acesso em: 11 Ago. 2019.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**: umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1999.

OTAVIANO, Kelma Luzia Nunes. **ORI INU**: conhecimentos e práticas ancestrais afro-brasileiras na saúde mental. 2013. 96f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7552> Acesso em: 25 Jan. 2020.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

PEIXOTO, Norberto. **Umbanda**: Pé no Chão. Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2008.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Os tambores estão frios**: herança cultural e sincretismo religioso no ritual de Candomblé. Juiz de Fora: Funalfa Edições e Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.

PEREIRA, Ilaina Damasceno Pereira. **Performance e visibilidade da Umbanda em Fortaleza, Ceará**: por uma utopia de direito à cidade. XIV Colóquio Internacional de Geocrítica. Las utopias y la construcción de la sociedad del futuro. Barcelona, 2-7 de mayo de 2016. Disponível em: http://www.ub.edu/geocrit/xiv_ilainapereira.pdf Acesso em: 31 Jul. 2019.

PEREIRA, Linconly Jesus Alencar. **A umbanda em Fortaleza**: análise dos significados presentes nos pontos cantados e riscados nos rituais religiosos. 2012. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3316> Acesso em 31 Jul. 2019.

PEREZ, Léa Freitas. **Festa, religião e cidade**: corpo e alma do Brasil. Porto Alegre: Medianiz, 2011.

_____. Festa para além da festa. In. PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania. Orgs. **Festa como perspectiva e em perspectiva**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia**: Pertencimento, Corpo-Dança Afroanterior e Tradição Oral Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei nº 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015.

PORDEUS Jr., Ismael. **Umbanda**: Ceará em transe. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

_____. **Festa de Iemanjá**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.

_____. **A Magia do Trabalho**: macumba cearense e festas de possessão. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1993.

_____. **Transnacionalização das religiões afro-brasileiras**: conversão e performances. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Pombagira dos Candomblés e as faces inconfessadas do Brasil**. Disponível em: http://anpocs.com/images/stories/RBCS/26/rbcs26_07.pdf Acesso em 08 Ago. 2019.

QUINALHA, Renan. Os direitos LGBT sob o governo Bolsonaro. **Le Monde Diplomatique Brasil**. São Paulo. Ano 12. Número 143, p. 4-5. Junho, 2019.

RATTS, Alex. **Traços étnicos**: espacialidades e culturas negras e indígenas. Fortaleza: Museu do Ceará: Secult, 2009.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** (tomo 1). Campinas, SP: Papyrus, 1994.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**: crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RIVAS NETO, F. **Umbanda**: a proto-síntese cósmica / Caboclo Sete Espadas. São Paulo: Pensamento, 2007.

SAMAIN, Etienne (organizador). **O Fotográfico**. São Paulo: Editora Hucitec / Editora Senac São Paulo, 2005.

_____. **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

SANTOS, Francisco Gleidson Vieira dos. **A Pomba-Gira no Imaginário da Prostitutas**. 2006. 87 f. Monografia (Curso de Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2006.

_____. **“Na esquina da rua eu vi uma mulher”**: Um estudo sobre a relação entre prostitutas e a Pombagira. Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder. ST 26: Prostituição, gênero e cidade. Florianópolis, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST26/Francisco_%20Gleidson_%20Vieira_%20dos_%20Santos_26.pdf Acesso em: 26 Jun. 2017.

SARACENI, Rubens. **Doutrina e teologia de umbanda sagrada**: a religião dos mistérios um hino de amor a vida. São Paulo: Madras, 2008.

_____. **O guardião da meia-noite** / inspirado em Pai Benedito de Aruanda: São Paulo: Madras, 2015.

_____. **Orixá Pombagira**: fundamentação do mistério na Umbanda. São Paulo: Madras, 2017.

SILVA, Jandson Ferreira da. **Quem é filho de Gérson não deve temer a ninguém!** Trajetória de uma mãe-da-santo na Umbanda. 2009. 141f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2009. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7169> Acesso em 31 Jul. 2019

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O Antropólogo e sua Magia**: Trabalho de campo e Texto Etnográfico nas Pesquisas Antropológicas sobre Religiões Afro-brasileiras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **Candomblé e umbanda**: caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2005.

_____. **Exu**: o guardião da casa do futuro. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

SOARES, Simone Simões Ferreira. **A importância da Antropologia Visual nas Monografias Etnográficas**. Revista das Ciências Sociais. V. 32, N. 1/2, 2001. P. 113 a 119. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/9950/1/2001_art_ssfsoares.pdf . Acesso em: 08 Ago. 2019.

SOAVE, Maria. **A amante, a sábia, a guerreira, a feiticeira** – uma poética ecofeminista do Novo Testamento. São Leopoldo/RS: Centro de Estudos Bíblicos, 2002.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Encenando o invisível**: a construção da pessoa em ritos mediúnicos e performances de "auto-ajuda". *Religião e sociedade*, Rio de Janeiro, 29 (1): 13-29, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rs/v29n1/v29n1a01.pdf> Acesso em: 06 Ago. 2019.

TURNER, Victor. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. **Por uma estética da restituição**: notas sobre o uso do vídeo na pesquisa antropológica. *Tessituras, Pelotas*, v. 2, n. 2, p. 162-200, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21234/1/2015_art_afcvale.pdf>. Acesso em: 26 Jun. 2017.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade**: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás deuses iorubás na África e no Novo Mundo**. Salvador: Corrupio, 2002.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e Alma** - Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2002.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina** = Street corner society: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

ZONABEND, Françoise. **Temps et contretemps**. In: CHALANSET, A.; DANZIGER, C. (Org.). *Nom, Prénom: La Règle et le Jeu*. Paris: Éditions Autrement, 1994. p. 96-97.